

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIEL AGUIRRE CAMPOS

GOVERNANÇA TURÍSTICA E HOSPITALIDADE: PERCEPÇÕES  
SOBRE A PASTORAL DO TURISMO NO BRASIL

Curitiba

2025

DANIEL AGUIRRE CAMPOS

GOVERNANÇA TURÍSTICA E HOSPITALIDADE: PERCEPÇÕES  
SOBRE A PASTORAL DO TURISMO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, no Setor de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Beneditini Brusadin

Curitiba

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Campos, Daniel Aguirre.

Governança turística e hospitalidade : percepções sobre a Pastoral do Turismo no Brasil / Daniel Aguirre Campos – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciência Humanas. Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin

1. Turismo – Estudo e ensino. 2. Turismo – Hospitalidade. 3. Turismo – Aspectos religiosos. 4. Turismo – Infraestrutura. 5. Turismo e Estado. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -  
40001016079P9

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DANIEL AGUIRRE CAMPOS**, intitulada: **GOVERNANÇA TURÍSTICA E HOSPITALIDADE: PERCEPÇÕES SOBRE A PASTORAL DO TURISMO NO BRASIL**, sob orientação do Prof. Dr. LEANDRO BENEDINI BRUSADIN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

28/03/2025 17:07:21.0

LEANDRO BENEDINI BRUSADIN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

28/03/2025 17:35:02.0

JOSÉ ELMAR FEGER

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/04/2025 10:56:34.0

ALEXANDRE PANOSSO NETTO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP)

## AGRADECIMENTOS

“Somos simples servos. Apenas fizemos o que devíamos ter feito” (Lc. 17,10). Esse é um dos ensinamentos de Jesus que sempre me vem à mente na hora de fazer agradecimentos, mas reconheço que alguns são necessários. Por isso quero agradecer à governança e à hospitalidade que instituições e pessoas tiveram comigo ao longo desta pesquisa.

À Coordenação da Pastoral do Turismo Nacional (PASTUR), que me permitiu participar de eventos e reuniões para compor o arcabouço desta pesquisa.

À Universidade Federal do Paraná, que, por meio do Programa de Pós-Graduação em Turismo, possibilitou-me realizar esta trajetória.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento através de bolsa durante todo o período da pesquisa.

Ao Prof. Dr. José Elmar Feger, que me acolheu no Programa de Pós-Graduação, incentivou e ajudou a esboçar o projeto deste mestrado.

Ao Prof. Dr. Luiz Ernesto Brembati, primeiro orientador desta dissertação, que me conduziu por diversos conhecimentos para firmar a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin, meu orientador, por aceitar este desafio e que com seus dons me apresentou a hospitalidade humanística que completou esta pesquisa.

Aos demais professores e servidores da UFPR, que sempre estiveram dispostos a me ajudar neste percurso, inclusive com uma boa dose de café.

Por fim, aos incontáveis simples servos *in pectore* que possibilitaram e apoiaram o sonho que virou realidade e que agora pode ajudar o Turismo a crescer na Governança e Hospitalidade.

O turismo é um meio de unir, ao mesmo tempo,  
o homem com o homem e o homem com Deus.

**Tomas Cook**

## RESUMO

O turismo tem, na governança turística e na hospitalidade, dois componentes significativos para o desenvolvimento do setor. Esses dois elementos integrados se entrelaçam no objeto da presente pesquisa, a Pastoral do Turismo (PASTUR), organismo da Igreja Católica criada pelo Vaticano em 1969 presente no Brasil por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O objetivo geral desta pesquisa é interpretar os instrumentos de governança e hospitalidade por meio da Pastoral do Turismo em prol do desenvolvimento do turismo brasileiro. Os objetivos específicos concentram-se em compreender os elementos de governança turística e hospitalidade presentes na Pastoral do Turismo; analisar os elementos de governança turística na ação desenvolvida pela Igreja Católica no âmbito da PASTUR; identificar as práticas de hospitalidade da PASTUR que convergem com a hospitalidade presentes na Bíblia e, por fim, propor elementos comuns de governança turística e hospitalidade para uma atuação mais acolhedora dentre os atores do turismo. O referencial teórico é formado por autores de cada componente abordado frente aos estudos de governança turística como Gonzalez (2013), Trentin (2017) e Kalaoum (2021), bem como dos estudos de hospitalidade como Noguero (2019) e Rodrigues (2015). Como procedimento metodológico adotou-se a abordagem qualitativa com um estudo bibliográfico e outras metodologias auxiliares como a pesquisa documental, além de entrevistas e observação participante em atividades da PASTUR. Conclui-se que o turismo pode ser beneficiado com o resultado da pesquisa, tendo ferramentas para novas pesquisas nesse campo como a matriz analítica de governança e hospitalidade diante da interlocução com organismos da Igreja e outros setores da sociedade.

**Palavras-chave:** turismo; hospitalidade; governança turística; Pastoral do Turismo; humanismo.

## ABSTRACT

Tourism has, in tourism governance and hospitality, two significant components for the development of the sector. These two integrated elements are intertwined in the subject of this research, the Pastoral do Turismo (PASTUR), an organization of the Catholic Church created by the Vatican in 1969 and present in Brazil through the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB). The general aim of this research is to interpret the instruments of governance and hospitality used by the Pastoral do Turismo to promote the development of Brazilian tourism. The specific objectives focus on understanding the elements of tourism governance and hospitality present in the Pastoral do Turismo; analyzing the elements of tourism governance in the action developed by the Catholic Church in the context of PASTUR; identifying the hospitality practices of PASTUR that converge with the hospitality present in the Bible and, finally, proposing common elements of tourism governance and hospitality for a more welcoming action among tourism actors. The theoretical framework is made up of authors from each component addressed in tourism governance studies such as Gonzalez (2013), Trentin (2017) and Kalaoum (2021), as well as hospitality studies such as Noguero (2019) and Rodrigues (2015). As a methodological procedure, a qualitative approach was adopted with a bibliographical study and other auxiliary methodologies such as documentary research, as well as interviews and participant observation in PASTUR activities. The conclusion is that tourism can benefit from the results of this research, providing tools for further research in this field, such as the analytical matrix of governance and hospitality in relation to dialogue with Church organizations and other sectors of society.

**Keywords:** tourism; hospitality; tourism governance; Pastoral of Tourism; humanism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Esquema da organização da pastoral.....	50
FIGURA 2 – Campanha PASTUR 01 .....	52
FIGURA 3 – Campanha PASTUR 02 .....	52
FIGURA 4 – Campanha PASTUR 03 .....	52
FIGURA 5 – Campanha PASTUR 04 .....	52
FIGURA 6 – Campanha servir 01 .....	53
FIGURA 7 – Campanha servir 02 .....	53

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Estruturas de governança.....	20
QUADRO 2 – Características da governança.....	21
QUADRO 3 – Principais dimensões para governança de turismo.....	24
QUADRO 4 – Hospitalidade recebida por Jesus.....	38
QUADRO 5 – Cenas de hospitalidade e comensalidade.....	40
QUADRO 6 – Encontros Nacionais da Pastoral do Turismo no Brasil.....	49
QUADRO 7 – Mapeamento acadêmico a respeito da Pastoral do Turismo.....	58
QUADRO 8 – Matriz analítica de governança e hospitalidade.....	80

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	14
<b>3. GOVERNANÇA E HOSPITALIDADE NO TURISMO</b> .....	19
3.1 A GOVERNANÇA .....	19
3.1.1 Governança turística.....	23
3.2 A HOSPITALIDADE COMO INSPIRAÇÃO RELIGIOSA .....	27
3.2.1 Hospitalidade na Bíblia .....	31
3.2.2 A hospitalidade na Bíblia como aspiração para o turismo .....	35
<b>4. DESENVOLVIMENTO DA GOVERNANÇA E DA HOSPITALIDADE NA PASTORAL DO TURISMO</b> .....	43
4.1 A PASTORAL DO TURISMO CONTRIBUTO DA IGREJA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO.....	44
4.2 O DESENVOLVIMENTO DA PASTORAL DO TURISMO NO BRASIL .....	48
4.2.1 Encontros Nacionais e Campanhas da Pastoral do Turismo no Brasil. ....	49
4.3 PRODUÇÃO ACADÊMICA A RESPEITO DA PASTORAL DO TURISMO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ATIVIDADE.....	56
<b>5. PRINCÍPIOS DE GOVERNANÇA E HOSPITALIDADE NA PASTORAL DO TURISMO DO BRASIL</b> .....	63
5.1 A GOVERNANÇA TURÍSTICA NA PERCEPÇÃO DA PASTUR .....	66
5.2 A PASTUR SOB A ÉGIDE DA HOSPITALIDADE.....	69
5.3 EVOLUÇÃO DA GOVERNANÇA NA PASTUR DO BRASIL .....	73
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83
<b>ANEXO 1 – ESTATUTO DA PASTORAL DO TURISMO DO BRASIL</b> .....	88
<b>ANEXO 2 – FOLDER CAMPANHA COPA DO MUNDO 2014</b> .....	95
<b>APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS DA PESQUISA</b> .....	96

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo tem capacidade de interagir com os mais diversos setores da sociedade e mostra-se como um propulsor de desenvolvimento na atualidade, conseguindo atrair interesse de diversas instituições, inclusive da Igreja Católica Apostólica Romana que criou um organismo para se fazer atuante na governança do turismo, oferecendo um olhar de hospitalidade. Entretanto, o potencial de crescimento do turismo pode causar danos à sociedade, especialmente diante da ausência de planejamento e pesquisa com um olhar humanista para os viajantes e comunidades receptoras.

Esta pesquisa é fruto das inquietações enquanto guia de turismo, sacerdote, turista e por ora pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná (PPGTurismo-UFPR). É uma pesquisa descritiva, explicativa e avaliativa (Veal, 2011) de um pesquisador do fenômeno turístico de dentro da Igreja Católica que há dez anos acompanha os desdobramentos da Pastoral do Turismo em âmbito nacional.

Conforme dados oficiais, o Brasil tem 300 municípios que oferecem atrativos no segmento religioso, em sua grande maioria templos e festividades da Igreja Católica. Foram identificados 96 destinos que têm um calendário próprio para o turismo religioso e que movimentam a economia dos destinos (BRASIL, 2022).

Pode-se diagnosticar que, sendo a Igreja Católica meta desse volume de turistas, a parceria pública e privada com os líderes da Igreja possibilita, na perspectiva da boa governança, algumas características: participação, associação público-privada, prestação de contas, capacidade de resposta, transparência, eficiência e legitimidade (Roldán; Corbo; Castellucci, 2017).

Dessa maneira, começou a surgir na academia alguns estudos sobre a atuação da Igreja no campo do turismo, como será visto, a qual se utiliza de um organismo nomeado de Pastoral do Turismo (PASTUR) (Vaticano, 1969) com um olhar humanístico para o turismo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2009).

A PASTUR se insere no organograma das atividades da Igreja no Brasil, no setor da mobilidade humana, que reúne todas as pastorais que têm um cunho social (Filho; Aguirre, 2021). Em pesquisa prévia notou-se que ao falar de Igreja e turismo, a atenção se volte para o turismo religioso em que os estudos de Steil (2001; 2003; 2018) e Dias (2003) são referências com um olhar mais antropológico e relacionado ao peregrino ou devoto. Tais pesquisas possuem enfoque prioritário no fenômeno religioso e não no fenômeno turístico,

diferentemente da presente pesquisa não trata da movimentação do turismo religioso propriamente dito.

Este trabalho discute a governança e hospitalidade, especialmente no papel exercido pela Igreja Católica nos diversos destinos turísticos em que ela está presente, por meio da PASTUR. Desse modo, as igrejas são atrativos turísticos que se tornam destino de muitos turistas pelo valor arquitetônico, histórico e cultural (MTur, 2010).

A hipótese é que existe uma governança turística na atuação da PASTUR em certos destinos turísticos, levando por meio da boa governança (Roldán *et al.*, 2017) elementos para uma administração mais inclusiva e participativa. Tal contribuição é importante, para a execução e avaliação de projetos que visam maior satisfação e qualidade de serviço prestado ao turismo. De acordo com Kalaoum e Trigo (2021), governança turística é participação dos diversos atores do turismo que gera desenvolvimento da atividade turística.

No tocante à hospitalidade, o trabalho irá estruturar e reunir algumas proposições sobre o assunto, tendo como fundamento a hospitalidade na Bíblia para aprofundar na bibliografia já existente sobre a PASTUR. Desta forma, um conceito sobre hospitalidade nos ajuda a entender o caminho que vamos percorrer. Ancorado em Noguero (2019), “esta palavra assume aqui o seguinte sentido: recepção e benefício que são dispensados aos visitantes, com ou sem caráter gratuito” (Noguero, 2019, p. 29).

Pretendeu-se, com isso, pesquisar a governança exercida pela PASTUR, entrelaçada com a hospitalidade cristã, como ferramenta oferecida aos atores envolvidos no trade turístico, para analisar e propor ações para o setor. Para tanto, analisamos a atuação da PASTUR no âmbito nacional por meio da coordenação estabelecida pela Igreja Católica.

Serão analisados elementos de governança e hospitalidade na trajetória das ações, desenvolvidas pela mesma, além de confrontar elementos sugeridos por estudos realizados sobre governança turística com destaque para Coutinho e Nóbrega (2019), González (2013), Trentin (2017) Kalaoum e Trigo (2022) e Santos Júnior (2023). Estudo sobre hospitalidade com destaque para Brusadin (2021), Boff (2005), Noguero e Neto (2019), Gotman (2009), Grinover (2007), Rodrigues (2015), Camargo (2006), Correia (2014) e Marcelino e Bastos (2022).

Os referenciais sobre PASTUR será De Jesus (2019), Filho e Aguirre (2021), Vilas Boas (2012), Moreno (2016) que já realizaram pesquisas sob outra perspectiva. Outra referência teórica da PASTUR, as Orientações para a Pastoral do Turismo, do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Imigrantes e Itinerantes (2001), apresenta o tema do turismo e

sociedade, em que pode-se perceber elementos de governança mesmo que indiretamente.

Isto posto, surge a problemática se seria possível entrelaçar os instrumentos de governança com a hospitalidade na atividade turística? A PASTUR seria um organismo capaz de realizar tal premissa? Esses questionamentos fazem parte da presente pesquisa de mestrado.

Contanto, o objetivo geral dessa pesquisa é interpretar os instrumentos de governança e hospitalidade por meio da Pastoral do Turismo em prol do desenvolvimento do turismo brasileiro. Os objetivos específicos são: compreender os elementos de governança turística e hospitalidade presentes na Pastoral do Turismo; analisar os elementos de governança turística na ação desenvolvida pela Igreja Católica no âmbito da PASTUR; identificar as práticas de hospitalidade da PASTUR que convergem com a hospitalidade presentes na Bíblia e; propor elementos comuns de governança turística e hospitalidade para uma atuação mais acolhedora dentre os atores do turismo.

Optou-se para este trabalho uma metodologia qualitativa com estudo bibliográfico, bibliométrico, entrevistas e observação participante, além de outras metodologias auxiliares, como a pesquisa documental, para alcançar os objetivos da pesquisa.

A pesquisa adquire uma relevância social e acadêmica diante do ineditismo da possibilidade de integrar duas linhas de reflexão, a da Igreja Católica e da academia, numa oportunidade de partilhar os dois conhecimentos e ajudar na formação e atuação dos atores envolvidos na governança da PASTUR e na governança do Estado na relação com a Igreja, como pode ser percebido no Estado do Paraná com a criação do G.T. de Turismo Religioso (PARANÁ, 2013).

Nota-se, ainda, a importância e viabilidade da pesquisa no campo prático para contribuir com o desenvolvimento da área de turismo em destinos religiosos. No campo teórico, este trabalho pretende contribuir para o referencial dedicado a interpretar a governança turística sob a ótica da Igreja Católica. Dessa forma, o turismo pode ser beneficiado com o resultado desta pesquisa e terá ferramentas para novas pesquisas nesse campo.

Coadunamos com Sartori (2020) na necessidade de pesquisar a PASTUR para uma melhor compreensão da atuação da Igreja no turismo, sendo importante:

Analisar os papéis da Pastoral do Turismo dentro do contexto do turismo no Brasil é outra possibilidade, por trabalhar com determinados grupos e temáticas, vinculadas diretamente a uma instituição religiosa, envolvendo a todo momento novos significados do sagrado e profano para a religiosidade e o turismo (Sartori, 2020 p. 240).

A pesquisa vem ao encontro dessa constatação ao investigar a governança e hospitalidade nas práticas preconizadas por esse organismo, que está presente no setor do turismo. Um estudo aprofundado será realizado nas dissertações e teses que margeiam o objeto de estudo dessa dissertação.

Será relevante para o Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná e para o presente pesquisador oferecer para a academia a primeira dissertação sobre a Pastoral do Turismo em um programa de Turismo e desenvolvimento diante do intuito de contribuir para novas pesquisas e desdobramentos dessa pesquisa iniciada.

Na sequência desta introdução, o primeiro capítulo vem situando os procedimentos metodológicos. Por sua vez, o segundo capítulo aborda os conceitos de governança e hospitalidade no turismo, com foco na governança de modo geral e, depois, com foco na governança turística. A hospitalidade é analisada neste capítulo a partir de uma inspiração religiosa e aprofundada na Bíblia e na sequência vista como aspiração para o turismo.

O terceiro capítulo analisa o desenvolvimento da governança e hospitalidade na Pastoral do Turismo e a contribuição da Igreja para o desenvolvimento do turismo e, em seguida, discorre sobre o desenvolvimento da Pastoral do Turismo no Brasil. Analisa a produção acadêmica a respeito da Pastoral do Turismo e sua contribuição para a atividade.

O quarto capítulo é o resultado das entrevistas realizadas com a coordenação do organismo em questão e vai esclarecer como a hospitalidade e governança são vistas e desenvolvidas conforme a percepção dos entrevistados. Assim, as considerações finais vêm em seguida indicando novos horizontes de pesquisa e apresentando um dos principais produtos, que é fruto dessa dissertação com uma matriz analítica.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é elemento fundamento do trabalho científico. Coadunamos com Ascanio (2010) ao dizer que na ciência não existe verdade absoluta, mas métodos para alcançar explicações de determinados fenômenos. Este é o exercício que nos propomos com os procedimentos adotados nesta pesquisa.

Portanto, para atingir o objetivo da pesquisa, faz-se necessária uma metodologia que permita investigar as fontes e delas extrair os resultados que se pretende para o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa científica oferece diversos caminhos para chegar a esse objetivo. A abordagem escolhida é a qualitativa, que abarca uma grande gama de termos, conceitos e suposições que podem favorecer a pesquisa (Denzin; Lincoln, 2011).

A pesquisa qualitativa é um caminho metodológico e interpretativo que se concentra no estudo de fenômenos sociais e humanos, levando em consideração o nível de realidade que não pode ser quantificado (Minayo, 2014). Dentro desse método foi escolhida a abordagem fenomenológica e interpretativa que busca compreender o significado do fenômeno estudado por meio da interpretação das ações, intenção e valores dos envolvidos na PASTUR. Vale destacar que essa análise requer que o pesquisador adote uma postura reflexiva e interpretativa, buscando compreender o significado dos discursos e textos analisados (Assis; Monteiro, 2023).

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionadas ao tema. Será também documental, tendo em vista os documentos produzidos pelo Vaticano, pelo Magistério da Igreja e pela própria PASTUR. Alguns desses documentos não receberam tratamento analítico e outros podem ser reelaborados com foco na pesquisa em questão (Dencker, 1998).

A revisão bibliográfica envolve a análise crítica da literatura existente sobre o tema em questão (Lakatos; Marconi, 2003). A abordagem metodológica exploratória busca compreender e interpretar as informações e ideias presentes na literatura, especialmente diante dos autores clássicos e de pesquisa bibliográfica em base de dados.

É sabido que “a revisão da literatura cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado” (Creswell, 2010). Para alcançar um portfólio bibliográfico satisfatório o método adotado foi o ProKnow-C - Knowledge Development Process-Constructivist.

Esse método consiste em vários passos, sendo o primeiro a definição das palavras-chaves a serem utilizadas na pesquisa, seguido na sequência da definição do banco de dados onde a busca será realizada, e de um teste de aderência com leituras de alguns artigos alinhados. Depois é feito a exclusão de artigos repetidos e, por fim, a identificação do alinhamento com o tema, identificação da atualidade dos artigos e dos artigos relevantes, identificação de alinhamento com o tema lendo os resumos. É averiguada a disponibilidade dos artigos para leitura e, depois da leitura completa, percebe-se o alinhamento com o tema e por fim os artigos que chegaram a essa etapa fizeram parte do portfólio bibliográfico da pesquisa.

Esse processo metodológico foi usado em pesquisas de governança turística por Coutinho e Nóbrega (2019). Na pesquisa realizada por esses autores aparece em relevo a autora escolhida para guiar a pesquisa na temática de governança turística, Maria Velasco Gonzalez (2013). Também foi realizada pesquisa bibliométrica a fim de apurar as fontes teóricas.

Para essa dissertação foi feita uma pesquisa no mês de outubro de 2023 conforme método citado. Na primeira tentativa as palavras chaves foram *Tourism and Religious and Governance*, na base SCOPUS, num total de 46 documentos encontrados. Na leitura dos títulos, foi escolhido o filtro na área da matéria excluindo ciência ambiental, chegando ao total de 37 documentos. A leitura do resumo de alguns artigos nos fez voltar ao início da pesquisa por notar pouca aderência com o objetivo.

Na segunda tentativa, decidiu-se mudar uma das palavras no intuito de ser mais assertivo quanto ao objeto da pesquisa, por isso usamos as palavras, *Tourism and Religious and Pastoral*, obtendo 08 documentos encontrados. Na leitura dos títulos, o filtro foi aplicado na área da matéria excluindo ciências da terra e planetária e ciências agrárias e biológicas, chegando ao total de 06 documentos. Ao final de todas as etapas restaram dois artigos que versam sobre a temática analisada, mas por se tratar de artigos europeus em países onde a PASTUR não atua como nos moldes do Brasil, são inferências que precisam de um aprofundamento.

Uma terceira tentativa fez-se pelo conhecimento de algumas obras sobre o tema e que constituem um valioso material para o desenvolvimento da pesquisa. Foi realizada uma busca de algumas fontes primárias no portal da Capes – catálogo de teses e dissertações, acessado no dia 24 de outubro de 2023. Nesse levantamento bibliográfico chegamos a seis documentos relacionados à Pastoral do Turismo e três documentos relacionados à governança do turismo

religioso. As demais fases do método foram realizadas e com isso chegamos a cinco documentos que irão fazer parte da pesquisa.

Ao final da revisão percebe-se que existe uma lacuna que não foi pesquisada, por isso a análise da governança turística desempenhada pela PASTUR no Brasil torna-se necessária, já que a pouca literatura não analisa a PASTUR como um organismo de governança, o que torna o tema ainda pouco conhecido. O mesmo vale para a hospitalidade que não tem nenhuma referência relacionada ao objeto da pesquisa no ponto que é tratada.

A coleta de dados já vinha sendo realizada por outros estudos realizados mesmo antes dessa pesquisa, mas agora esses dados ganham um novo olhar conforme os objetivos da pesquisa. Por isso pode-se afirmar que a primeira coleta de dados realizada e publicada está no Marco Histórico e Pastoral da Pastoral do Turismo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2021) no qual o presente pesquisador também contribui como organizador, obra que inclusive torna-se essencial para qualquer pesquisa posterior.

Por uma questão de organização metodológica, prevaleceram apenas as coletas realizadas no decurso da pesquisa do mestrado. A primeira coleta foi no Encontro Nacional da PASTUR em Maringá/PR que aconteceu entre os dias 15 e 18 de novembro de 2023. A segunda coleta na reunião de coordenação nacional ocorrida em Brasília/DF nos dias 18 e 19 de junho de 2024. A terceira coleta no Encontro Nacional da PASTUR em Niterói/RJ entre os dias 07 e 10 de novembro de 2024. Além desses eventos específicos a coordenação nacional convidou para participar de outras reuniões transversais e eventos que colaboraram para a pesquisa.

Conforme a variedade de métodos e com vistas a alcançar o objetivo da pesquisa, decidiu-se pela observação participante (Veal, 2011) a notar pela relação já estabelecida com a PASTUR ao longo dos anos de parceria e estudos sobre a mesma. Isso facilita a pesquisa devido à falta de dados e material bibliográfico sobre o objeto da pesquisa. “Tornar-se parte do grupo é a maneira óbvia de estudá-lo” (Veal, 2011, p. 276).

O pesquisador participa ativamente do grupo ou situação que está sendo estudado, buscando compreender o significado e a dinâmica social envolvida. Através da observação direta e da interação com os participantes, o pesquisador pode obter insights profundos sobre as normas, valores, crenças e práticas do grupo (Assis; Monteiro, 2023, p. 13).

Para tanto, um protocolo observacional (Creswell, 2010) foi adotado. Esse procedimento consiste em registrar impressões por meio de fotografias e escritas em bloco de

notas, ajudando a dar confiabilidade à pesquisa e criando um material valioso para consultas posteriores no intuito de buscar conexões com o objeto da pesquisa.

Para tanto, foi importante a participação nas reuniões da coordenação nacional da PASTUR e nos dois encontros nacionais que ocorrem no desenvolvimento da pesquisa, para uma análise mais apurada. Além das entrevistas, também foram realizadas coletas de dados com representantes em âmbito nacional da PASTUR para entender a compreensão deles acerca dos temas que norteiam a pesquisa. “É preciso lembrar que grande parte dos conhecimentos existentes não pode ser encontrada na forma escrita, pois faz parte das experiências das pessoas” (Dencker, 1998, p. 166).

Conforme Assis e Monteiro (2023), a entrevista qualitativa busca compreender a visão dos participantes, suas experiências, crenças, opiniões e significados. Por isso as principais questões tiveram apenas uma palavra-chave dando ao entrevistado total liberdade para expressar sua percepção sobre a categoria em questão, também questões abertas foram feitas onde ele podia sugerir outras categorias.

Essa etapa foi facilitada pela vivência e afinidade, construída entre pesquisador e entrevistados ao longo dos anos, mitigando dificuldades e proporcionando confiança no momento da entrevista. Para ajudar foi construído um protocolo de entrevista (Creswell, 2010) específico para cada entrevistado conforme função dentro da PASTUR. Contribuíram para a criação do protocolo de entrevista desta pesquisa, as entrevistas realizadas por Moreno (2016) que podem nos ajudar a perceber a evolução do pensamento sobre governança e hospitalidade sob a ótica das lideranças da pastoral em questão.

O referencial teórico construído nesta dissertação com categorias de governança e hospitalidade serviu de base para a elaboração de algumas perguntas da entrevista. Para facilitar a compreensão dos entrevistados e criar uma metodologia, as entrevistas foram estruturadas por blocos de perguntas afins. O primeiro bloco introdutório perguntas genéricas sobre turismo e Pastoral do Turismo, que são o domínio dos entrevistados, o segundo bloco uma ambientação sobre governança e hospitalidade para avaliar o grau de entendimento deles conforme bibliografia da pesquisa. O terceiro bloco sobre as quatro dimensões da governança apontadas na pesquisa. O quarto bloco sobre as categorias de hospitalidade abstraídas da Bíblia.

Nota-se que essas entrevistas foram fundamentais para atingir os objetivos dessa pesquisa, para tanto, um bloco parte do objetivo principal e os demais dos objetivos específicos. Questionamo-nos acerca da necessidade de mais entrevistas, mas ao analisar as

características da coordenação nacional, como nível de entrosamento, tempo de participação e conhecimento da pastoral, constatou-se que esse universo escolhido já corresponde à necessidade da pesquisa que pede apenas uma amostra aleatória. O tamanho da amostra é suficiente, haja vista a relevância e representatividade dos entrevistados escolhidos, conforme pesquisa qualitativa (Minayo, 2012).

Para a escolha da amostra, também foi levado em conta a teoria de Stakeholders (Perkins, Khoo, Arcodia, 2022) que, entre os diferentes atores, aponta que três características são importantes: poder, urgência e legitimidade. Desse modo, entende-se que os entrevistados no cenário nacional da pastoral formam uma boa amostra para essa pesquisa, conforme a teoria observada.

Algumas perguntas específicas foram feitas inspiradas na pesquisa de Moreno (2016) para entender a evolução dos conceitos e visão da PASTUR na relação com o setor do turismo. A escolha dos entrevistados se deu com base na atuação e conhecimento que os mesmos tem sobre a pastoral, um dos entrevistados teve por foco a percepção institucional, outro com a percepção da gestão e a terceira com a percepção operacional, enriquecendo a pesquisa com diversos olhares.

Duas entrevistas foram realizadas de modo presencial com agendamento prévio, no Rio de Janeiro durante o Encontro Nacional em Niterói/RJ. A terceira entrevista foi por videoconferência devido à dificuldade de agenda e distâncias territoriais. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização e posteriormente transcritas para uso neste estudo e convertendo-se em dados a serem utilizados na pesquisa. Mesmo os entrevistados não achando necessário, foram feitos termos de consentimento livre e esclarecido, devidamente assinados, para salvaguardar a pesquisa.

Sendo a pesquisa um estudo crítico e inédito sobre a PASTUR, cabe esclarecer que, conforme a teoria crítica com foco no turismo, um ato é necessário evidenciar: o de interpretar. “Interpretar significa mais do que a simples descrição, como uma mera construção mental. Interpretar se trata de um discurso por construir” (Netto; Nechar, 2014, p. 134).

Por isso, é importante uma análise de conteúdo que ofereça procedimentos que ajudem a atingir os objetivos propostos. A análise foi feita em etapas: 1 – preparar o material, 2 – definir as categorias, 3 – estabelecer as regras de codificação, 4 – realizar a codificação, 5 – analisar os resultados. A análise qualitativa foi realizada através da interpretação dos significados dos dados. Tais procedimentos possibilitaram atingir os objetivos dessa pesquisa e podem ser usados em pesquisas futuras.

### 3. GOVERNANÇA E HOSPITALIDADE NO TURISMO

A presente pesquisa assume o desafio de entrelaçar governança, hospitalidade e turismo para analisar as práticas da Igreja Católica Apostólica Romana, no que tange as ações da Pastoral do Turismo. A pesquisa bibliográfica e documental, conforme metodologia adotada, será essencial para o desenvolvimento deste capítulo.

A hospitalidade pode ser inserida neste contexto diante das práticas humanísticas e caritativas desenvolvidas e motivadas pela instituição em questão, associadas às boas práticas, mas o desafio está em não perder o foco do turismo enquanto prática de mercado sem deixar de lado valores tão importantes para a sociedade. As categorias de análise que pretende-se estabelecer será fundamental para compreender os elementos de governança turística e hospitalidade a partir das práticas adotadas pela Pastoral do Turismo Nacional, objeto desta pesquisa.

Esse capítulo será desenvolvido por tópicos onde, primeiramente, discorrer-se-á sobre governança de modo amplo, passando para a governança turística e chegando à hospitalidade enquanto inspiração religiosa, o que permite fazer uma análise sobre a hospitalidade na Bíblia e a perceber a hospitalidade bíblica como aspiração para o turismo.

#### 3.1 A GOVERNANÇA

O tema da governança tem sido cada vez mais explorado e discutido nos diferentes meios como uma nova forma de interação e organização das instituições, seja no espaço público ou privado (Queiroz; Horrillo, 2015). É um modelo de gestão que foca na concepção e implementação de políticas públicas. Pode-se ainda destacar nesse modelo o interesse mais amplo da sociedade, prevenção no abuso do poder e uma nova conduta (Roldán; Corbo; Castellucci, 2017).

Considerando os diversos estudos sobre governança, destacam-se: o de Kooiman (1993), com clara referência aos atores sociais, políticos e administrativos; o de Rhodes (1997), com destaque para a auto-organização de redes interorganizacionais e a interdependência com autonomia do Estado; e ainda Mayntz (1998), que propõe a governança enquanto novo estilo de governo (Trentin, 2017).

Coadunamos com a constatação de Kalaoum (2023) sobre o conceito de governança ser amplo, polissêmico e aberto.

O conceito de Governança vem sendo utilizado de maneira recorrente e, por vezes confusa, em diversas literaturas científicas e em diversas áreas, como a da gestão e administração pública, da gestão privada, da saúde, do turismo etc. Os trabalhos de Ruhanen, Scott, Ritchie e Tkacynski (2010); Trentin (2016); Kissler e Heidemann (2006) apontam que Governança é um conceito amplo, polissêmico e aberto (Kalaoum, 2023, p. 106).

Portanto, para uma maior compreensão sobre governança e no intuito de encontrar um ambiente que melhor inclui o objeto desta pesquisa, apresentamos quatro estruturas de governança segundo a visão de Hall (2011) e apresentadas por Tomazzoni (2023) no quadro 1, onde é possível identificar características de cada uma dessas estruturas. Com isso pode-se perceber com qual das estruturas a PASTUR tem maior aderência estabelecendo a sua participação no processo de governança dentro do turismo, como será posteriormente apresentado.

QUADRO 1 – Estruturas de Governança

<b>Estrutura</b>	<b>Característica</b>
<b>Governança Hierárquica</b>	Declara o Estado como agente fundamental para a tomada de decisão, habilitado a determinar a formulação e a efetivação das políticas públicas.
<b>Governança Mercadológica</b>	Prioriza os interesses do mercado, de modo que as tomadas de decisão se dão com base na oferta e na demanda.
<b>Governança de Redes</b>	Estimula a interação entre o poder público e a iniciativa privada, para viabilizar deliberações resultantes de processos que proporcionam a reflexão, gerando debates a partir de diferentes perspectivas, culminando em parcerias entre esses agentes.
<b>Governança Comunitária</b>	Evidencia-se a participação civil, fortalecendo a coordenação de modo que apresente características de autogestão, voltada para questões de interesse local, favorecendo o desenvolvimento endógeno e minimizando a interferência do governo federal, estadual ou municipal nas tomadas de decisão

Fonte: Adaptado de Tomazzoni (2023).

Na vasta literatura do tema, além dessas estruturas citadas, muitos princípios são observados, dentre eles destaca-se a democracia, a transparência, participação plural, colaboração (Kalaoum; Trigo, 2021). Vale ainda evidência a participação dos atores envolvidos com sua variedade de papéis, a atuação do governo com transparência e a busca ativa da participação desses mesmos atores.

Deve-se entender a governança como uma interação entre os atores seja do setor público ou não público, para uma tomada de decisão (Trentin, 2017). As convergências sinalizadas no quadro abaixo ajudam a perceber elementos basilares de governança e

características que devem ser observadas no desenvolvimento das articulações nos mais variados meios que usam a governança, dentre eles o turismo.

QUADRO 2 – Características da Governança

<b>Elementos</b>	<b>Características</b>
<b>Participação e de partilha de poder</b>	Formulação de políticas não é considerada como o único domínio dos reguladores, mas as partes interessadas públicas e privadas de diferentes níveis devem participar do processo político como parte da parceria público-privada.
<b>Integração multinível</b>	A coordenação entre os diferentes níveis de governo precisa ocorrer tanto na horizontal como na vertical e deve envolver os atores privados.
<b>Diversidade e descentralização</b>	Em vez de uma abordagem legislativa ou norma regulamentar, uma variada gama de abordagens coordenadas é incentivada.
<b>Deliberação</b>	Maior deliberação entre atores públicos e privados é incentivada, de modo a melhorar a legitimação democrática do processo de formação de políticas.
<b>Flexibilidade e reversibilidade</b>	A adoção de medidas depende muitas vezes de diretrizes e flexíveis e padrões abertos que são implementados de forma voluntária e podem ser revistos conforme as mudanças das circunstâncias políticas.
<b>Experimentação e conhecimento criação</b>	Maior incentivo à experimentação local em medidas de governança, bem como a criação de conhecimento e o compartilhamento em conexão com o acompanhamento multilateral, o benchmarking e a troca de resultados e melhores práticas.
<b>Autonomia e autoridade</b>	Grau significativo de autonomia em relação Estado que é percebido e atua como um ator capaz de utilizar novas ferramentas e técnicas para orientar e guiar. A governança reconhece a capacidade fazer coisas que independentemente do poder do governo para comandar ou usar sua autoridade.

<b>Redes e interdependência</b>	Organização e atuação dos atores estatais e não estatais em redes de decisões mistas. Interdependência de recursos entre organizações.
<b>Cooperação e interação</b>	A cooperação entre atores da rede é necessária para o processo de tomada de decisão. Interações contínuas entre os membros da rede, causadas pela necessidade de trocar recursos e negociar objetivos compartilhados. Interações enraizadas na confiança e reguladas pelas normas que são negociadas e acordadas pelos participantes da rede.

Fonte: Trentin (2017).

Percebe-se que, tanto no quadro 1 como no quadro 2, a governança, para acontecer, depende da interação de diversos atores, os quais estão envolvidos em diversas esferas de governança conforme seus interesses e atuação na sociedade civil. É latente a ressignificação da atuação do estado como aponta Kalaoum (2023).

O referencial teórico usado para a pesquisa, aponta como visto nos quadros acima a importância da governança em rede. Kalaoum e Trigo (2021) indicam que na “governança em rede, há a integração de diferentes perspectivas políticas, além de parcerias público-privadas”. Tomazzoni (2023) corrobora com essa constatação vendo na formação de redes de cooperação uma possibilidade para desenvolver políticas públicas inclusive com a participação da comunidade local.

Essa realidade se desenvolve no campo do turismo e toma corpo por meio de mecanismos como o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e o Plano de Regionalização do Turismo (PRT). Por isso a governança turística é importante no arranjo institucional e de modo geral no turismo.

El llamado binomio gobernanza y turismo parte de la premisa de visualizar a la gobernanza como el proceso por el cual las sociedad tienden a categorizar o establecer ciertos criterios para decidir aquello que consideran como relevante y al mismo tiempo determinar los mecanismos y actores principales para una correcta rendición de cuentas (Graham, Amos y Plumtre, 2003: 1), es decir, va más allá de la mera idea del Estado incluyendo también a otros sectores como el privado y social. (Culebro Moreno, 2017, p. 60).

Essa constatação se une ao que pretende-se com essa pesquisa e por isso o tema da governança turística é fundamental para se entender a atuação que a PASTUR pode desempenhar no turismo. O plano nacional de turismo 2024-2027 também incentiva essa

governança num modelo de gestão descentralizado e regional. A parceria entre os diferentes entes federativos, a sociedade civil e o setor privado também se tornam essenciais para o sucesso desse modelo de gestão (MTur, 2024).

### 3.1.1 Governança turística

Ao fazer um recorte para a governança turística, toma-se por base a obra de María Velasco González (2013) que oferece uma pertinente reflexão nesse tema. Pode-se afirmar que a governança turística seria uma nova forma de liderar os processos de inovação, fortalecimento e mudança das dinâmicas turísticas em um espaço concreto.

La gobernanza del turismo o gobernanza turística sería una nueva forma de liderar los procesos de innovación, fortalecimiento y cambio de las dinámicas turísticas en un espacio concreto, incorporando para ello a actores públicos y privados la intención de tomar decisiones colectivas (González, 2013, p. 508).

A pesquisadora propõe que a governança é fundamental para as decisões que podem melhorar os destinos e gestão dos conflitos para ajudar a solucionar problemas que envolva atores relacionados à mesma, como guias de turismo e empresários.

La gobernanza turística ha de ser entendida como los procesos de decisión público-privados que van a mejorar la gestión de los conflictos que inevitablemente provoca la actividad en el destino. La gobernanza turística supondría avanzar un paso más en el gobierno del turismo (Velasco, 2007), ya que gobernanza es una idea ligada a la función de gobierno (González, 2013, p. 518).

Para tanto, é necessário entender a governança como processo social, tanto que a PASTUR, no organograma da instituição em que está vinculada (CNBB) é das pastorais sociais que procuram integrar em suas atividades a fé e o compromisso social, a oração e a ação, a religião e a prática do dia a dia, a ética e a política (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2001, p. 8).

Outros pesquisadores, sinalizam que a governança turística na atualidade tem desafios que precisam ser vencidos por meio da interação e nesse aspecto a Igreja pode ser uma aglutinadora no desenvolvimento e articulação:

Para o desenvolvimento da governança turística nas destinações, faz-se necessária a participação e articulação entre os diversos entes neste processo. A maneira pela qual esses atores interagem, poderá influenciar na forma como a atividade se desenvolverá nas localidades, principalmente no novo contexto social e estatal que desenham cenários mais democráticos e participativos (Coutinho; Nobrega, 2019, p. 67).

Iniciativas como as realizadas pela PASTUR na cidade de Salvador com parceria público-privadas vêm mostrando que essa articulação favorece o fomento do turismo e propicia uma governança mais democrática e participativa. Tal iniciativa fez com que novos roteiros fossem estabelecidos na cidade (Santos, 2023).

Na pesquisa de Kaizer (2022) são levantadas quatro principais dimensões para a governança do turismo que se aproxima da maneira como a Igreja por meio da pastoral se coloca no campo da governança do turismo. Mesmo a Igreja sendo uma instituição hierárquica, nos parece que no trato com a sociedade civil, adota uma postura democrática e no turismo não é diferente, por isso as dimensões sugeridas também coadunam com a posição adotada pela mesma na governança, inclusive no tocante a própria governança de redes, como já visto.

QUADRO 3 – Principais dimensões para governanças de turismo.

<b>Princípio</b>	<b>Referência</b>
<b>Democracia</b>	Kalaoum e Trigo (2021)
<b>Transparência</b>	Kalaoum e Trigo (2021) Queiroz e Rastrollo-Horrillo (2015) Dredge e Whitford (2011) Smith (2009)
<b>Participação plural</b>	Velasco González (2011; 2014) Conceição (2020) Queiroz e Rastrollo-Horrillo (2015) Smith (2009)
<b>Colaboração/Cooperação</b>	González (2014) Coutinho e Nóbrega (2021) Kalaoum e Trigo (2021)

Fonte: Kaizer (2021).

Como visto no quadro acima, os autores Kalaoum e Trigo (2021) são expoentes em quase todas as principais dimensões e nos apresentam uma definição que aglutina todas as dimensões que observamos na atuação da PASTUR no turismo de modo geral.

Pode-se dizer que governança turística precisa das relações de participação por meio das redes entre os diferentes atores do estado, mercado e sociedade civil que, por meio da cooperação e conflitos, desenvolvem a atividade turística, indo além do econômico, levando em conta o social, cultural e ambiental, atentos à transparência e à responsabilidade públicas comuns numa democracia (Kalaoum; Trigo, 2021).

Boff (2005) faz uma ponderação quanto ao poder das redes de cooperação no desenvolvimento das nações ao dizer que as redes não podem ser democráticas, porque destroem ou dificultam a participação igualitária, a liberdade para todos, o espírito de

cooperação, o respeito às leis e regras da democracia. No turismo isso também pode acontecer se a governança não contempla todo o setor. Por isso é importante para uma boa governança garantir o fundamento ético da democracia valorizando a pessoa humana como ser-de-relações construindo o bem comum e cooperando para uma convivência cooperativa, pacífica, respeitosa e compassiva (Boff, 2005).

Entretanto, três aspectos observados – social, cultural e ambiental – têm ligação com iniciativas observadas da PASTUR e já pesquisadas por autoras como Santos (2023) e Medeiros (2023) em dois núcleos específicos da cidade de Salvador onde esses aspectos fizeram com que a Igreja, por meio da PASTUR, incentivasse o turismo para melhorar a situação social da região estudada e valorizar o seu aspecto cultural.

Tanto o quadro 2 quanto o quadro 3 apresentam, em níveis diferentes, as mesmas categorias para mostrar a importância da governança no turismo. A PASTUR é um organismo que se forma da interação da Igreja com a comunidade, constituindo, assim, um grupo plural com os mais diversos representantes e que, muitas vezes, não fazem parte da governança turística, dando voz e vez a esses atores que precisam ser representados. Logo, ter um representante da PASTUR na governança dos atos do COMTUR gera maior participação e impacto, uma vez que os anseios e necessidades da comunidade local são considerados, como pesquisado por Feger *et al.* (2024):

Já a participação plural refere-se à participação de diversos agentes sociais do turismo no processo de governança. Eles podem ser nomeados aqui como setor público, privado, outras organizações e moradores dos espaços em que ocorre o turismo, ou seja, aqueles impactados por suas ações, os quais podem (e devem) fazer parte da tomada de decisões e metas compartilhadas (Fratucci, 2009; Queiroz & Rastrollo-Horrillo, 2015). Acima de tudo, a participação plural é fundamental para a completude (teórica) do conceito de governança em turismo (Gispert & Clavé, 2020), pois sem ela de pouco adianta existir a governança, que tem por objetivo a discussão, a colaboração para com os diferentes e o desenvolvimento do turismo como o fator principal que os une (Kalaoum; Trigo, 2021) (Feger *et al.*, 2024, p. 4).

Tal participação foi observada em Caldas Novas em um núcleo da PASTUR onde agentes participaram do processo administrativo, com representação fixa no COMTUR e demais instâncias (Filho; Aguirre, 2021). Para Sartori (2022), a governança dos destinos de turismo religioso tem o desafio de articular estratégias coletivas, mas que, muitas vezes, por envolverem as práticas e tradições de instituições religiosas, esses processos não dialogam da mesma forma, gerando novas barreiras e desafios a serem superados nas novas configurações que se apresentam para o turismo.

Santos Junior (2023) destaca que, “tratando-se de cidades cujo atrativo turístico principal seja religioso, supõe-se que a Igreja seria um ator importante para a articulação de políticas públicas, visando ao desenvolvimento local”. Nesse sentido, a PASTUR assume o protagonismo como representante da Igreja nesse *stakeholder*<sup>1</sup>, sendo ela conhecedora dos princípios da Igreja para o turismo, mas não deixa de ser um desafio.

Segundo Sartori (2022), os desafios da governança em destinos de turismo religioso são maiores e precisam superar o aspecto econômico, por envolverem oposições de conceitos entre o sagrado e o profano, que precisam coexistir dentro dos interesses de peregrinos e turistas religiosos, que convergem e divergem ao mesmo tempo. Portanto, a hospitalidade bíblica pode ser um contributo para sanar as divergências.

Moreno (2015) constata que o setor turístico com motivações religiosas no Brasil é fomentado essencialmente por três frentes: a iniciativa privada, representada por agências e operadoras de viagens; os governos, a partir de fluxos de investimentos das secretarias e Ministério do Turismo; e por fim, pela igreja, através da ação da Pastoral do Turismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

É importante assinalar que a Igreja se insere dentro da estrutura de governança no terceiro setor e, portanto, é um dos atores do turismo que assume postura de ação e que pode contribuir no turismo por meio da PASTUR. Pesquisas acadêmicas já discutem e analisam a governança da PASTUR na estrutura de governança de algumas cidades como Salvador e Aparecida (Santos, 2023; Santos Junior, 2023).

A carta encíclica do Papa Bento XVI sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (Vaticano, 2009), ao comentar acerca do desenvolvimento econômico e os contrastes que pode gerar do desenvolvimento da sociedade, esquecendo valores morais e a educação, coloca um exemplo sobre o turismo internacional de uma prática que na governança que a Igreja pretende exercer tem que ter uma atenção constante.

Um exemplo da relevância deste problema temo-lo no fenômeno do turismo internacional, que pode constituir notável fator de desenvolvimento econômico e de crescimento cultural, mas pode também transformar-se em ocasião de exploração e degradação moral. A situação atual oferece singulares oportunidades para que os aspectos econômicos do desenvolvimento, ou seja, os fluxos de dinheiro e o nascimento em sede local de significativas experiências empresariais, cheguem a combinar-se com os aspectos culturais, sendo o educativo o primeiro deles. Há casos onde isso ocorre, mas em muitos outros o turismo internacional é fenômeno deseducativo tanto para o turista como para as populações locais. Com frequência, estas são confrontadas com comportamentos imorais ou mesmo perversos, como no

---

<sup>1</sup> Grupo de pessoas e/ou entidades e organizações interessadas no turismo de uma localidade, no caso da PASTUR essa organização deve ser vista em âmbito nacional.

caso do chamado turismo sexual, em que são sacrificados muitos seres humanos, mesmo de tenra idade. É doloroso constatar que isto acontece frequentemente com o aval dos governos locais, com o silêncio dos governos donde provêm os turistas e com a cumplicidade de muitos agentes do setor (Vaticano, 2009, p. 61).

Nota-se nessa constatação que a atenção da Igreja na governança turística coloca em relevo para o setor de modo geral, um tema que precisa ter atenção da governança, isso pode sinalizar na pesquisa o tipo de atuação que a PASTUR desenvolve dentro da governança turística. Ao trazer temas tão diversos para a mesa do turismo a Igreja mostra-se atuante no setor e ao mesmo tempo exalta valores que movem sua atuação, nesse sentido se insere a hospitalidade que também será analisada nessa pesquisa.

Segundo Boff (2005), a governança mundial pede uma nova sociedade, assinalada por ele de geossociedade que coloca a hospitalidade como direito e dever de todos os povos, criando a base necessária para uma justiça universal mínima para alcançar a paz, por isso o autor destaca a necessidade de uma instância de governança global da humanidade.

Pode-se supor que a hospitalidade também passa a ser um princípio de governança no turismo, unindo-se aos já mencionados na pesquisa. O ideal de hospitalidade pode ajudar a formular leis e políticas públicas que favoreçam um turismo mais humanístico. A inspiração religiosa e bíblica pode ser um caminho para alcançar esse propósito.

### 3.2 A HOSPITALIDADE COMO INSPIRAÇÃO RELIGIOSA

A hospitalidade é mito, religião e relação. Camargo (2008) diz que “a hospitalidade é um assunto entre pessoas.” E todos concordamos que é um assunto de turismo, mas antes de aprofundar a pesquisa sobre hospitalidade na perspectiva de inspiração religiosa, cabe assumir uma definição de hospitalidade para guiar a estudo, portanto,

podemos definir *hospitalidade*, do ponto de vista analítico e operacional, como um processo de interação humana em contexto doméstico, urbano, comercial e virtual, dentro do qual um anfitrião recebe, eventualmente ainda hospedando, e/ou alimentando e/ou entretendo, um visitante/hóspede temporariamente deslocado de seu “habitat” natural (Camargo, 2019, p. 3).

Essa definição é um epitome que norteia a pesquisa e ao mesmo tempo possibilita o aprofundamento desejado no campo religioso para alcançar resultados de acordo ao proposto na pesquisa desde a mitologia. Um dos mitos de hospitalidade mais conhecidos é sem dúvida o Grego, onde Zeus com seu filho Hermes, descem a Terra para ver como essa realidade estava sendo desenvolvida pelos mortais. O Casal Filêmon e Báucis, são os que abrem as portas da casa e realizam uma hospitalidade com ritos. (Boff, 2005). No Ocidente, marcado

pela tradição judaico-cristã, são apresentadas outras referências com destaque para o casal Abraão e Sara no Antigo Testamento e com Jesus no Novo Testamento.

Tanto numa perspectiva quanto na outra, o objetivo é sempre exaltar práticas que fortalecem laços e geram benefícios para os envolvidos, numa constante atenção de cuidado que envolve ritos e crenças. A hospitalidade atravessa os séculos e chega à atualidade sendo solicitado pelos mais diversos segmentos da sociedade, dentre eles o turismo, mas sem perder esse princípio mitológico religioso.

Ainda no tocante a narrativa do mito, nota-se algumas dimensões de hospitalidade que podem servir de base para as categorias que são propostas neste estudo. Ao total são 13 dimensões apontadas por Boff (2005) e que podem servir ao turismo. A primeira é a sensibilidade percebida como inteligência emocional e que permite sentir e perceber a necessidade do outro. Na sequência vem a compaixão, que é um desprender-se de si e compartilhar a mesma paixão do outro. Como terceira dimensão tem-se a acolhida, fruto das duas já citadas e se revela em gestos concretos. É o convite para sentar-se que gera convívio humano, depois oferecer água fresca, que sacia e proporciona bem-estar. O acender o fogo que aquece e acolhe, sinal de vida e luz onde tem acolhida.

O lavar os pés é a sétima dimensão também presente na Bíblia e na tradição de algumas famílias onde “era sinal de hospitalidade inteira e do convite à convivência aberta” (Boff, 2005, p. 100). Dar de comer que envolve ritual e a consumação de uma relação e convivência. Dar de beber vinho é um gesto ligado à comensalidade e expressa alegria e festa por estar juntos.

Por isso que é preciso servir abundantemente, oferecer tudo é o teste da hospitalidade incondicional. Trata-se da hospitalidade irrestrita e sem preconceitos, por isso acontece o compartilhar a comensalidade como expressão de comunhão, de convivência e partilha. E, por fim, como última dimensão, busca-se oferecer a própria cama como expressão de entregar totalmente a própria intimidade. “Aqui a hospitalidade e a convivência alcançam sua culminância intransponível” (Boff, 2005, p. 102).

Panosso Netto e Lohmann (2012) apresentam um conceito de hospitalidade que coaduna com essa pesquisa:

Hospitalidade origina-se do radical latino *hospes, tis* “aquele que recebe o estrangeiro (*hostis*); aquele que é recebido” (Houaiss & Villar, 2001, p. 1553). Deste radical nasceram também as palavras hospital, hospício, hospedaria, hóspede, hotel, hotelaria e hostilidade, entre outras. Uma das origens do termo está nos mosteiros europeus do período medieval, que ofereciam hospedagem gratuita para os viajantes e peregrinos, e que são os precursores dos hotéis atuais (Panosso Netto e Lohmann, 2012, p. 68).

Lashley (2015) aprofunda o estudo de hospitalidade numa perspectiva cristã, apontando elementos que nos ajudam a perceber a importância dada pela religião na relação entre as pessoas e o espaço:

A religião cristã advoga a hospitalidade como um elemento essencial no comportamento dos fiéis. Vários dos ensinamentos do Novo Testamento também destacam o tratamento hospitaleiro de Cristo e dos discípulos. No entanto, a exigência de ser hospitaleiro para com os estrangeiros vai além do tratamento imediato dado por Jesus e pelos discípulos. Diz-se que os fiéis demonstram sua fé quando honram os pobres e os necessitados (Lashley, 2015, p. 74).

A hospitalidade é uma prática recorrente nos mais diversos ambientes e no turismo vem ganhando visibilidade. Em parte, isso se deve ao fato de etimologicamente significar acolher e receber. Em nossa pesquisa fomos buscar nas fontes sagradas elementos para justificar sua prática e incentivo por parte da pastoral como nos sinaliza os documentos da PASTUR (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2009) com destaque para o termo ativa hospitalidade, como será visto adiante ao analisar os documentos da Santa Sé.

Conforme Grinover (2007), é na esfera doméstica que acontece a plenitude da definição; ou seja, a hospitalidade é um modo de viver juntos, é dever sagrado, é dom e supõe acolhida, feita nos mosteiros e hospitais em viagens com motivação religiosa, carregadas de esperança que encontrava nas peregrinações sua concretização, perpassando para o turismo.

A esperança é assumida como categoria de hospitalidade que será amplamente difundida no cristianismo e usada para promover viagens a diversos locais até os dias atuais. Na Idade Média uma das motivações para viajar era a esperança de uma cura (Grinover, 2007) e em 2025, para as comemorações do Jubileu de nascimento de Jesus, o mote para as peregrinações que devem ocorrer em diversas cidades e principalmente em Roma é a esperança. Segundo a ministra do turismo da Itália, Daniela Santanchè, o país espera receber 32 milhões de turistas durante o Jubileu promovido pela Igreja Católica.

É possível associar a relação de esperança e cura com o turismo para destinos específicos como os das estâncias hidrotermais onde grandes complexos turísticos foram criados para o desenvolvimento de terapias curativas. Pode-se nomear algumas cidades com esse apelo como Caldas Novas em Goiás, Poços de Caldas em Minas Gerais e Águas de Lindóia em São Paulo. Posteriormente o turismo desses locais foi tomando outra direção como o turismo de lazer.

Todas essas perspectivas que envolve a hospitalidade, estão de acordo com a chamada “hospitalidade altruísta” desenvolvida com generosidade e benevolência, bem como uma

disposição de dar prazer aos outros (Lashley, 2015). Esse tipo de hospitalidade faz parte da chamada régua de Lashley que apresenta seis tipos de hospitalidade, a saber: hospitalidade de motivação oculta, hospitalidade restritiva, hospitalidade comercial, hospitalidade recíproca, hospitalidade redistributiva e a hospitalidade altruísta onde o anfitrião acolhe como um ato de generosidade, pelo prazer de acolher (Barbosa, Grechi, 2024).

Soma-se a isso os estudos de Derrida, inspirado em Lévinas que diz ser preciso acolher o outro com sua alteridade e de modo incondicional. (Brusadin; Panosso Netto, 2016). Por isso não se nega a hospitalidade ao forasteiro, pois é característica principal dela essa abertura para o outro, uma abertura moral e o direito a ser bem-vindo (Bastos, Rameh, Bitelli, 2016). A inspiração religiosa fica visível ao apresentar categorias desenvolvidas nas mais diversas religiões como será aprofundado no *corpus* escolhido para pesquisar na Bíblia essa abertura ao outro, ao direito de ser bem-vindo e sua condição de ser humano.

Importa frisar que a hospitalidade assume duas realidades no turismo, uma no aspecto de etiqueta norte americana e outra no sentido de acolhimento como constata Gotman:

A hospitalidade entrou na linguagem turística, tornando-se sinônimo e grife. Refiro-me aqui à etiqueta norte americana ‘hospitality’ e, mais amplamente, à difusão generalizada de uma terminologia hospitaleira empregada mesmo nos pontos menos acolhedores do mundo, donde os termos ‘acolhimento’, ‘hôtesse’ cuja função essencial é de atrair fluxos adicionais de viajantes (2009, p. 5).

Rejowski (2015), em estudo sobre teorização do turismo destaca a hospitalidade com suas respectivas configurações teóricas e seus pontos de contato ou atrito, apresenta três orientações, pesquisa em estudos de hospitalidade, pesquisa em gestão de hospitalidade e pesquisa critica em gestão de hospitalidade. Esta pesquisa se aproxima da primeira orientação, que tem o foco em assuntos sociais, algo mais reflexivo, eclético e com múltiplos interesses. Nesse sentido, o aspecto religioso pode ser mais facilmente aceito numa pesquisa acadêmica. Por isso, vamos direcionar nosso estudo para uma abordagem bíblica sem deixar de lado o rigor da pesquisa.

Nessa perspectiva de uma pesquisa que revela aspectos sociais, destaca-se uma ponderação do Papa Francisco, na Encíclica sobre a fraternidade e amizade social (Vaticano, 2020) que no capítulo III sobre pensar e gerar um mundo aberto, exorta a humanidade a compreender-se dentro de uma teia mais ampla de relações, na qual a hospitalidade é essencial para sua realização:

Não é sem razão que muitas populações pequenas e sobrevivendo em áreas desérticas conseguiram desenvolver uma generosa capacidade de acolhimento dos peregrinos que passavam, dando assim um sinal exemplar do dever sagrado da hospitalidade. Viveram-no também as comunidades monásticas medievais, como se

verifica na Regra de São Bento. Embora pudessem perturbar a ordem e o silêncio dos mosteiros, Bento exigia que se tratasse os pobres e os peregrinos «com toda a consideração e carinho possíveis». A hospitalidade é uma maneira concreta de não se privar deste desafio e deste dom que é o encontro com a humanidade mais além do próprio grupo. Aquelas pessoas reconheciam que todos os valores por elas cultivados deviam ser acompanhados por esta capacidade de se transcender a si mesmas numa abertura aos outros (Vaticano, 2020, p. 90).

A citação conforma com o referencial teórico desta pesquisa como Grinover (2007) ao dizer que a hospitalidade supõe acolhida e implica compartilhar, como fica evidente nas pequenas populações de áreas desérticas ou nas comunidades monásticas, que se transformam no “albergue de Cristo” (Grinover, 2007, p. 35).

Uma das instruções religiosas mais antigas de hospitalidade, está na Didaqué, um manual doutrinal que data do primeiro século e que parece ser inspirado na tradição oral e nos costumes dos primeiros cristãos. O pequeno capítulo que trata do tema é intitulado de Hospitalidade com discernimento e aponta alguns critérios a serem observados na hospitalidade para que não haja equívocos ou aproveitamento por parte do hóspede.

Primeiro delimita quem pode ser acolhido, só quem vier em nome do Senhor, ou seja, que compartilhem a mesma fé. Na sequência sugere que o hóspede seja examinado para ver quais são suas motivações. Reafirma a lei da hospitalidade de hospedar apenas por três dias. Aponta para o caso de continuidade que deve trabalhar para se sustentar ou que o anfitrião tenha prudência para saber como proceder, tendo cuidado para não incentivar o ócio.

O capítulo finaliza com uma possibilidade de hostilidade: “Se ele não quiser aceitar isso, é um comerciante de Cristo. Tenham cuidado com essa gente” (Didaqué, 2008, p. 25). Essa instrução é formulada dentro de um contexto de perseguição e conflito que os cristãos viviam, por isso alguns aspectos visam proteger os mesmos de ataques de grupos diferentes a sua fé. Todavia, na Bíblia é possível perceber outros elementos de hospitalidade que até hoje está presente na sociedade e no turismo, como será visto em seguida.

### 3.2.1 Hospitalidade na Bíblia<sup>2</sup>

A escolha em buscar na Bíblia os elementos para a hospitalidade desenvolvida na pesquisa se justifica pela relação íntima que existe entre o organismo pesquisado e o livro sagrado, bem como pelo referencial teórico escolhido para a pesquisa, mas também pela contribuição que a Bíblia pode dar para o turismo.

---

<sup>2</sup> Parte desta pesquisa foi publicada na *Revista Hospitalidade* em parceria com outros pesquisadores. Cf.: CAMPOS, D. A.; BRUSADIN, L. B.; VALDUGA, V. A hospitalidade na Bíblia e os rituais de comensalidade. **Revista Hospitalidade**. Dossiê: Gastronomias e Comensalidades, São Paulo, 2024, p. 841-861. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/1183>.

Corroborando com essa escolha as pesquisas de Camargo (2011), Grinover (2007), Noguero (2019) e Marcelino e Bastos (2022), sendo que estes últimos afirmam:

Um documento, tantas vezes revisto, manipulado e traduzido, que em meio a tantas perdas e ganhos, parece ainda carregar uma essência inspiradora a prosseguir independentemente do sentido de escolha que o indivíduo faça. Ele estimula o movimento das pessoas: a lutar e a recuar, a sorrir e a chorar, a incluir e a excluir, é dual como a hospitalidade, por isso este estudo discorre sobre algumas narrativas bíblicas sobre hospitalidade (Marcelino e Bastos, 2022, p. 132).

Ao falar em hospitalidade na Bíblia, a principal inspiração é da clássica passagem em que Abraão acolhe três homens em sua tenda, oferecendo a eles uma hospitalidade exemplar com todos os ritos possíveis, para que se sintam bem em sua tenda (Gn. 18, 1-14). A referência de Abraão, o hospitaleiro por excelência, chega até o Novo Testamento quando pode-se ler na carta aos Hebreus: “Não esqueçais a hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem saber, acolheram anjos” (Hb 13:2) é uma clara alusão ao narrado no livro de Gênesis. Segundo Marcelino e Bastos (2022), essa história representa a hospitalidade em sua “essência genuína” e onde se percebe a incondicionalidade derridiana, e o desenvolvimento da relação entre hóspede e anfitrião que irá se consolidar no decorrer das outras cenas que se apresentam na Bíblia.

Camargo (2011) converge ao analisar que “a questão da hospitalidade enquanto dever sagrado também recheia as páginas do Antigo e Novo Testamento, tendo neste, um aprofundamento e incentivo para que seja praticada”. (Camargo, 2011, p. 57) A hospitalidade assumida como dever coloca em evidência sua prática, como é visto no decorrer de diversas passagens bíblicas abordadas nesta pesquisa e como assinalado pelo Papa Francisco na encíclica sobre a fraternidade e amizade social.

Sendo assim, identificar as manifestações de hospitalidade presentes na Bíblia tornou-se relevante, considerando que uma massa de bilhões de pessoas, que se professam cristãs, têm no livro, um manual sagrado. Tal sacralidade ressalta o poder de legitimidade da religiosidade que, nesta reflexão, está ligada à legitimação da hospitalidade no mundo moderno (Camargo, 2011, p. 61).

Pode-se supor que a legitimação da hospitalidade se faz presente na formulação do pensamento bíblico, que a maioria dos dicionários de vocabulários bíblicos ou teológicos, coloca uma seção para elucidar o tema (Penna, 2022).

A hospitalidade é uma experiência fundamental na prática de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Ele é hóspede e anfitrião (Mt 10, 40; Lc 10, 16; Jo 13, 20): depende da hospitalidade humana e oferece a hospitalidade de Deus. A experiência é expressa nos múltiplos encontros com o outro: estrangeiros (Centurião Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10; Jo 4, 46b-53; Cananea ou sirofenícia Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30; Gregos

Jo 12,20-24); mulheres (Lc 8, 2-3; Mc 16,9; Jo 4, 1-26; Jo 8, 1-11); multidão (Mt 9, 36; Mt 14,14; Mt 15, 32; Mc 6, 34; Mc 8,2); necessitados e pecadores – eminentemente a realização do reinado de Deus através de curas, milagres e sinais (Mt 11, 1-6; Lc 7, 18-23)175; autoridades religiosas (Mt 23, 1-36; Mc 12, 37b-39; Lc 11, 39-53; Lc 20, 45-46); na visita as casas (Mt 8, 14-15; Mc 1, 29-34; Lc 4, 38s; Mt 9, 9-13; Mc 2, 13-17; Lc 5, 27-32; Mt 26, 6-13; Mc 14, 3-9; Lc 7, 36-50; Lc 10, 38-42; Lc 19, 1-10; Jo 12, 1-11; Mt 26, 20-29; Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-23) na comensalidade e nas recomendações aos discípulos (Mt 10, 12-15; Mt 10, 40-42; Lc 9,2-5) (Rodrigues, 2015, p. 54).

A palavra “hospitalidade” no contexto bíblico proporcionava garantias para os viajantes que podiam recorrer aos albergues ou similares para descansar e, naquele contexto, recusar ou violar a hospitalidade era considerado uma vergonha. Algumas atitudes sempre estiveram presentes na prática da hospitalidade: ir ao encontro do hóspede, saudar e lavar os pés do hóspede, dar alimento, defender e acompanhar em sua despedida (Born, 1971); como fora analisado também nas dimensões da hospitalidade.

A quantidade de citações presentes na Bíblia que tem relação direta com a hospitalidade nos faz perceber que alguns elementos podem ser importantes para o desenvolvimento de valores para a hospitalidade no turismo. Segundo Noguero,

[...] a hospitalidade ocupa esse lugar preferencial na hierarquia cristã de valores, entre outras razões, por motivos históricos. Porque, ao menos durante os 30 anos seguintes à morte de Cristo, não existiam ainda textos escritos dos Evangelhos, de modo que a admissão de hóspedes era praticamente o único meio, que então havia, de contato com a Boa Nova. A Boa Nova se propagava pelos viajantes e, graças a eles, terminaria difundindo-se também através de seus receptores (Noguero, 2019, p. 103).

Numa época que não existiam equipamentos turísticos, eram as hospedarias que acolhiam os que iam e vinham pelas estradas do mundo e lá as regras que regiam eram as da hospitalidade desenvolvida na Bíblia. A hospitalidade monástica (Grinover, 2007) era um exemplo de como os hóspedes deviam ser acolhidos nos mosteiros e para que fosse da melhor forma possível; o hóspede sempre foi visto como o próprio Jesus que deveria ser acolhido e os exemplos recolhidos no Novo Testamento ajudam a desenvolver essa prática cristã milenar.

Portanto, supõe-se ser esse o motivo de São Bento ser considerado padroeiro do turismo, ou seja, na visão da Igreja, esse santo é o que protege e cuida do turismo, não porque foi turista, mas porque foi exemplo de hospitalidade por seus atos e pela regra que conduz a ordem religiosa fundada em 529 d.C., na Itália. Nesse raciocínio, a hospitalidade está na origem do turismo e a quem o mesmo deve se direcionar no sentido das relações humanas.

Numa tentativa de sistematizar e resumir a prática da hospitalidade na Bíblia, pode-se definir dois aspectos: como obra de misericórdia e como testemunho de fé. No tocante à obra

de misericórdia, vale exemplificar que a Igreja considera catorze obras (CATECISMO da Igreja Católica, 2447), divididas em corporais e espirituais. Uma das sete corporais diz dar pouso aos peregrinos, notamos que é um claro pedido de exercer a hospitalidade, por isso Jesus se fez peregrino para ser acolhido, fazendo-se hóspede para experimentar a hospitalidade.

O aspecto de testemunho de fé se torna evidente na atitude de quem é hospitaleiro, uma vez que ele demonstra sua fé e testemunha que segue os ensinamentos da doutrina que assumiu. Dessa forma, os dois aspectos estão intimamente conectados para que aconteça a esperada hospitalidade segundo os parâmetros bíblicos, a qual nomeamos como hospitalidade altruísta.

Essa visão nos remete à “Lei da Hospitalidade” que se desenvolve muito antes de Cristo, com referências à literatura egípcia, mas também ao “código de santidade” de Levíticos, pode-se dizer que a expressão usada é criação de comentaristas bíblicos. No Antigo Testamento, não há outra norma tão amplamente desenvolvida como a Lei da Hospitalidade (Noguero, 2019).

Essa lei que tem *status* de Direito Divino pode ser resumida da seguinte forma: os indivíduos ou comunidades têm a obrigação de acolher de forma gratuita todos os viajantes sem distinção; oferecer proteção e se for necessário manutenção, hospedagem e ajuda para a viagem, além de fazer uma aliança, se for possível, de que o hóspede se deleite numa estadia que não ultrapasse três dias (Noguero, 2019).

Pode-se também apresentar as leis da hospitalidade numa perspectiva moral e ética levando em conta as contribuições de Kant, Mauss, Derrida e Pitt-Rivers, entre outros. A primeira lei é a Incondicionalidade onde o pedido de hospitalidade deve ser aceito, a segunda é a Reciprocidade onde anfitrião e hóspede devem honrar-se mutuamente, a terceira é a Assimetria onde o hóspede deve respeitar o direito do anfitrião ao espaço e finalmente a Compensação onde o hóspede deve receber e retribuir à hospitalidade (Camargo, 2021).

Em diversos períodos da história da humanidade essa lei da hospitalidade é usada pelos povos que estabelecem as alianças e compromissos, como se observava em Roma:

A hospitalidade praticada pelas famílias de elite da Roma agostiniana baseava-se no princípio da reciprocidade como uma forma primitiva de turismo. Os romanos prósperos estabeleciam redes de relacionamentos com outras famílias, nas residências das quais ficavam como hóspedes e, nos momentos em que seus ex-anfitriões manifestavam a intenção de viajar, assumiam a posição de anfitriões (Lashley, 2015, p. 84).

Observa-se que a hospitalidade ao longo do tempo ajuda a criar leis e costumes que favorecem a sociedade a manter relações de dádiva, sendo que a Bíblia, com suas diversas narrativas, ajuda a formular uma lei de hospitalidade que sirva a toda a humanidade.

### 3.2.2 A hospitalidade na Bíblia como aspiração para o turismo

Nesta pesquisa vamos nos concentrar nos textos do Novo Testamento onde nota-se a continuidade de alguns elementos de hospitalidade do Antigo Testamento. Contudo, a novidade do diálogo entre o anfitrião (que muitas vezes são fariseus) e o hóspede que é Jesus, mostra outro elemento de hospitalidade que é estar com o Outro e ir além do apenas abrir a porta e prover o necessário para sua estadia. É valorizar o encontro de almas (Marcelino e Bastos, 2022).

Nas parábolas, Jesus elogia a virtude da hospitalidade, sendo também notória a hospitalidade na perspectiva do amor cristão, de dom do Espírito e de entrar em contato com o mundo invisível. Segundo alguns textos dos evangelhos, ser hospitaleiro com estranhos é receber o próprio Jesus e prestar um serviço à causa cristã, de modo que Ele mesmo se faz hospitaleiro concedendo alegria aos que recebem, chegando ao ponto de entregar a própria vida (Born, 1971).

Sendo assim, optou-se na pesquisa por tomar por base a pessoa de Jesus no Novo Testamento, cabendo uma reflexão do tipo de hóspede que Jesus se apresenta. Em Mateus (25:35), Cristo é *xenos*, palavra grega que significa “hóspede”. Por certo, este termo costuma-se traduzir frequentemente por “peregrino”, com o que se contrai o sentido genérico de *xenos* (Noguero, 2019).

Esses termos se encontram todos no NT, em que se dá especial destaque ao termo *xénos* “estrangeiro”, que aparece 21 vezes e do qual derivam: *philoxenia* (cf. Rm 12,13; Hb 13,2) *philóxenos* (cf. 1Tm 3,2; Tt 1,8; 1Pd 4,9) e, por fim, *xenodochéō* (cf. 1Tm 5,10): todos os três indicam o acolhimento em relação ao estrangeiro, isto é, a hospitalidade. Sendo história da aliança entre Deus, Israel e a humanidade, a Bíblia reserva ao estrangeiro um lugar bem particular, fazendo dele o lugar em que se revela o divino, paradigmático de todo outro. No plano histórico deve-se, em todo caso, reconhecer que a Bíblia oscila entre a afirmação de que Deus “cuida dos estrangeiros” (Sl 146,9) e aquela de acordo com a qual, ele, por meio de seu rei, os destruirá e quebrará “com cetro de ferro como um vaso de oleiro” (Sl 2,9) (Dicionário, 2022, p. 679).

Dois aspectos se sobressaem teoricamente para a reflexão sobre a hospitalidade ao estrangeiro. O primeiro remete ao fato de que o estrangeiro é o lugar onde se revela o divino. Logo, trata-se da meta de todo crente em sua jornada para o encontro com o divino, então, a hospitalidade passa a ser meio para se alcançar a divindade. E o outro aspecto é a

inospitalidade no caso de guerra com um inimigo. Esta realidade está presente no Novo Testamento que assume outra postura. Em 1 Coríntios (6,9-10) adverte-se que os inospitais “não possuirão o Reino de Deus”. É um ataque à verdadeira doença do turismo que é a inospitalidade (Camargo, 2006) e, mais do que isso, a hostilidade demonstrada com os estrangeiros ou com os próprios anfitriões.

A pesquisa suscita ainda que a hospitalidade em Jesus se identifica com a hospitalidade gratuita. Segundo Gotman (2009, p. 05), “na hospitalidade gratuita, o viajante se apresenta, em primeiro lugar, como um hóspede esperado ou inesperado, suscitando sentimento de boas-vindas ou de constrangimento.” É o que as passagens bíblicas narram nas diversas atitudes de Jesus como hóspede, o inesperado para Zaqueu (Lc. 19:15) ou o esperado por Marta e Maria (Lc. 10:38).

A hospitalidade é a “virtude” da pessoa hospitaleira, mas também significa a assimilação da tensão entre hospitalidade e hostilidade. Jesus de Nazaré é um paradigma de hospitabilidade porque para manifestar a “hospitalidade de Deus” acolhe em si a aventura da hospitalidade e hostilidade humana – entre ser acolhido e ser recusado (Rodrigues, 2015, p. 52).

A partir de uma relação com a teoria da dádiva de Marcel Mauss (2008) na tríade dar-receber-retribuir, verificam-se elementos da reciprocidade de Jesus com a perspectiva da comensalidade da última ceia, um evento que deve ter movimentado a hospedaria onde foi encomendada, até a dimensão de diaconia. A diaconia é a expressão da teoria da dádiva presente na Bíblia, o diácono é aquele que serve, por conseguinte é quem dá ajuda em nome da comunidade, mas também é quem recebe para retribuir.

Esta dimensão inscreve-se no cumprimento da missão de Jesus Cristo: “Eu não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45). Abrir-se ao outro, diferente de mim, é dom e tarefa. É uma forma sempre nova de diaconia, “pois hoje, além do serviço das mesas dos mais pobres e dos mais desamparados, emerge e está patente o serviço das mesas dos turistas” (Vilas Boas, 2012, p. 111).

Para entender a relação entre comensalidade e hospitalidade, recorre-se à pesquisa de Gimenes (2023) que nos apresenta elementos como acolhida, ritual e sociabilidade no ritual de se sentar à mesa. Dentre tais, a autora destaca outros estudos inerentes ao tema:

Compartilhar a mesa ou uma refeição com alguém constitui, segundo Boutaud ([2004], 2011), uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade em qualquer época e em todas as culturas. Boff (2006), por sua vez, relaciona a comensalidade à própria essência humana e a descreve como a culminância da hospitalidade e da convivência, do respeito e da tolerância entre indivíduos. Considerando a comensalidade como “forma de partilha, de troca e de reconhecimento”, Boutaud ([2004], 2011, p. 1213) observa que o comer junto assume “um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação de uma necessidade alimentar”. A

comensalidade, como expressão da hospitalidade, é marcada pelo acolhimento ao outro e pela convivialidade, constituindo-se como uma importante oportunidade de exercício da sociabilidade (Faltin; Gimenes-Minasse, 2019) e também socialização (Carneiro, 2005) (Gimenes, 2023, p. 165).

Desta maneira, a comensalidade é integrante da hospitalidade na Bíblia. É importante esclarecer que, conforme os vocábulos analisados por Noguero (2019), o local da última ceia, que depois foi o local onde os discípulos passaram temporada, é chamado de Katályma, que significa hospedaria. Daí a afirmação de que a ceia ocorreu em uma hospedaria, afinal seria difícil encontrar uma casa com uma sala tão ampla para todo o ritual que foi realizado naquela ocasião.

O evangelho cita que Jesus mandou alguns de seus seguidores irem preparar a festa. Naqueles dias a cidade de Jerusalém estava cheia, então seria difícil encontrar um local amplo para fazer a ceia, isso só seria possível com uma reserva antecipada. O evangelista Lucas (22, 10-13) narra como sucederam os fatos. Em uma leitura com as lentes do turismo, pode-se supor que Jesus já tinha feito a reserva em uma hospedaria, pois eles foram a um local indicado pelo mestre deles. A reserva foi estendida para mais uma semana, pois a Bíblia narra que o grupo de Jesus continuou se encontrando nesse ambiente.

Neste momento, é possível fazer analogia dos ideais, isto é, a hospitalidade na Bíblia com a teoria da dádiva de Mauss (2008), no que se refere aos elementos de sacrifício e de trocas espirituais nos rituais Potlach, nas sociedades antigas. Para Mauss (2008), trocar é mesclar almas em uma lógica interesseira e desinteresseira, ao mesmo tempo. Neste sentido, a hospitalidade bíblica e as próprias palavras expressas no livro são dádivas que são identificadas nas formas de acolhimento a Jesus e que Ele próprio oferece. As formas de poder da hospitalidade expressas na comensalidade sugerem o acolhimento como forma de integração social.

A hospitalidade se realizava nas sociedades antigas com “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente” (Mauss, 2008, p. 191). A função fundamental da hospitalidade ainda é promover um processo de intercâmbio assimétrico, material ou simbólico entre quem oferece hospitalidade e quem a recebe com uma aspiração incondicional a um acordo coletivo de paz (Brusadin, 2021).

Brusadin (2021) salienta ainda que, em nossos tempos, vive-se em uma crise de hospitalidade cujas relações com o outro desconhecido se valem da hostilidade, especialmente

com os vulneráveis. Entretanto, pode-se relacionar que as formas de hostilidade também estiveram presentes no tempo de Jesus cujos ensinamentos presentes na hospitalidade bíblica vêm para reforçar ideias de acolhimento e da partilha com o outro de modo atemporal.

Nesta pesquisa de hospitalidade na Bíblia, duas realidades que são fundamentais. A primeira é a dimensão da acolhida que Jesus recebe e com isso pode desfrutar de hospitalidade, tal como demonstrado no Quadro 4, que elenca as figuras do anfitrião e sua atitude de acordo com a citação bíblica que, em sua maioria, advém do evangelho de Lucas e expressam a relação de hospitalidade e comensalidade na vida de Jesus.

QUADRO 4 – HOSPITALIDADE RECEBIDA POR JESUS.

Anfitrião	Citação bíblica	Atitude
Apóstolos	Lc 4,38	Cura
Lázaro	Lc 10,38	Escuta
Zaqueu	Lc 19,5	Conversão
Simão	Lc 7,36	Diálogo
Centurião	Mt 8,5	Cura

Fonte: Campos; Brusadin; Valduga (2024).

A primeira citação faz referência à cura que Jesus opera na sogra de Pedro e que passa a servir, gerando hospitalidade. Na citação onde Lázaro é o anfitrião a perspectiva da hospitalidade está na irmã que se senta para escutar o hóspede, dando atenção ao que chega. Na passagem de Zaqueu, a revolução da hospitalidade acontece quando Jesus se oferece para ser hóspede, uma novidade apresentada no Novo Testamento, que gera mudança na vida do anfitrião. A hospitalidade se encontra no imprevisto (Gotman, 2009).

As duas últimas citações nos mostram que, no diálogo na casa de Simão, o hóspede denuncia que não recebeu o tratamento de hospitalidade que era comum. E no encontro com o Centurião que buscava a cura da filha, sabendo não ser digno de uma visita, alcança a cura que se pode entender como paz no sentido de uma aspiração ou de esperança.

As atitudes dos anfitriões geram algumas categorias de análise que permeiam as relações de hospitalidade: cura, escuta, conversão e diálogo. Estas, associadas ao turismo, permitem analisar se a Pastoral do Turismo realiza a hospitalidade que se propõe a partir dos elementos que a Bíblia suscita na pesquisa.

Nota-se que a hospitalidade oferecida a Jesus gera benefícios para os anfitriões que são curados e, convidados a escutar o hóspede, são levados a uma mudança de atitude na vida, ao diálogo. Essa expressão simbólica abre um espaço para que ao redor da mesa Jesus possa difundir sua doutrina. Isso remete a Bourdieu (2002) quando ressalta que o poder simbólico é quase mágico e invisível que permite obter

o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização (Campos; Brusadin; Valduga, 2024, p. 853).

Ao observar as atitudes do quadro 4 sob o olhar do turismo, pode-se perceber na cura, a dimensão da esperança que já analisamos nesta pesquisa relacionando com o turismo religioso. A escuta no turismo pode estar associada ao ato de receber o turista e dar ouvidos às motivações que o fizeram chegar a esse destino. Nesse sentido, a escuta gera diálogo fraterno, em que tudo acontece num ambiente de conversão no sentido de mudança de atitudes. É a hospitalidade altruísta que atinge seu ápice quando essas categorias são realizadas.

Uma outra possibilidade seria traçar um paralelo entre essas atitudes e as leis da hospitalidade da incondicionalidade, reciprocidade, assimetria e compensação (Camargo, 2021). Afinal todas estão repletas de significados que facilmente são elucidados pela Bíblia.

A pesquisa coaduna com os estudos de Carmine Di Sante, apresentado por De Jesus (2019), sobre os cinco traços definidores do “Eu Hospitaleiro” que levam a uma passagem da acolhida para a hospitalidade.

- a) “tem aberta a porta da própria casa.”
- b) “dá as boas-vindas ao que chega, não o olhando como intruso.”
- c) “dá conta do sofrimento do outro e de suas necessidades.”
- d) “abre espaço para o outro, limitando o seu próprio.”
- e) “o que dá aquilo que tem.”

É perceptível a atuação de Jesus Cristo nos Evangelhos, o que nos leva a oferecer Ele como modelo de Eu Hospitaleiro. Estas citações da hospitalidade na Bíblia podem oferecer algumas diretrizes para um turismo que deseja ser, ou deve ser, mais hospitaleiro e menos comercial, com um olhar humano vendo no turista uma pessoa e não apenas uma possibilidade de lucro. Esses traços também mostram uma abertura para a governança que precisa desses elementos para se desenvolver.

O modelo de Jesus como Eu hospitaleiro advém, também, das próprias hostilidades sofridas por Ele como forma de sacrifício ao outro – no caso a humanidade como coletivo. Nessa perspectiva, a hospitalidade que está presente na Bíblia coexiste com as relações e cenas de hostilidade sofridas por Ele.

O livro de Lucas pode ser considerado um livro sobre hospitalidade, uma vez que ele é o evangelista da hospitalidade e da comensalidade, pois na hospitalidade bíblica as duas ações não andam separadas, mas se completam, tal como apresentado no quadro 5:

QUADRO 5 – Cenas de Hospitalidade e Comensalidade

Hospitalidade/comensalidade	Citação bíblica em Lucas
Banquete na casa de Levi	5, 27-39
Refeição na casa do fariseu (Simão)	7, 36-50
Fração do pão em Betsaida	9, 10-17
Hospitalidade na casa de Marta e Maria	10, 38-42
Almoço na casa do fariseu	11, 37-54
Ceia na casa de um fariseu	14, 1-24
Hospitalidade na casa de Zaqueu	19, 1-10
A última ceia	22, 7-38
Fração do pão em Emaús	24, 13-35
Na comunidade de Jerusalém	24, 36-53

Fonte: Adaptado de Campos; Brusadin; Valduga (2024).

Desta maneira, a comensalidade é presente em diversas cenas como forma de comunhão e partilha da hospitalidade. Nota-se que essas citações bíblicas demonstram que, mesmo sem todas serem explicitamente relatos de hospitalidade, assumem essa característica, sendo possível perceber que a comensalidade é um dos aspectos mais evidenciados da hospitalidade bíblica (Correia, 2014, p. 245). Destaca-se que em todas essas citações um personagem sempre está presente: Jesus Cristo – o Eu Hospitaleiro, que se torna hóspede nas casas e convidado nas mesas. É nesse espaço que acontece os diferentes domínios da hospitalidade – receber, hospedar, alimentar e entreter (Camargo, 2006).

Em uma análise histórica de Jesus como hóspede, nota-se que Ele sofre a inospitalidade já no episódio do nascimento em Belém. Segundo Noguero (2009), havia quartos livres na pousada, mas os pais de Jesus podem ter sido discriminados ou se automarginalizaram. Talvez não pudessem pagar pela estadia, ou houvesse impedimento para quem não fosse mercador, ou mesmo porque o lugar não era digno para pessoas que viviam a fé como eles – o certo é que em Belém não se respeitava a Lei da Hospitalidade.

É pertinente observar que, diante do fato apresentado, a cidade de Belém não foi uma cidade hospitaleira para aquele casal, pois não havia as três dimensões fundamentais como aponta Grinover (2007): a acessibilidade, a legibilidade e a identidade. Os pais de Jesus não encontraram uma cidade com acessibilidade para uma mulher prestes a dar à luz, a falta de legibilidade os fez parar numa gruta de animais, e, por não se sentirem identificados com a cidade, partiram depois do nascimento para outra cidade.

Segundo, Campos, Brusadin, Valduga (2024) não pode-se perder de vista a ocorrência a hostilidade sofrida por Jesus mesmo nos espaços de comensalidade. Como já dito, a

primeira foi logo ao nascer, quando não tinha local digno para vir ao mundo; depois na sua vida pública, quando os samaritanos lhe negam hospedagem (Lc 9:52-53). A mais significativa expressão com certeza acontece na casa de Simão, de acordo com Rodrigues:

A comensalidade de Simão, o fariseu, é um ato de hostilidade. Ele não cumpre com os rituais mais simples e fundamentais: acolhida, saudação, purificação. O espírito da hospitalidade de Simão é o mesmo dos poderosos de Israel (Mt 23, 1-36): o desprezo pelo projeto de Deus, anunciado por Jesus. O evangelista Lucas coloca “em cena” uma mulher pecadora, que “invade” a casa e cumpre com aquilo que Simão, o teólogo da Lei, não soube realizar para o seu hóspede (2015, p. 59).

Na passagem, Jesus usa de uma atitude de hostilidade para mostrar a todos os presentes naquele banquete que sabia da tradição e da lei da hospitalidade, com isso recorda aos que se diziam guardiões da lei e dos bons costumes que hospitalidade é ritual e que deve ser feito independente de se concordar ou não com a postura do hóspede. Ou seja, “os ritos de hospitalidade são regidos pela dimensão da dádiva, expressa na relação gratuita iniciada desde a soleira e na materialização pelo intercâmbio de dons” (Rodrigues, 2019, p. 26).

Marcelino e Bastos (2022) ampliam a reflexão ao perceberem que no diálogo entre o anfitrião e o hóspede, mais do que acolher em casa, é preciso acolher no coração para gerar um encontro de almas. Como ocorre no mito de Báucis e Filêmon ao acolher os deuses (Boff, 2005). Nas duas narrativas a hospitalidade vai além e possibilita transformação.

Aquele que menos tem é na verdade o que mais tem a oferecer ao que chega, por isso a hospitalidade não está ligada aos bens disponíveis para conceder um banquete, mas o quanto você está disposto a se abrir para o outro, deixá-lo entrar e permitir a mudança que este pode trazer para sua vida (Marcelino e Bastos, 2022, p. 146).

Em outra cena de comensalidade narrada pelos evangelistas, Jesus faz todo o ritual de hospitalidade e torna-se para a espiritualidade cristã um dos maiores ensinamentos, passando para a história ao ser retratado nas mais diversas formas e sem nunca perder essa dimensão impar da hospitalidade e comensalidade. É a ceia derradeira da hospitalidade incondicional.

A comensalidade de Jesus é elevada à excelência: oferta de si mesmo – Ele é o anfitrião (na casa de outro) e Ele é o alimento (para seus amigos). O evangelista João (13, 1-20) completa a cena comensal com o “ritual de purificação”, ou seja, o ritual intermediário da hospitalidade entre a porta e a mesa: o ato de “lavar os pés” (Rodrigues, 2015, p. 76).

A última ceia continua sendo recordada nos rituais da Igreja Católica Apostólica Romana, dentro das celebrações da Páscoa, como forma de comensalidade presente em todos os livros dos Evangelhos. João faz um complemento que para a hospitalidade é fundamental por exaltar o ritual que existia, o mesmo que na casa de Simão não aconteceu. Na

hospitalidade e comensalidade conduzida por Jesus não acontece tal hostilidade e a lei da hospitalidade é cumprida. É a dádiva transformada em sacrifício numa cena de comensalidade e hospitalidade que marca o cristianismo tornando-se expressão de uma religião que nasce ao redor da mesa com a tríade do dar, receber e retribuir, fazendo da hospitalidade um dom entre os seus seguidores (Campos, Brusadin, Valduga, 2024).

Por isso a hospitalidade na Bíblia é feita de comida, bebida, ritos e diálogo com trocas espirituais e materiais. A dádiva com sua aspiração da gratuidade que perpassa toda a vida e atuação de um líder religioso que influencia multidões de seguidores. Por meio da Bíblia é que as pessoas buscam a fonte de seus ensinamentos e de seu testemunho de hospitalidade. Jesus não só falava de hospitalidade, mas praticava comensalidade em formas de dádivas em seus rituais simbólicos. Essa talvez tenha sido uma das suas importantes contribuições para a humanidade que necessita se repensar para a existência coletiva no mundo.

Visto que la hospitalidad es multidisciplinaria e involucra, entre otros aspectos, recepción, acogimiento, alimentación, entretenimiento, tratamiento afable, valoración y mantenimiento de las tradiciones culturales y religiosas, es indiscutible su relación con el turismo religioso. Además, su práctica es considerada un importante diferencial competitivo (Antunes; Wada, 2020, p. 684).

A hospitalidade e comensalidade é o binômio do paradigma proposto por Jesus no Evangelho de Mateus e instaura a sua lei de hospitalidade. Isso fica patenteado na célebre passagem (Mt 25, 35-40): “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me”. São os valores éticos e morais difundidos pelos cristãos, que podem ser vinculados às ideias de partilha, gratuidade, sacrifício e reciprocidade, observados na hospitalidade enquanto dádiva (Campos; Brusadin; Valduga, 2024)

Todos esses elementos pesquisados são fundamentais para uma análise em profundidade da prática de hospitalidade e governança da Pastoral do Turismo, que, em seus documentos, coloca os dois temas em evidência e traça sua atuação no turismo, como será analisado a seguir.

#### 4. DESENVOLVIMENTO DA GOVERNANÇA E DA HOSPITALIDADE NA PASTORAL DO TURISMO

Para uma melhor aproximação com a temática proposta nesta pesquisa, faz-se necessário um aprofundamento na literatura sobre turismo e nos documentos elaborados pela Igreja Católica. Por isso, neste capítulo nos concentramos em analisar a produção institucional e a produção científica sobre a Pastoral do Turismo com foco no binômio proposto governança e hospitalidade. Para este capítulo, a pesquisa documental, bem como a pesquisa bibliográfica e bibliométrica, foram de suma importância para o desenvolvimento do *corpus* da dissertação.

O turismo conta com os variados segmentos da sociedade para seu desenvolvimento. Poderíamos elencar diversas instituições que por meio de sua atuação fomenta o turismo nos mais diversos segmentos, mas nosso olhar será direcionado para a Igreja Católica Apostólica Romana, com sede no Vaticano e com atuação no mundo inteiro por meio de uma estrutura hierárquica governamental.

Num primeiro momento, seria oportuno direcionar o olhar para o turismo religioso, mas nosso intuito é ir além desse segmento e analisar o contributo da Igreja para o turismo nas perspectivas da governança e da hospitalidade, uma vez que parece ser essa a intenção com os discursos dos Papas, documentos e bibliografia sobre turismo, chegando a ter na sua estrutura de governo, um organismo chamado de Pastoral do Turismo (PASTUR), para oferecer ao turismo reflexões e normativas de como realizar atividades no setor. A hospitalidade de igual modo tem muitos dos seus princípios vinculados aos preceitos da organização.

Sendo a PASTUR objeto desta pesquisa e o organismo que representa a Igreja Católica no âmbito do turismo, serão analisados seus documentos e deles serão extraídos elementos que apontam para os temas que vão ser desenvolvidos no decurso da pesquisa. Para melhor direcionar este estudo vamos tomar por base o Diretório Geral para a Pastoral do Turismo, intitulado *Peregrinans in terra*, publicado em 31 de julho de 1969 e os subsequentes documentos que são um aprofundamento deste.

Mas cabe deixar registrado que as os primeiros textos de que se tem conhecimento sobre turismo por parte da Igreja são de 1952 do Papa Pio XII, conforme pesquisa realizada por De Jesus (2012).

No papado de Pio XII a Igreja passa a ressaltar a importância do turismo, não só como meio de diminuir diferenças sociais e econômicas, mas também para aproximar as pessoas do Belo, que seria a forma divina mostrada ao crente através da natureza, do diálogo e do conhecimento de diferentes culturas que o turismo

propicia. O discurso “La Nozione Cristiana Del Turismo”, de 30 de março de 1952, e o discurso “Le comunicazioni ferroviarie mezzo di armonia tra i popoli”, de 05 de junho de 1952, são dois bons exemplos para entender o posicionamento cristão e, também, ideológico político que a Santa Sé começava a desenvolver no que tange ao turismo. Podemos observar claramente seu desejo quando faz do primeiro discurso da Igreja Católica sobre o turismo um pedido de integração cultural entre os povos, respeito e desejo de compreensão mútua entre todos (De Jesus, 2012, p. 46).

Nota-se que a atenção da Igreja pelo tema do turismo tem a ver com a sua percepção do mundo que vinha tendo diversas mudanças culturais, por isso exaltar temas como integração, respeito e compreensão, parecia importante para a nova realidade do turismo que descobria. Essa percepção vai resultar na Pastoral do Turismo como apontamos na pesquisa.

Contudo, a primeira vez que o turismo aparece em um documento oficial do Vaticano é em 1967 na Constituição *Regimini Ecclesiae Universae*, onde o Papa Paulo V reestrutura o governo geral da Igreja e deixa sob a responsabilidade da Sagrada Congregação<sup>3</sup> para o Clero os assuntos relacionados ao turismo, que “promove a pastoral, examina os peregrinos e questões relacionadas com as peregrinações realizadas com fins de relaxamento (comumente conhecidas como "turismo"), com as férias dos fiéis, os retiros rurais e as atividades recreativas”.

A palavra *turismo* aparece entre aspas o que mostra a cautela da Igreja para tratar o tema, mas para estabelecer que uma Congregação tenha atenção sobre o assunto, mostra que já era algo que a sociedade tinha assimilado. Contudo, em dois anos a mesma Congregação formula o diretório *Peregrinans in terra*. Esse documento oficial da Igreja, marcou a criação do organismo em questão, pois é a primeira vez que ela usa o termo *Pastoral do Turismo* o que nos leva a marcar essa data como a criação da PASTUR, um organismo com mais de 50 anos tão pouco estudado e explorado.

#### 4.1 A PASTORAL DO TURISMO CONTRIBUTO DA IGREJA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO.

A Pastoral do Turismo tem no diretório citado as orientações de caráter normativo e se propõe ser uma ajuda para o clero encaminhar ações sobre turismo. O diretório também orienta que as dioceses publiquem diretórios particulares, levando em conta a situação de cada território onde a Igreja está presente e as tomar as medidas que compete. Por isso o documento está dividido em duas partes, a primeira sobre a Igreja e o Turismo e a segunda sobre a Prática Pastoral, será mostrado adiante.

<sup>3</sup> Na estrutura de governo do Vaticano as Congregações atuam como uma espécie de ministério que cuida de alguns assuntos estabelecidos pelo Papa. Posteriormente esse nome foi mudado para Dicastério.

O primeiro tema do diretório sobre a Igreja e o Turismo destaca o interesse da Igreja em servir a sociedade com seus novos estilos de vida, tornando-se testemunha de um novo humanismo. Destaca ainda os fenômenos sociais e neles insere o turismo percebendo sua capacidade de colocar em contato pessoas de todas as civilizações e religiões (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2009).

Ainda nesse tema, na segunda seção que alude sobre a responsabilidade comunitária, o item 07 apresenta uma categoria importante para nossa pesquisa.

De sua parte, a comunidade cristã deve sentir-se responsável nos confrontos de todos os que nela, por causa do turismo, vêm inserir-se, ainda que temporariamente, qualquer que seja sua cultura ou religião. A comunidade deve, pois, acolhê-los com senso de “ativa hospitalidade” e oferecer-lhes um coerente testemunho de fé e caridade (nº7).

O que seria *ativa hospitalidade*? Para entender essa categoria no documento precisamos recorrer a outro documento pontifício. Nesse caso, o decreto sobre o apostolado dos leigos diz, no item 11:

Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja; se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer uma hospitalidade atuante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade. Podem enumerar-se, entre as várias obras de apostolado familiar, as seguintes: adotar por filhos crianças abandonadas, receber com benevolência estrangeiros, coadjuvar no regime das escolas, auxiliar os adolescentes com conselhos e meios materiais, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimônio, colaborar na catequese, auxiliar os esposos e as famílias que se encontram em crise material ou moral, proporcionar aos velhos não só o necessário, mas também fazê-los participar, com equidade, dos frutos do progresso econômico (Concílio Vaticano II, 1965).

Nota-se que o tema da hospitalidade está inserido em um contexto maior de cuidado que a família deve exercer num apostolado, e no âmbito do turismo destaca-se o receber com benevolência os estrangeiros e, por fim, fala em progresso econômico. Na continuação do diretório, ao falar sobre os valores do turismo, exalta a unidade, solidariedade e restauração. E ainda no tocante a hospitalidade, afirma que “o turismo se bem aproveitado: concorre para o recíproco conhecimento dos homens e para o desenvolvimento do espírito de hospitalidade.” (nº9).

Na sequência, o item que discorre sobre a prática pastoral aponta aspectos de governança ao estabelecer uma acurada coordenação com as competências da pastoral nas diversas esferas, que são basicamente três: a Congregação, a Conferências Episcopal e a

Diocese. Ou seja, um ator em âmbito internacional, nacional e outro local. Contudo, ao longo dos anos, a Igreja foi mudando a quem a PASTUR fica subordinada.

Nas pesquisas relacionadas ao tema, nota-se a mudança quanto à subordinação internacional. Depois da Congregação do Clero, que tinha um setor para a Pastoral do Turismo, por decisão do Vaticano a pastoral passa para a competência de outros órgãos. Um documento oficial da Santa Sé mostra o percurso dessa mudança e onde a PASTUR está subordinada atualmente dentro da estrutura de governança da Igreja.

No ano de 1998, passou para a responsabilidade do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Posteriormente em 2016 com uma nova reformulação no governo da Igreja passou para Dicastério<sup>4</sup> para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Mas em 2017 passou para Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização e, por fim, em 2022 o Papa Francisco

estabeleceu a transferência da competência para a pastoral dos fiéis que empreendem viagens por motivos de piedade ou de estudo ou de lazer do mesmo Dicastério, para o Departamento para as questões fundamentais da evangelização no mundo, do Dicastério para a Evangelização (Vaticano, 2022).

Essa constante mudança de competência em âmbito internacional não se aplica na América Latina, onde constatamos apenas uma mudança conforme documento oficial do CELAM<sup>5</sup> sobre a Pastoral do Turismo:

En el 2003, La Pastoral de Movilidad Humana pasa a ser una sección del Departamento de Justicia y Solidaridad. Desde esta misma fecha, lo referente a Santuarios y Turismo religioso pasó a ser un programa del Departamento de Misión y Espiritualidad (CELAM, 2012).

Essa compreensão está em consonância com a as conclusões da Conferência do CELAM em Aparecida no ano de 2007, dedicando dois números no documento final que deve ajudar a guiar a governança da Igreja no continente.

Na cultura atual, surgem novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo e do entretenimento, que tem um campo imenso de realização nos clubes, nos esportes, no cinema, centros comerciais e outras opções que diariamente chamam a atenção e pedem para ser evangelizados (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2007).

Nota-se que o turismo para a Igreja, conforme esse item, está relacionado com o entretenimento e com espaços de lazer, e não cita o turismo religioso. Seria esse um novo

<sup>4</sup> Órgão governamental da Igreja que tem a função de coordenar atividades relacionadas e delegadas pelo Papa.

<sup>5</sup> Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho, organismo de colaboração das conferências episcopais do continente.

olhar de governança turística da Igreja? Em outro número do mesmo documento, trata-se novamente do turismo

Para que os habitantes dos centros urbanos e de suas periferias, cristãos ou não cristãos possam encontrar em Cristo a plenitude de vida, sentimos a urgência de que os agentes de pastoral, enquanto discípulos e missionários, esforcem-se em desenvolver: ...Serviços especiais que respondam às diferentes atividades da cidade: trabalho, descanso, esportes, turismo, arte, etc. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2007).

Dois aspectos são importantes nesse número: o da universalidade do turismo ao destacar os habitantes não cristãos e o de colocar o turismo como atividade da cidade e não da Igreja, o que permite revelar a atuação da PASTUR no âmbito da governança dentro da estrutura de governança estabelecida. Essas considerações também confirmam a mudança ocorrida na competência da pastoral que agora está no departamento de missão e espiritualidade mais alinhado com o atual Dicastério da pastoral no Vaticano.

O diretório da Pastoral do Turismo sugere ainda a criação de uma comissão para estudar as exigências pastorais locais do turismo na base de estatísticas reais e, para tanto, sugere alguns atores que podem compor essa comissão de leigos peritos do assunto. São expoentes de sociologia, pessoas do mundo cultural e das atividades turísticas, representantes de companhias de transporte aéreo e marítimo, de agências de viagem, de hoteleiros, de agentes turísticos e imprensa turística (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2009).

Partindo desses atores, pode-se dizer que a PASTUR estabelece um *stakeholder*<sup>6</sup> para sua atuação com atores individuais, coletivos privados e públicos que irão ajudá-la a desenvolver sua atuação no campo turístico com os recursos existentes e os interesses específicos para uma melhor articulação (Pimentel; Pimentel, 2015).

Na sequência, o diretório coloca meios para executar o trabalho da Igreja no turismo e exalta a necessidade da ética, da paz, ecumenismo e formação sobre turismo para seus membros. Nessa mesma temática em 2001, o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, órgão ao qual pertencia a PASTUR naquele ano, publicou as Orientações para a Pastoral do Turismo.

Ao analisar as Orientações, destacamos a número 19, sobre acolhida, que pode nos dar elementos para entender a hospitalidade proposta pela PASTUR em seus diversos locais de atuação.

“Não esqueças a hospitalidade; graças a ela, alguns, sem sabê-lo, acolheram anjos” (Hb 13,2). Essas palavras assinalam bem qual é o núcleo central da pastoral do

turismo e com, em definitivo, se identifica com uma das atitudes fundamentais que devem caracterizar toda a comunidade cristã (Vaticano, 2001).

Conforme explicação acerca do texto, a hospitalidade é vista como dever, virtude e expressão de caridade. Na continuação faz alguns desdobramentos sempre usando o termo “acolhida”, o qual pode-se entender como hospitalidade, por isso se refere às práticas adotadas pelos membros da Igreja nos templos. “A acolhida proporcionada nesses lugares não pode limitar-se a uma esmerada informação histórica ou artística, mas deve manifestar sua identidade e finalidade religiosa” (Vaticano, 2001).

Acerca da governança, alguns pontos das Orientações são significativos e mostram como a PASTUR deve atuar nas instâncias de governança do turismo:

A pastoral do turismo deve instaurar e alentar uma colaboração com as administrações públicas, as organizações profissionais e outras associações que atuam no mundo do turismo, para que se possa dar a conhecer a visão cristã do turismo e desenvolver “a possibilidade implícita de um novo humanismo” presente nele (Vaticano, 2001).

Agrega-se a isso a participação da Santa Sé como observadora permanente desde 1980 na OMT. Mas não percebe-se essa mesma presença e atuação em esferas de governança do turismo nacional, pois a PASTUR não faz parte do Conselho Nacional de Turismo, órgão colegiado de assessoramento superior, integrante da estrutura regimental do Ministério do Turismo, que conta com diversas instituições governamentais e outras entidades interessadas no setor turístico (PNT, 2024-2027).

Verifica-se nas Orientações da Pastoral do Turismo que a atuação da PASTUR na governança é colocada como objetivo fundamental da mesma, que é fazer com que o setor empresarial e profissional do turismo conheça e atue conforme a Doutrina Social da Igreja, que são diretrizes para a sociedade na busca de um humanismo integral e solidário.

Na sequência, as Orientações apresentam as normativas de como o trabalho da pastoral deve ser executado dentro do organograma da Igreja e com quais frentes de atuação esta deve estar preocupada para o desenvolvimento do turismo.

## 4.2 O DESENVOLVIMENTO DA PASTORAL DO TURISMO NO BRASIL

Em âmbito nacional, a Pastoral do Turismo é marcada por dois momentos bem distintos e que mostram que a troca de coordenação interfere diretamente na governança e inclusive na hospitalidade da mesma: “o primeiro sob a coordenação do padre Carlos Alberto

Chiquim e o segundo a partir a realização do ‘I Encontro Nacional do Pastoral do Turismo’, realizado em Brasília, em setembro de 2014” (Moreno, 2016, p. 22).

A pesquisa realizada por meio da análise documental com base na história institucional identificou dois atores importantes nesse processo: o bispo referencial da PASTUR daquele ano, Dom Anuar Battisti, e o novo coordenador Padre Manoel de Oliveira Filho, que em 2024 completou dez anos à frente da coordenação nacional da pastoral. São eles os responsáveis em traçar o novo paradigma que conduzirá a atuação da PASTUR (Filho; Aguirre, 2021). Para uma pesquisa acerca da governança e hospitalidade na PASTUR, o segundo momento será importante, já que no primeiro a pastoral estava vinculada, mas com o turismo religioso e com a promoção de peregrinações pontuais e parcerias de cunho comercial o que descontentava o episcopado (Moreno, 2016).

*O Vade Mecum da PASTUR no Brasil, o Marco Histórico e Pastoral da Pastoral do Turismo* (2021) é uma sistematização para a realidade da Igreja no Brasil e de como a mesma se vê no turismo.

A PASTUR é a presença da Igreja no descanso, no lazer e na diversão. Está atenta, ainda, aos direitos dos trabalhadores do turismo, para que sejam respeitados e possam ter o descanso merecido, a aposentadoria justa e uma velhice digna. Atenção merecem, ainda, o trabalhador informal, o reciclador e os menores de idade, para que não sejam vítimas das desigualdades, trabalhando quando deveriam estudar e brincar. É a igreja identificando-se e cuidando dessa parcela da sociedade que faz funcionar a indústria “sem chaminé” – jargão do turismo (Filho; Aguirre, 2021, p. 15).

Esse posicionamento busca fundamentar o que a Igreja entende como pastoral, que é ação da Igreja inspirada em Cristo, como aquele que cuida, preserva, atende e escuta. Pode-se supor que a Pastoral do Turismo é a presença e ação da Igreja no mundo do turismo com um olhar humanístico diante das mais diversas realidades que envolvem esse fenômeno moderno.

#### 4.2.1 Encontros Nacionais e Campanhas da Pastoral do Turismo no Brasil.

Verificou-se que o modo de desenvolver a PASTUR em âmbito nacional se dá por meio de Encontros Nacionais e Campanhas. Os Encontros Nacionais estabelecem os métodos e práticas da pastoral na tomada de decisão e crescimento do organismo (Filho; Aguirre, 2021). A seguir apresentamos um quadro de todos os Encontros Nacionais realizados no Brasil.

QUADRO 6 – Encontro Nacionais da Pastoral do Turismo no Brasil.

Ano	Tema	Local
2014	“Turismo, caminho de evangelização”	Brasília - DF
2015	“Identidade e Missão”	Aparecida - SP
2016	“Ecologia Integral e a Pastoral do Turismo à	Caldas Novas - GO

	luz da Laudato Si”	
2017	“O Ano Mariano e o Turismo de Base Comunitária”	Castelo - ES
2018	“A Pastoral do Turismo e o Cuidado com o Patrimônio Cultural e Religioso”	Belém - PA
2019	“O Turismo que Transforma”	Salvador - BA
2022	“Uma pastoral da mobilidade humana”	Santa Cruz – RN
2023	“Turismo e Espiritualidade: A Sinodalidade da Pastoral do Turismo com todos e para todos”	Maringá – PR
2024	“PASTUR: de turistas a peregrinos de esperança”	Niterói - RJ

Fonte: O autor (2025).

Observa-se que os Encontros já foram realizados em todas as regiões do Brasil, o que mostra a capacidade da PASTUR de estar em diferentes realidades de turismo de norte a sul do país. Os temas, por sua vez, estão sempre de acordo com a realidade vivida na sociedade e na Igreja, versando sobre ecologia, turismo de base comunitária, governança, hospitalidade e espiritualidade.

Conforme pesquisa de campo, no Encontro Nacional da PASTUR, ocorrido em novembro de 2024 em Niterói, foi assinado o estatuto da Pastoral do Turismo, uma demanda que já era cogitada na pesquisa de Moreno (2016) e que só foi realizado 8 anos depois. O estatuto está dividido em cinco seções, sendo que duas fazem referência direta à estrutura de governo da pastoral, estabelecendo atores que decidem a atuação nacional, regional e local. Com essa organização é possível analisar como a pastoral participa da governança no turismo e em quais regiões ela tem atuação. Como percebido na pesquisa, a organização nacional procede de órgãos internacionais conforme nomeamos na figura abaixo.

FIGURA 1 – Esquema da Organização da Pastoral



Fonte: O autor (2025).

Vale destacar que esse modelo de governança passou a vigorar em 2025 e que até então o coordenador sempre foi um padre que também fazia a função de assessor, como percebido na pesquisa de campo e na bibliografia. Esse novo modelo apresenta um desdobramento de coordenação que não existia que é a divisão por regiões. É a descentralização da tomada de decisão que coaduna com as características da governança, conforme quadro 1.

Quanto às campanhas, identificamos três que foram feitas em ocasiões que o Brasil recebeu um grande fluxo de turistas ou por iniciativa da própria PASTUR ao perceber a realidade do turismo e a necessidade de fomentar uma reflexão sobre como viver esse momento com práticas de hospitalidade. A primeira campanha foi realizada em vista da Copa do Mundo de 2014 que aconteceu no Brasil; a segunda em 2016 para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (Filho; Aguirre, 2021); e a terceira ocorreu em 2023 para valorização dos trabalhadores do turismo, conforme observado na pesquisa ao participar do Encontro Nacional onde foi feito o lançamento.

As campanhas consistem em produzir e distribuir material impresso ou digital sobre os valores que devem ser garantidos nos eventos ou no turismo de modo geral. Quanto à primeira campanha, vale destacar que a PASTUR colaborou, mas a ação foi preparada pela

Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em parceria com representantes das cidades sedes do mundial (Moreno, 2016).

Nessa primeira campanha conforme material analisado teve um cunho de denúncia e questionamento no âmbito da governança como notamos no folder de divulgação da campanha “Copa do Mundo Dignidade e Paz” onde questionou o processo de decisão para construção dos estádios e a exclusão de milhares de cidadãos no processo decisório das obras para a Copa. Aponta ainda o desrespeito pela questão ambiental, o uso indevido do dinheiro público, entre outras questões que incidem diretamente na governança.

Com foco no turismo, a campanha mostra preocupação com o turismo sexual e ao mesmo tempo suscita que se promova a dignidade humana e a confraternização universal, valores de hospitalidade que se unem à atenção em proporcionar que os turistas vivam momentos de espiritualidade durante o evento.

Percebe-se pelo texto do folder dessa campanha que existia um desejo de ser hospitaleiro com quem chega, mas ao mesmo tempo gerava uma hostilidade ao evento pelos transtornos causados à população local. Para Urry e Larsen (2011), são as ambiguidades e anomalias na noção de ser hospitaleiro num mundo em intenso movimento de massas.

*A hospitalidade pressupõe vários tipos de economias, políticas e éticas, à medida que o olhar do turista avança pelo mundo e atrai para o seu abraço caloroso inúmeras relações sociais entre anfitriões e hóspedes. Essas relações geralmente indicam estranhas combinações de hospitalidade e hostilidade, pois o maior negócio do mundo industrializou, comercializou e roteirizou completamente o que outrora poderíamos considerar o puro ato de oferecer hospitalidade incondicional a outras pessoas (Urry; Larsen, 2011, p. 149).*

Ou seja, a campanha quis voltar o olhar do turista para questões que muitas vezes passam despercebidas em grandes eventos como uma Copa do Mundo, uma Olimpíada ou uma Jornada Mundial da Juventude, evento promovido pela Igreja Católica que movimentava o turismo local onde acontece. A segunda campanha, pela pesquisa realizada, foi limitada a divulgar algumas peças nas redes sociais a cada semana, para suscitar gestos de hospitalidade entre os participantes das Olimpíadas e gerar reflexão sobre as atitudes durante o evento como visto nas figuras abaixo.

FIGURA 2 – Campanha PASTUR 01



FIGURA 3 – Campanha PASTUR 02



FIGURA 4 – Campanha PASTUR 03



FIGURA 5 – Campanha PASTUR 04



Fonte: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB (2016).

O lema da campanha “Este é o nosso sonho olímpico”, segundo os organizadores, queria suscitar valores humanos e cristãos e que faziam referência direta ao turismo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, 2016). Pode-se destacar alguns temas como turismo sexual, corrupção, respeito, meio ambiente e tráfico de pessoas, temas também caros para a governança e hospitalidade de cunho humanístico.

A terceira campanha “Sirva quem te serve – Elevando o Turismo: valorizando quem nos recebe”, teve o intuito de sensibilizar o mundo do turismo para o fato de que existem invisibilizados na atividade turística, segundo os organizadores. O folder da campanha quis valorizar as pessoas e alertava que “é crucial recordar que as experiências na área do turismo são moldadas por aqueles que recebem com calor e hospitalidade.” O material foi divulgado por meio digital nas redes sociais e enviado para várias partes do Brasil para ser distribuído entre agentes da pastoral e o trade turístico, além de ser colocado à disposição em atrativos turísticos e igrejas.

As peças de divulgação diziam que para acolher e respeitar o trabalhador do turismo, cujos diversos do turismo deviam desempenhar alguma ação. Foram divididos em três blocos, dois acerca dos anfitriões que eram as empresas e a comunidade local, e o bloco do hóspede, ou seja, o turista. As categorias suscitadas nesta pesquisa sobre hospitalidade que estavam presentes na propaganda foram o acolher, escutar, incluir, diálogo e respeito.

FIGURA 6 – Campanha SERVIR 01



FIGURA 7 – Campanha SERVIR 02



Fonte: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB (2023).

Uma clara alusão à hospitalidade é feita na figura 7, no sentido das relações comerciais do turismo. Ademais, “se a hospitalidade pode penetrar na relação comercial, é unicamente pela introdução de uma margem de improvisação permitindo, se for o caso, uma relação pessoal, mas não personalizada – entre o hoteleiro e o cliente” (Gotman, 2009, p. 17). A campanha parece ser uma chamada para que aconteça essa relação pessoal entre quem serve e quem é servido no turismo.

Analisando as peças de divulgação da campanha, chamou à atenção a primeira campanha em que decidem usar imagens de pessoas, talvez por associar que hospitalidade está diretamente ligada à relação entre pessoas e acolhida, como percebido na pesquisa documental. Mas isso também mostra a ideia de “corpo sorridente” pois todos estavam sorridentes, o que mostra a importância do sorriso na relação com o turista que é cliente de quem serve (Urry; Larsen, 2011). Pode ser também uma alusão ao “sorriso comercial” apontado por Gotman:

Pensemos, um instante, no que chamamos de “sorriso comercial” endereçado indiferentemente não a uma pessoa em particular, mas a todo cliente em potencial, atitude de conveniência destinada a acolher, mas ao mesmo tempo a neutralizar todo compromisso que não seja comercial e que hoje dá lugar a uma postura menos afetada, mas também igualmente estudada, num tom igual, inalterado, exibido pelos

repcionistas que asse defendem de toda demanda intempestiva fora de seu alcance (Gotman, 2009, p. 7).

A contratação de um escritório especializado em criar propagandas comerciais, como foi o referido caso, pode provocar outros olhares sobre um assunto que não é necessariamente o que a contratante, no caso a PASTUR, adota como princípios, de acordo com o *corpus* da pesquisa. Este aspecto que fica claro nos outros aspectos da campanha, como a inspiração bíblica e textos vinculados.

A inspiração bíblica para a campanha foi a passagem “Servi-vos uns aos outros por amor” (Gl 5,13). A carta do apóstolo Paulo aos Gálatas exalta o princípio fundamental do serviço cristão inspirado em Jesus como vimos nessa pesquisa ao perceber em Nele o “Eu Hospitaleiro” que executa o serviço com sentimento de amor.

Essa campanha é a que mais tem características de hospitalidade, seja no material de divulgação ou no intuito dos organizadores, o que conforma com o pensamento de Brusadin (2021) ao afirmar que

la función fundamental de la hospitalidad es promover un proceso de intercambio asimétrico, material o simbólico entre quienes brindan hospitalidad (los anfitriones) y quienes lo reciben (los invitados) con una aspiración incondicional a un convenio colectivo de paz. Esta predisposición a la hospitalidad se opone a las reglas comerciales del mercado y las reglas contractuales del Estado, donde estas últimas tienen la intención de cumplir con las primeras (Brusadin, 2021, p. 112).

A campanha é uma clara oposição às regras comerciais do mercado e uma aspiração incondicional a um olhar para o turismo com mais humanismo, valorizando as pessoas. Ela pode ser caracterizada na perspectiva da “dádiva hospitalaria” (Brusadin; Panosso Netto, 2016) que busca empatia com o outro, e também serve ao turismo de modo geral.

Observou-se na pesquisa bibliográfica e documental que aspectos desenvolvidos pelas PASTUR também contribuem para a hospitalidade e governança do organismo no turismo. Para tanto, a pastoral usa o método VER, JULGAR e AGIR que é usado no âmbito das pastorais sociais para motivar a assumir as responsabilidades diante das situações concretas do continente. Este método permite articular, de modo sistemático, a perspectiva cristã de ver a realidade, o sentido crítico e a projeção do agir de modo coerente e assertivo (Aparecida, 2007).

A aplicação desse método no turismo desenvolvido pela PASTUR tem quatro atitudes fundamentais: acolher, defender, preparar e prevenir, as quais se desenvolvem em quatro linhas de ação: formação de agentes, turismo de base comunitária, denúncia contra a exploração sexual e tráfico de pessoas e turismo religioso e cultural (Filho; Aguirre, 2021).

Essas atitudes e linhas estão de acordo com Doutrina Social da Igreja, que articula o conhecimento das ciências humanas com os ensinamentos dos Evangelhos e da Tradição da Igreja e serve de base para a posição que a Igreja toma em diversos âmbitos, inclusive no turismo. Essa doutrina exalta as categorias de governança e hospitalidade encontradas na pesquisa, como explorado nas entrevistas.

A seguir aprofundamos a pesquisa investigando as produções acadêmicas que de algum modo tratam da PASTUR, como será posteriormente visto.

#### 4.3 PRODUÇÃO ACADÊMICA A RESPEITO DA PASTORAL DO TURISMO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ATIVIDADE

Esta pesquisa não se limita apenas a uma investigação nos documentos oficiais da Igreja, por isso fez-se necessário um mapeamento das produções acadêmicas já realizadas sobre Pastoral do Turismo no catálogo de teses e dissertações da CAPES, e até o dia 28 de outubro de 2024, apenas duas produções estavam registradas.

A primeira trata-se de uma dissertação de mestrado de teologia em 2008 com o tema: *O Fenômeno Religioso da Romaria sob a perspectiva da fé cristã – A romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa*, de autoria de Geová Nepomuceno Mota. A segunda, por sua vez, é oriunda de um estudo de mestrado em sociologia em 2016 com o tema *A Pastoral do Turismo e sua ambiguidade estrutural*, de autoria de Pedro Augusto Ceregatti Moreno.

Notamos as produções citadas não estavam vinculadas a um curso de turismo, seja pelo programa de pós-graduação que está associada ou pelo tema desenvolvido. A pesquisa de Mota (2008) só usa o termo “turismo” uma vez para dizer que a romaria é fonte de turismo, já o termo “pastoral” é muito usado, mas numa perspectiva teológica ou de atuação da Igreja. A pesquisa não tem aderência com o tema dessa dissertação.

Quanto à pesquisa de Moreno (2016), o título já faz alusão ao nosso objeto de estudo, mas cabe esclarecer que o estudo é feito numa perspectiva sociológica e para averiguar elementos relacionados a essa área do conhecimento, e torna-se a primeira pesquisa acerca da Pastoral do Turismo, fornecendo elementos para nossa pesquisa. Ela revela também a interdisciplinaridade do turismo como ciência social aplicada e faz um apanhado histórico que nos ajuda a entender e perceber as mudanças que surgem ao longo dos dez anos da pastoral.

Moreno (2016) pontua, ainda, que a PASTUR tem um cenário de ambiguidade estrutural quanto à sua atuação, pois ao mesmo tempo em que quer se distanciar do mercado, seus participantes oferecem pacotes usando a marca da pastoral e são empresários do setor.

“De maneira geral, a PASTUR pode ser encarada como uma “pastoral de fronteira”, cujo trabalho está imerso na lógica mercadológica do turismo, seja religioso ou geral, e ao mesmo tempo busca desenvolver seus objetivos de evangelização” (Moreno, 2016, p. 35).

Passados oito anos dessa pesquisa, notamos outra percepção que parece ser o desejo da Igreja Católica. O seu líder máximo, ou no caso de usar termos mais corporativos, o CEO, Papa Francisco, mostrou sua preocupação com esse tipo ao pleitear

um turismo que não se inspira nos cânones do consumismo nem apenas desejoso de acumular experiências, mas capaz de favorecer o encontro entre as pessoas e o território, e de fazer crescer no conhecimento e no respeito mútuo. Quando se visita uma cidade, é importante não só conhecer os seus monumentos, mas também dar-se conta da história que está por detrás dela, do modo como os seus cidadãos vivem, dos desafios que eles procuram enfrentar (Francisco, 2019).

Essa visão também se faz presente nas Orientações para a Pastoral do Turismo de modo particular no item sobre turismo e sociedade. É observada a carência de uma adequada visão das condições trabalhistas, dos milhares de trabalhadores do segmento, envolvidos direta ou indiretamente com a atividade turística. Sugere-se, pois, um turismo que se adapte aos princípios de um “desenvolvimento durável” com corresponsabilidade, que se harmonize com a economia, que utilize recursos derivados das atividades tradicionais.

É importante, além disso, que o desenvolvimento econômico da atividade turística respeite as condições e inclusive limitações derivadas da situação do meio ambiente (Vaticano, 2001). Para tanto, faz-se necessário um olhar atento ao desenvolvimento quanto aos danos que esse processo pode trazer para a economia do país e efeitos ainda piores como a exploração de pessoas, a propagação de patologias, o tráfico e consumo de drogas, a destruição da cultura, conforme visão das Orientações para a Pastoral do Turismo.

Na mensagem que o Vaticano emitiu para o 44<sup>a</sup> dia mundial do turismo, que ocorreu em 27 de setembro de 2023, a Santa Sé buscou estar em consonância com o tema proposto pela OMT que usou a expressão “Turismo e investimentos verdes” que ajuda a perceber elementos importantes para o atual desenvolvimento do turismo, inclusive no tocante ao turismo de massa.

Por esta razão, é necessário que os investimentos não tenham como único objetivo o turismo de massa, possível veículo de perda de identidade cultural e religiosa. Pelo contrário, é conveniente, enquanto os investimentos se concentram nas infraestruturas, que se promova a dignidade de todos os trabalhadores do setor turístico de forma a contribuir ao aumento da qualidade do seu trabalho e do próprio turismo (Vaticano, 2023). Essa constatação vai ao encontro da crescente preocupação do tipo de investimento predatório que acontece em

muitas regiões turísticas. O modelo de desenvolvimento devastador, que tem no crescimento econômico insustentável seu paradigma de Modernidade, não pode continuar dominando (Acosta, 2016).

Para tanto, a boa governança e os princípios de hospitalidade, que apresentamos na pesquisa, são instrumentos que buscam evitar que aconteça esse tipo de ações por parte dos atores envolvidos no turismo local. A governança comunitária (Tomazzoni, 2023) com característica endógena pode frear investimentos predatórios. Quanto à hospitalidade, parece que a hospitalidade gratuita (Gotman, 2009) é a que se aproxima:

Com a expansão do turismo e a tomada de consciência de seu lado sombrio, uma certa forma de antropologia vai a partir daí se dedicar ao estudo das práticas reformadoras de um turismo moderador suscetível de converter a relação de exploração em uma relação de hospitalidade controlada (Gotman, 2009, p. 19).

É salutar que o desenvolvimento do turismo, inclusive na perspectiva da religião, volte seu olhar e modo de ser seguindo as propostas de sustentabilidade em conformidade com a agenda 2030, na busca de um crescimento responsável e inclusivo. E para garantir o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, ele deve ser: ecologicamente responsável; socialmente compatível; culturalmente apropriado; politicamente equitativo; tecnologicamente favorável e economicamente viável para a comunidade anfitriã (CHOI *et al.*, 2006).

Faz-se necessário um outro olhar sobre o turismo, que passa a exigir uma abordagem interdisciplinar e não apenas ser visto como um produto da economia. A governança turística pode ser fundamental nessa nova visão, mas para tanto é preciso investir em tecnologia, parcerias, educação ambiental e conscientização. “A atenção e o apoio aos investimentos sustentáveis não podem, portanto, ser considerados como um entrave, mas como uma visão de longo alcance que se abre a projetos a longo prazo, sem cair na miopia do lucro imediato” (Vaticano, 2023).

A mensagem do Vaticano ainda sublinha o protagonismo dos operadores turísticos na busca por um turismo menos capitalista e menos consumista, cada vez mais preocupado com o todo que o envolve, por isso afirma que “os operadores turísticos têm nas suas mãos a possibilidade de oferecer oportunidades válidas e eficazes para redescobrir um tipo de férias diferente: [sendo] mais solidário e menos consumista; mais respeitador da natureza e capaz de contemplar a beleza nas suas múltiplas expressões” (Vaticano, 2023).

É o ser humano no centro da economia e não a economia escravizando o ser humano; esses são passos a serem dados para que o bem viver descrito por Alberto Acosta (2016) seja

de fato uma oportunidade para imaginar outros mundos que se pode chegar pelo turismo sustentável e inclusivo, promotor da paz e da fraternidade como sistema de governança da atividade com base nos princípios da hospitalidade.

A falta de produção acadêmica sobre o tema em questão mostra uma lacuna que esta pesquisa quer preencher. Portanto, será a primeira dissertação em um programa de pós-graduação de turismo sobre a Pastoral do Turismo no Brasil e, muito embora o tema já tenha aparecido em outras dissertações e teses, tem ocorrido de maneira transversal e sempre na perspectiva do turismo religioso, inclusive em outros países como Portugal.

Em uma pesquisa mais ampla sobre o tema, conforme apresentado na metodologia, e participando de Encontros da Pastoral do Turismo, é possível observar que outros trabalhos fazem referência à PASTUR mesmo sem tê-la como objeto de estudo. A seguir apresentamos uma lista de outras teses e dissertações que margeiam a presente pesquisa.

QUADRO 7 – Mapeamento acadêmico a respeito da Pastoral do Turismo.

<b>Tipo</b>	<b>Autor</b>	<b>Tema</b>	<b>Ano</b>
Mestrado em Teologia	Nuno Fernando de Sá Vilas Boas	A Pastoral do Turismo da peregrinação ao Santuário.	2012
Mestrado em História da Arte, Patrimônio e Turismo Cultural	Eduardo Taborda de Jesus	A Ética do Turismo Cultural nos escritos da Santa Sé.	2012
Mestrado em Turismo	Mônica Schneider	A Hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso	2013
Doutorado em Turismo e Hospitalidade	Eduardo Taborda de Jesus	O Turismo e a busca de sentido: A hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas.	2019
Doutorado Em Turismo E Hotelaria	Anderson Sartori	O sagrado e o profano na constituição do território turístico religioso: estudo do destino Santuário Santa Paulina (Nova Trento/SC)	2020
Mestrado em Turismo	João José dos Santos Júnior	As relações entre os atores da governança do turismo em Aparecida (SP) e a participação da Igreja nas políticas públicas do destino turístico religioso.	2023
Mestrado Em Desenvolvimento E Gestão Social	Hilda Almeida dos Santos	Turismo religioso católico comunitário na terra santa dos Alagados: articulação entre a matriz “Paróquia de Alagados” e os atores sociais a partir de uma pesquisa participante.	2023
Mestrado Em Desenvolvimento E Gestão Social	Rosa Virgínia de Brito Souza Medeiros	Península de Todos os Santos: diretrizes para um plano de turismo religioso na Cidade Baixa.	2023

Fonte: O autor (2024).

As duas primeiras dissertações não são de instituições do Brasil, mas de Portugal e versam na perspectiva do Turismo Religioso. Apenas uma é de um programa relacionado com o turismo. Vilas Boas (2012) pesquisa numa perspectiva mais teológica e com isso não aprofunda a pastoral como organismo, mas exalta o aspecto da acolhida na relação do anfitrião com o turista. Nesse sentido, é importante a ligação que o autor faz da acolhida com a diaconia e o serviço a mesa dos turistas.

A segunda dissertação do quadro 7, em seus objetivos específicos, coloca que pretende oferecer informações que possam desenvolver a Pastoral do Turismo nas dioceses. A partir da pesquisa realizada nos documentos pontifícios, pontua que, para a Igreja Católica, o turismo possui três características: é uma forma de conhecimento e propagação cultural; contribui para a difusão do pensamento cristão católico; e potencializa a maturação do conhecimento (De Jesus, 2012).

A pesquisa de De Jesus (2012) tem um valor importante para qualquer pesquisador acerca do turismo sob a ótica da Igreja Católica pelo percurso que o autor desenvolve analisando todos os documentos do magistério sobre turismo. Além dos que já tratamos, ele apresenta uma fonte documental essencial que é a coletânea de documentos do Magistério e da Santa Sé sobre Pastoral do Turismo intitulado *Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastorale Del Turismo*, lançado pela livraria Vaticana, que também usamos de base nesta pesquisa.

Dentro do percurso histórico e documental analisado por De Jesus (2012) são apresentadas quatro fases históricas da Pastoral do turismo: A primeira fase (1952/1969) embrionária onde buscam entender o que era esse fenômeno chamado turismo que “culmina com a criação e publicação do primeiro documento regulatório das atividades para os profissionais do turismo, o Peregrinos na Terra” (De Jesus, 2012, p. 127); A segunda fase (1969/1982), da maturação do conceito, é marcada pela visita e discurso do Papa João Paulo II na sede da OMT em Madri; A terceira fase (1982/2001), de divulgação das ideias, fica marcada por reuniões com bispos de lugares com demanda turística, incentivando a organização da Pastoral do Turismo nessas localidades.

De Jesus (2012) situa a quarta fase nomeada de “atual” que se iniciou em 2001 com a publicação das orientações para a Pastoral do Turismo, que já analisamos nesta pesquisa. A pesquisa se encerraria em 2012 e até então não havia novos dados para uma nova fase, para a qual o autor faz uma avaliação do percurso da pastoral:

Esta fase em que nos encontramos deveria ser a fase onde as Pastorais do Turismo poderiam dar a resposta final desejada desde a sua criação, contudo o pouco conhecimento dos materiais em voga e tornou esta questão mais morosa para ser concretizada e faz a estratégia da Pastoral do Turismo retornar as necessidades da maturação do conceito, quando apresentava os documentos e estudos ao meio católico e acadêmico (De Jesus, 2012, p. 128).

Conforme os últimos desdobramentos da PASTUR com as mudanças de competência, conforme já foi apresentado, pode-se supor que a fase atual se trata da quinta fase, iniciada em 2022 sob a tutela do Dicastério para a Evangelização, e que parece dar uma nova função a essa pastoral que assume uma atuação de evangelização do turista e articulação de grandes eventos, como o Jubileu Ordinário de 2025, evento que irá movimentar o turismo no Vaticano ao longo do ano. Inclusive um Congresso Mundial da Pastoral do Turismo está agendado para acontecer em outubro de 2025 em Roma.

Essa quinta de fase da evangelização também é marcada pelo pós-COVID 19 e pela crescente pesquisa acadêmica sobre o turismo religioso apontando elementos da Pastoral do Turismo e sua necessidade na governança do setor, como aponta as três pesquisas de 2023 conforme quadro acima. Em tempos de crise, a sociedade se apega a valores espirituais e à propagação da vida humana. Diante de tais perspectivas, a pesquisa acadêmica tem buscado entender a relação entre a fé e a sociedade, inclusive na atividade turística.

Essa perspectiva de evangelização é observada por Schneider (2013) com foco no turismo religioso ao dizer que: “a Igreja vê o turismo como uma oportunidade de evangelização” (Schneider, 2013, p. 54). A pesquisadora coloca elementos de hospitalidade que serão abordados nesta pesquisa.

Sartori (2020) propõe analisar os papéis da Pastoral do Turismo no cenário nacional como possibilidade de trabalhar com determinados grupos ou temáticas, conforme será feito nesta pesquisa na análise da governança e hospitalidade. Santos Junior (2023) foca na PASTUR como ator de governança ao dedicar uma de suas entrevistas ao representante da pastoral na cidade de Aparecida e como membro do COMTUR do município de Aparecida.

Santos (2023) e Medeiros (2023) direcionam a pesquisa para duas regiões da cidade de Salvador, que possui uma Pastoral do Turismo estruturada e onde reside o coordenador nacional, tendo, assim, uma maior atuação. O foco da pesquisa é a governança com parcerias como SEBRAE e prefeitura, fazendo que seja possível a capacitação de agentes, a criação de roteiros e a valorização das comunidades locais.

Camargo (2006), ao analisar o receptivo turístico e os sacrifícios que são necessários para que a governança e a hospitalidade aconteçam - daí o planejamento turístico - afirma que

tanto o planejamento da hospitalidade que uma localidade pode e quer proporcionar, quanto a efetivação da parceria com diversos atores da governança são processos necessários para se atingir os objetivos com base nas categorias sugeridas nesta pesquisa.

Todos esses elementos apresentados por meio do percurso histórico, documental e acadêmico que realizamos nos fazem chegar a uma definição acerca desse organismo da Igreja Católica, que rompe as barreiras do nicho turístico que comumente situamos como turismo religioso, abrindo espaço para uma pesquisa mais ampla no turismo como um todo.

A seguir, aprofundamos a pesquisa analisando a percepção da Pastoral do Turismo no que compete à governança turística e hospitalidade em relação à pesquisa aplicada na instituição por meio de entrevistas.

## 5. PRINCÍPIOS DE GOVERNANÇA E HOSPITALIDADE NA PASTORAL DO TURISMO DO BRASIL

Neste capítulo, serão apresentados os resultados das entrevistas feitas com três representantes de nível nacional da PASTUR que podem ajudar a perceber, dentro do organismo, os princípios de governança turística e hospitalidade na Bíblia, o que entra em concordância com o *corpus* da dissertação e conforme o objetivo geral de interpretar os instrumentos de governança e hospitalidade, por meio da Pastoral do Turismo, em prol do desenvolvimento do turismo brasileiro.

A identidade de cada entrevistado não será revelada com o intuito de preservar as opiniões individuais. Portanto, serão nomeados por siglas: E1 (entrevistado 1) E2 (entrevistado 2) e E3 (entrevistado 3) e a íntegra das entrevistas estará como apêndice nesta pesquisa. Buscou-se no início das entrevistas sondar a compreensão sobre turismo, dos representantes pois a falta de entendimento do tema pode resultar em uma atuação que não diz respeito ao turismo ou ser algo um tanto quanto empírico.

O E1 esclarece que parte do pressuposto da fé e da Igreja: “Turismo é uma das expressões mais bem-acabadas do que o Papa Francisco vem chamando de cultura do encontro. Porque justamente é uma oportunidade privilegiada de trocas, de vivências, de saberes” (E1). Nota-se uma perspectiva humanística sobre o turismo e, conseqüentemente, uma interface com a hospitalidade, como desenvolvido nesta pesquisa, explorando ainda outro elemento para definir o turismo que é a cultura do encontro, perspectiva que sobressai na atuação da PASTUR, como exposto nesta pesquisa.

O E2 aponta que:

Turismo em geral é uma atividade do ser humano que visa à descontração, lazer, conhecimento, passeio, partilha, troca de experiências e entretenimento. Em síntese é aquilo que não faz parte do essencial do ser humano, mas que completa, que agrega, trazendo a ele uma qualidade de vida, uma realidade de alegria, de expressão de si e também de criatividade e espontaneidade (E2).

Considera-se que, nessa percepção, o turismo está relacionado a uma atividade do ser humano, ou seja, coloca o turista no centro da questão e sugere que o turismo agregue qualidade de vida e alegria. Tal visão aproxima-se da percepção de Paulo VI analisada nesta pesquisa, mas também coaduna com a percepção de que o lazer é uma necessidade de rompimento do cotidiano que visa uma fruição das tensões do dia a dia (Brambatti, 2015).

Já a E3, de maneira sucinta, traz outros elementos para a percepção do que vem a ser o turismo na visão de quem faz parte da PASTUR, levando em conta que a mesma tem

formação acadêmica em turismo e trabalha no trade turístico, o que pode limitar ou direcionar suas considerações sobre o assunto: “Pernoitou uma noite fora do seu local de residência é turismo” (E3).

Sobressaem, na compreensão dos entrevistados, três aspectos que ajudam a entender as ações da pastoral na governança e hospitalidade do turismo, o aspecto de cultura do encontro, lazer e viagem, tendo esses elementos presentes percebe-se conforme os documentos oficiais da Igreja que os três correspondem à formulação de turismo entendida pela instituição, numa perspectiva humanística e não de uma atividade comercial.

Ainda, querendo entender qual a percepção dos entrevistados dessa amostra sobre temas mais amplos da pesquisa, perguntou-se sobre o que é a Pastoral do Turismo. Observa-se que E1 e E3 estão envolvidos na PASTUR desde o recomeço em 2014, conforme apresentado ao descrever sobre o percurso da pastoral do Brasil.

É uma presença de igreja, de Jesus, o bom pastor, por isso é pastoral junto às realidades de turismo, as pessoas envolvidas com o turismo. Não é novidade [...] que são mais de 30 ou 40 áreas que o turismo envolve áreas da economia. E nessas áreas da economia estão pessoas, então a PASTUR tem privilegiadamente o olhar voltado para as pessoas. Os empresários, as comunidades acolhedoras, os empreendedores populares, os agentes de turismo, os guias, o turista, os profissionais de turismo, as pessoas envolvidas nas atividades turísticas, é uma ação de presença junto a essas pessoas, junto a essas realidades. Essa presença tem obviamente um método, tem uma motivação, que é a motivação, quando a gente fala evangelizar, logo vem muito a cabeça a perspectiva proselitista, mas aqui é o evangelizar pela presença, o evangelizar pela proximidade (E1).

Essa definição está de acordo com o referencial teórico desta pesquisa (Boff, 2005; Gotman, 2009; Camargo, 2011). Vale ressaltar algo que aparece em todas as entrevistas e na pesquisa tanto bibliográfica quanto na observação participante: que o foco da atuação e presença na pastoral no turismo é a pessoa, ou seja, o anfitrião e o hóspede, o que o turismo pode gerar financeiramente é secundário. Por isso E1 nomeia pessoas e pontua a motivação que é evangelizar conforme o mesmo esclareceu.

Essa constatação também apresenta atores da governança turística que às vezes não participam das mesas que decidem as ações do turismo nas localidades e, nesse sentido a Pastoral, tendo esse olhar e fazendo contato com esses atores, pode representar seus interesses na governança. Outro aspecto levantado é quanto a ser Pastoral, e E2, ao responder a mesma pergunta desenvolve, essa perspectiva:

PASTUR é uma pastoral. É um serviço de igreja, [...] quando a gente observa concretamente a PASTUR é o específico da atuação do bom pastor naquele determinado ramo, atividade, categoria de pessoas. E a PASTUR é então a extensão do braço do bom pastor no universo do turismo (E2).

O termo serviço é muito usado em todas as ponderações e ações, como analisado também na observação participante e conversas informais com participantes da pastoral. Tanto que E2 ressalta essa observação, colocando como base para definir o que é a PASTUR e que, conforme definição, não tem relação com o lado comercial do turismo, mas com o serviço e cuidado. Mas também destaca o sentido de evangelização como E1 destacou acima. Os três foram unânimes em falar que é o “pastoral” e apresentaram definições por meio de palavras relacionadas ao bom pastor, uma analogia bíblica feita de pastorear, cuidar e servir, o que estabelece uma aproximação com hospitalidade como nas categorias apresentadas nesta pesquisa.

Com o intuito de aprofundar na percepção dos entrevistados, questionamos sobre a contribuição da PASTUR para o turismo de modo geral e aqui aparece novamente uma característica recorrente em todas as entrevistas, de ser uma contribuição na perspectiva de humanização. “Humanizar a atividade turística, colocando no centro dela a pessoa que finalmente é começo, meio e fim, meta e caminho de toda atividade humana. E o turismo é sobremaneira atividade humana.” (E1).

Tanto E1 quanto E2 exaltaram a contribuição no sentido do cuidado com as pessoas e com o meio ambiente, buscando uma atuação de respeito às diferenças e justiça social. Apenas E3 acrescentou o sentido de contribuição espiritual: “a pastoral ela vem mostrar que você tem que ter um alvo não só na religiosidade, mas como uma espiritualidade” (E3). Conforme aponta a pesquisa documental e bibliográfica (Filho; Aguirre, 2021), a PASTUR é uma pastoral social o que justifica as ponderações de E1 e E2 no campo da atenção com algumas realidades presentes no turismo que degrada, desumaniza e mata.

No capítulo anterior, apresentamos os vários departamentos de governo da Igreja onde a PASTUR esteve alocada e situamos o último como um dos motivos da fase atual da pastoral como apresentado. Mas para entender a percepção da coordenação sobre o tema perguntamos o que cada um achou dessa nova destinação, tal informação ajuda a perceber a atuação na governança e desenvolvimento da hospitalidade no organismo pesquisado.

A discrepância de visão de Igreja, entre América Latina e Europa, parece ser a principal motivação para tal manobra administrativa da Igreja, conforme os entrevistados. E também a perspectiva da compreensão de turismo como pontuado por E1: “Se eu vejo a Pastoral do Turismo só como Pastoral do Turismo religioso, a perspectiva da evangelização,

*Stricto sensu* cabe muito bem, está muito direitinho.” Cabe, pois, frisar que a pesquisa identificou que a PASTUR vai além do turismo religioso.

A reflexão foi ampliada pelo E2 fazendo uma análise da postura de religiosos, pastorais e movimentos entre espiritualidade e prática social, ponderando ainda que tal reposicionamento da PASTUR pode ser salutar para evitar exageros ou desvio de função.

Essas duas realidades, elas precisam estar sempre conexas. E quando a gente vê no Vaticano ligado ao aspecto da evangelização e aqui para nós é dentro da **ação sociotransformadora**, para mim isso está de bom tamanho. Porque representa que nós lá em cima, a gente está engatado na evangelização para a gente não perder esse ponto de vista e a gente não se desequilibrar para nenhum dos lados, e aqui a gente está com o pé no chão da realidade para que a gente também não vá para outro lado (E2, grifo nosso).

Outro tema tratado nas entrevistas desta pesquisa é o estatuto, como apontou Moreno (2016), e que só agora foi efetivado, conforme registrado na pesquisa participante e disponibilizado como anexo na dissertação. Conforme a coordenação, o estatuto favorece na governança e estabelece a forma de agir da PASTUR, além de tornar-se um documento referencial para quem desejar conhecer mais sobre o organismo e seu modo de operacionalidade. “É uma burocracia necessária” (E3).

Esse preâmbulo de perguntas, conforme metodologia adotada, facilita entrar nos temas essenciais da pesquisa. Por isso, na sequência os temas de governança e hospitalidade serão mais aprofundados. As perguntas foram feitas de maneira sequencial e depois sobre as categorias de cada unidade de análise, como descrito na metodologia. Para fins de análise, elas serão apresentadas por temas.

## 5.1 A GOVERNANÇA TURÍSTICA NA PERCEPÇÃO DA PASTUR

Conforme um dos objetivos específicos, a pesquisa se propõe a analisar os elementos de governança turística desenvolvidos na ação desenvolvida pela Igreja Católica no âmbito da PASTUR e as entrevistas ajudaram nessa análise. Primeiro se fez necessário saber o que era governança para os entrevistados. Os principais elementos coletados nas respostas foram de que não se trata de um governo autocrático, mas uma gestão participativa e de múltiplas participações, uma organização que estabelece princípios e metas. Coaduna com os autores do referencial teórico, Trentin (2017) e Coutinho e Nóbrega (2019).

Como esses elementos, a governança exercida pela PASTUR foi questionada e de modo geral exaltaram aspectos de liderança e incentivo de participação de todos que é a

proposta da Igreja com a sinodalidade, que pode ser traduzido por caminhar juntos no sentido de escutar a todos para tomar as decisões, mesmo estando sob um sistema monárquico, o que pode parecer divergente com o tema como levantado por E1 que também reconhece que a Igreja está em processo, como aponta:

Portanto, eu acho que a gente está fazendo o caminho para ter uma gestão cada vez mais com um **modelo de governança** que tenha muito claro **o ser e o agir**. E aí está no estatuto, está no livro, está nas coisas sobre o que a gente vai construindo. E essa clareza, no ser e agir, se revela nas práticas (E1, grifo nosso).

Importante situar que o entrevistado sugere que exista um modelo de governança na pastoral e que a gestão esteja vinculada entre o ser e agir. Tal fato pode identificar uma relação entre tal tipo de governança turística com os valores que vinculam a prática do turismo à existência ética do ser com a hospitalidade.

A pesquisa apontou por meio do referencial teórico (González, 2013; Kaizer, 2021; Kalaoum e Trigo, 2020) algumas categorias de governança, por isso foi perguntado aos entrevistados se eles viam a PASTUR presente nessas categorias conforme quadro 02. A primeira categoria perguntada foi democracia.

Todos os entrevistados foram unânimes em dizer que a PASTUR tem uma presença democrática no turismo e entre os participantes do organismo. Apenas E1 desenvolveu mais a resposta ao explicar que: “Não existe a democracia direta. Mas eu acho que a democracia é diretíssima no sentido de que vamos sentar à mesa e vamos escolher prioridades e vamos estabelecer critérios” (E1). Nota-se aqui a hospitalidade presente enquanto ato político de cuidado com o outro, conforme apontado por L. B. Brusadin – organizador (2017).

Conforme a pesquisa documental a PASTUR, é uma pastoral social e na Igreja existe uma doutrina social que está na base de toda a sua atuação da Igreja na sociedade civil. Decidiu-se aprofundar, então, a questão da democracia e da posição da Igreja, e tal compreensão ajuda a perceber essa categoria na governança da PASTUR. Vejamos o que diz o compêndio de Doutrina Social da Igreja.

Uma autêntica democracia não é o somente o resultado de um respeito formal de regras, mas é o fruto da convicta aceitação dos valores que inspiram os procedimentos democráticos: a dignidade da pessoa humana, o respeito dos direitos do homem, do fato de assumir o « bem comum » como fim e critério regulador da vida política. Se não há um consenso geral sobre tais valores, se perde o significado da democracia e se compromete a sua estabilidade (n. 407).

O mesmo documento afirma que a Igreja encara com simpatia o sistema da democracia e pode-se supor que a mesma adota uma participação democrática na governança,

como apontado pelos entrevistados. A outra categoria perguntada foi transparência, o E1 associou transparência à questão financeira, mas o mesmo notou que o organismo não tem finanças para dar essa maior transparência, mas que ela existe quanto às ações e práticas da pastoral. A temática foi ampliada por E2: “Hoje, nós temos até uma transparência disponível, acesso ao público de órgãos de governo. E isso exige muito, se até o governo está agindo com transparência” (E2). A terceira categoria analisada foi a participação que foi desenvolvida apontando alguns exemplos dessa pluralidade.

Participação plural? Sim, existe, existe, sim. Pluralidade de culturas dentro do contexto brasileiro, pluralidade de gênero. Aliás, agora está assumindo uma coordenadora. É pluralidade. É muito. [...] E aquela frase de Santo Agostinho define bem, né? No essencial, radicalidade, no relativo liberdade e no tudo Caridade. Então, óbvio, a pluralidade não existe no campo da doutrina, porque a gente tem uma única fé, somos uma única igreja, uma única fé, um só batismo e tal e tal e tal. Mas na prática, nas lógicas, nas elaborações de programas de projeto... (E1).

O entrevistado coloca em relevo dois aspectos da pluralidade, a cultura e o gênero, mas também sinaliza que quanto à fé doutrinal não existe, mas nas práticas, lógicas e elaborações e projetos sim. “A igreja toda é feita de participação e pastoral mais ainda porque a pastoral ela age com pessoas voluntárias. Então é a participação.” (E2).

Nota-se que a participação plural, como sugeriu E1, tem ligação com a hospitalidade, pois a abertura que a hospitalidade sugere, como visto na pesquisa, acolhe a participação de todos que com suas pluralidades podem ajudar a desenvolver o turismo.

Como última categoria analisada de governança, sugerimos a colaboração que também pode ser chamada de cooperação e deixamos livre que cada um respondesse como achasse melhor.

Se não fosse isso, se não existisse, nem PASTUR existiria. É um grande mutirão, é uma grande ciranda. Que a gente vai ampliando, apoiando, ampliando. E no início, quando a gente assumiu, existia um certo preconceito com o mundo empresarial, né? E nesse período a gente fez também. Acho que é uma das marcas. Eu acho que a gente conseguiu, não afastar a lógica empresarial, mas delimitar o espaço próprio da lógica empresarial dentro da PASTUR, deixando muito claro quem são, quem é quem no tabuleiro, quais são as peças do tabuleiro. Então o agente, o empresário, a comunidade, a hierarquia e assim, todo o mundo sentado junto, mas existe muita participação (E1).

Fica claro que há a cooperação com o setor empresarial, nomeado pelo entrevistador de mundo empresarial, mostrando que foi um processo realizado ao longo dos anos estabelecendo a função de cada um na governança. Esse conflito é percebido por Moreno (2016), e como apresentado, parece ter sido superado e favorecido a colaboração da pastoral

com os demais atores da governança, principalmente os representantes de empresas privadas. Este tema será abordado em outra parte da entrevista.

O tema foi ampliado pelo E2 que assinalou a colaboração entre os participantes dos Encontros Nacionais: “Até mesmo um encontro como esse que nós tivemos, ele se torna um espaço de colaboração, de troca, de experiências. Naquilo que a gente ouve, os temas abordados, que traz uma iluminação para o próprio local” (E2).

Por fim, perguntou-se se gostariam de incluir alguma outra categoria de governança que percebiam na PASTUR, e todos disseram que as apresentadas já contemplavam muitas realidades de governança e não viram a necessidade de apresentar outra categoria. A seguir aprofundar-se-á a temática da hospitalidade e as categorias observadas.

## 5.2 A PASTUR SOB A ÉGIDE DA HOSPITALIDADE

Nesse recorte de hospitalidade, conforme os objetivos específicos, buscou-se identificar as práticas de hospitalidade da PASTUR que convergem com a hospitalidade presentes na Bíblia e como isso pode influenciar no turismo. De início perguntou-se de maneira mais ampla sobre hospitalidade, para trazer a percepção dos entrevistados sobre o que vem a ser este termo.

O E1 abordou que não tem conhecimento técnico ou científico sobre o assunto, mas na sua visão pessoal, “a hospitalidade é a técnica do bem acolher”, o que está de acordo com o E2: “Hospitalidade é acolher bem. É trazer para dentro da casa [...] o outro, é propiciar que ele se sinta em casa, que ele se sinta acolhido fornecendo a ele aquilo que ele precisa de necessidades básicas...” (E2).

A única que fez referência à Bíblia foi E3 ao dizer: “**Hospitalidade, ela tá junto com a acolhida**, é aquela coisa, você tem que ter a hospitalidade se a gente vai buscar hospitalidade na Bíblia, é assim, fazer o seu melhor, não importa a quem” (E3, **grifo nosso**). Sobressaem nessa resposta questões importantes presentes no referencial teórico em Noguero, (2019) nos estudos sobre a acolhida de Jesus, e também com Marcelino e Bastos (2022), ao apontarem a hospitalidade motivada por querer o outro perto de si e construir vínculos sociais.

Na tentativa de aprofundar o tema e colocá-lo dentro do universo da PASTUR, a pergunta foi direcionada para que dissessem onde veem na PASTUR a hospitalidade. Na percepção de E1, a centralidade da hospitalidade está na comunidade eclesial, ou seja, no grupo religioso que acolhe o turista. Afirma ainda que ela se apresenta por meio de algumas

características que sinaliza: “A Igreja tem um bom banco, as placas, a sinalização, a acessibilidade, a toailete, né? E pessoas sorrindo, né? Pessoas sorrindo” (E1).

Percebe-se nesse ponto uma redução da amplitude que envolve a hospitalidade ao trazer exemplos relacionados a questões tangíveis em si e não perceber um horizonte maior oferecido pela dádiva hospitaleira (Brusadin, Netto, 2016) e que pode convergir com a perspectiva religiosa dada à hospitalidade.

Corroborou com a mesma perspectiva a fala de E2 ao dizer que a hospitalidade está em prover os aparelhos necessários, com uma ênfase para a acessibilidade como dito por E1. Mostrou como exemplo de hospitalidade o Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida, no interior de São Paulo. Os dois quiseram dar destaque para práticas de acolhida e bem-estar, como sendo a realização da hospitalidade, sempre na relação da Igreja com o turista e a comunidade local. Já E3 partiu de uma situação interna da pastoral e recordou que, nos Encontros Nacionais, apresentados nesta pesquisa, tem uma característica de hospitalidade: “As famílias que acolhem nos encontros nacionais, por exemplo. Eu acho que ali é uma hospitalidade” (E3).

A entrevistada chamou a atenção para um fato que ocorre sempre nos encontros nacionais, quando famílias acolhem, durante os dias do evento, participantes do encontro que não têm como pagar hotel. Tal ato pode ser visto como uma forma de hospitalidade também para os que fazem parte da pastoral. Ou seja, a hospitalidade tem que ser pensada não só na relação com o turista, mas também com os próprios participantes da pastoral. Parece fugir da compreensão dos entrevistados a perspectiva da dádiva na hospitalidade e que este pode ser um campo mais explorado pela PASTUR, enaltecendo relações que geram a tríade dar, receber e retribuir.

Nota-se que nenhum dos entrevistados falou acerca das categorias desta pesquisa. No próximo bloco de perguntas, realizou-se o mesmo exercício da governança, oferecendo palavras de base para as categorias de hospitalidade abstraídas no estudo.

Quanto à categoria “cura”, todos sentiram surpresa, mas ao mesmo tempo fizeram um esforço para interpretar a partir de suas experiências. Fazendo um resgate de duas atuações da PASTUR na Bahia, o E1 recordou dois casos de turismo de base comunitária que acontecem na região e que têm atuação da pastoral. O caso de Alagados (Filho; Aguirre, 2021) e outro mais recente que acontece num acampamento do MST de que tomamos conhecimento na pesquisa de campo.

Nos dois casos a cura passa pela oportunidade de desenvolvimento da comunidade por meio do turismo e isso faz aumentar a autoestima dos anfitriões. Já para o hóspede, pode ser terapêutico no sentido de compartilhar com aquela comunidade local. Existe uma troca de dons que possibilita cura e corrobora com o que diz E2: “Depois **a cura**, eu veria também no aspecto espiritual, psicológico. Nós sabemos a grande importância que há para as pessoas o estar bem” (E2, grifo nosso). A cura foi pontuada também por E3, tomando por base os participantes da PASTUR, ao dizer que participar do grupo e das ações promovidas, também ocorre um processo de cura para quem está envolvido na pastoral. Nenhuma referência foi feita no sentido bíblico e nem da esperança conforme identificado na bibliografia dessa pesquisa, o que pode ser importante para o organismo se posicionar no turismo.

Quanto à “escuta”, E1 apresentou um pensamento mais filosófico do não dito, mas definiu na perspectiva de turismo com uma atenção ao hóspede que precisa ser atendido em suas necessidades, ou seja, precisa ser escutado: “Então escutar nesse sentido também, sabe escutar o não dito, presumir. Se adiantar, fazer uma escuta antecipada às demandas” (E1). É como percebido nos relatos bíblicos onde Jesus se antecipa a responder o que seus interlocutores estavam pensando. Os outros dois entrevistados apresentaram realidades bem diferentes. E2 com destaque para a parte sacramental, onde a pessoa é escutada. E numa perspectiva de outra pastoral da Igreja, denominada pastoral da escuta, foi como abordou o tema E3, que viu no turismo como uma novidade.

A categoria “conversão” foi adaptada para “inclusão”, uma vez que, na perspectiva da pesquisa com fundamentos da Bíblia e nos relatos dos Evangelhos, a conversão na vida das pessoas que Jesus encontrou permitiu a inclusão delas na sociedade. Então pode-se associar conversão à inclusão, e foi com essa palavra que os entrevistados comentaram mais uma categoria de hospitalidade. Três realidades foram mais relevantes: a acessibilidade aos templos, as pessoas transgêneras terem seu espaço e a atenção aos autistas. Incluir essas realidades, segundo os entrevistados, deve ter uma atenção da PASTUR.

A última categoria sugerida foi “diálogo na perspectiva da paz” e a religião se propõe a isso em suas variadas ações na sociedade, inclusive em consonância com o 45º dia mundial do turismo, ocorrido em 2024, cujo tema da mensagem do Dicastério da Evangelização foi “Turismo e Paz”. De certo modo, as falas estiveram de acordo com essa abordagem.

Então, paz, não é apenas, assim, uma coisa idílica, mas é também essa gestão de conflitos. Eu acho que aí é preciso entender a ação da PASTUR na construção da paz. Como essa gestão de conflitos para que ela, a sociedade não exploda, né? Não imploda. Diante dos conflitos inerentes ao meio (E1).

O diálogo que a Igreja por meio da PASTUR pode gerar, como no exemplo apresentado (E1), mostra sua capacidade de hospitalidade no turismo. Foi levantado também como exemplo no turismo de base comunitária, quando as comunidades pobres começam a se desenvolver deixando de lado os conflitos, conforme analisado por E2, no que favorece a paz. Em uma outra perspectiva, E3 apontou a paz como estado de espírito para atuar no turismo.

Ao final das quatro categorias sugeridas, deixou-se a possibilidade de quem desejar sugerir alguma outra característica de hospitalidade; apenas E3 quis sugerir.

Doação eu acho que você não usou a palavra. **Quando a pessoa se propunha, a hospitalidade é uma forma de doação para o outro.** Eu acho que você não colocou nenhuma vez essa palavra doação, sabe? Se doar, a doação, não no sentido de eu vou doar uma roupa minha que tá sobrando aqui no meu armário, não. É doar o amor, doar o seu tempo (E3).

Entendendo a relação estreita que pode existir com diversas palavras, o E1 pontuou:

De certa forma, essas 4 dimensões, elas estão muito de acordo com aquela linha que a gente sempre vem desenvolvendo já há algum tempo para as nossas ações, é acolhimento, é respeito, preparação. Por exemplo, respeito que está na linha da inclusão, eu acho, né, o respeito às diferenças. É como eu digo, cada palavra dessas é a mesma coisa da outra. Cada palavra dessa carrega o mundo de possibilidades, né? De avançar, mas elas 4 estão muito na linha do que a parte do preconiza (E1).

Após essas perguntas, foi feita a todos uma das indagações que perpassa esta pesquisa: Seria possível, com instrumentos de governança de cunho humanístico, inserir a hospitalidade na atividade turística? E a PASTUR é capaz de realizar tal premissa?

Acho que a gente pode chegar lá não sei se hoje a gente é capaz, mas, de fato, eu penso assim, se pensando em perspectiva que a gente tem no Horizonte algumas possibilidades de ação muito interessantes, sabe? Se a gente conseguisse formar de fato, um grupo de reflexão, se a gente conseguisse formar uma personalidade jurídica geradora de reflexão e de conhecimento, até vinculada a alguma universidade católica, que a gente fosse uma instância de autorreflexão e de formação para hospitalidade no mundo do turismo, eu acho que a gente podia, se a gente colocasse isso aí no horizonte, não ia ser problema não, estaria muito dentro do nosso escopo (E1).

O entrevistado avalia que falta uma governança e articulação para alcançar o objetivo, mas ao mesmo tempo percebe que a PASTUR teria alguns meios para realizar a premissa em questão. Os outros gestores também concordaram: “Sim, **a hospitalidade, ela é um conceito humano**, mas é um conceito mais do que humano, é um conceito de pastoral, é um conceito religioso de espiritualidade” (E2, grifos nossos).

Nota-se que as percepções estão relacionadas a elementos de hospitalidade que vão além das práticas de mercado e gestão. O elemento humanístico está na espiritualidade, na

reflexão, no conhecimento, na pastoral e na vida dos que são anfitriões e hóspedes, de quem acolhe e de quem é acolhido. A lei da Hospitalidade assume um protagonismo na governança do turismo, com essas características.

As respostas estão de acordo com Brusadin e Netto (2016), estudiosos da dádiva de Mauss enquanto fundamento teórico que pode contribuir com o campo científico, e com diretrizes afetivas para a sociedade civil, com destaque para o intercâmbio simbólico e afetivo entre anfitrião e visitante que pode resultar na empatia sugerida pelos entrevistados, ou como dito por E3, na doação para o outro.

### 5.3 EVOLUÇÃO DA GOVERNANÇA NA PASTUR DO BRASIL

No decurso da construção do *corpus* desta pesquisa, as entrevistas de Moreno (2016) aos representantes da PASTUR naquele momento de reformulação da pastoral, como já foi apresentado, levantaram alguns questionamentos sobre a governança que a PASTUR queria exercer naquele contexto. A partir daí, optou-se por resgatar algumas daquelas perguntas e atualizar a percepção com os que têm atualmente o mesmo cargo que foi entrevistado naquela ocasião. Isso pode trazer outros elementos para a pesquisa.

Em 2016, o coordenador nacional era o padre Manoel Filho, que em 2024 deixou esse cargo, mas permaneceu atendendo enquanto coordenador nacional. Ao fazer as perguntas, não informamos que as mesmas tinham sido feitas em outra ocasião, apenas ao final da entrevista que foi revelado tal fato.

A primeira pergunta permite perceber a evolução da PASTUR nesses oito anos entre uma entrevista e outra. “Se nós formos fazer um balanço das dioceses que têm sido visitadas, em quantas a PASTUR já está implementada?” (Moreno, 2016). Naquele recomeço de 2016, a resposta foi que a PASTUR tinha apenas um ano e meio de implantação, mas que algumas cidades já tinham iniciado um núcleo ou uma tentativa. Segundo o entrevistado, as cidades eram: Manaus, Belém, Recife, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, Niterói, Cachoeira do Itapemirim, Ipameri (Moreno, 2016). Totalizando, segundo os dados do entrevistado, nove dioceses, que são circunscrições administrativas da Igreja que normalmente corresponde a uma cidade ou conjunto de cidades menores.

Em 2024 a constatação não mudou muito. Segundo dados do entrevistado foram 13, e na resposta, ele faz uma constatação do porquê dessa pequena quantidade numa pastoral que celebrava dez anos de atuação: “Se a gente pensa no horizonte da Igreja do Brasil, é muito

pouco, [...] mas é um caminho. Não é uma pastoral de fácil assimilação. É um caminho lento. Que a gente vai fazendo, mas são treze” (E1).

A pesquisa de campo e a coleta de dados no decurso da pesquisa mostraram que, das citadas em 2016, atualmente só estavam com núcleos ativos Belém, Salvador e Niterói até dezembro de 2024, quando encerramos essa coleta de dados na pesquisa de observação e mapeamento dos núcleos. Então das atuais treze dioceses, são dez novas dioceses com núcleo da PASTUR. Isso mostra um déficit da PASTUR em sua atuação de governança turística e seus princípios de hospitalidade acabam não sendo conhecidos nos grupos de governança do turismo.

A segunda pergunta que foi repetida, também numa perspectiva de perceber a governança, foi: “Vocês têm feito algum plano de divulgação para outras dioceses?” Os destaques da resposta de 2016 mostram que havia um plano de expansão:

A divulgação é feita através das redes sociais, do novo site e através dos encontros nacionais. Na verdade, a gente não pode imaginar que a implantação de uma Pastoral se dê por decreto, que de repente a CNBB ou se alguém decreta e as pastorais vão surgir. [...] Então esse ano com a implantação do encontro nacional Itinerante na Pastoral do Turismo nós acreditamos que teremos essa onda de capilarização. [...] O Encontro Nacional Itinerante é um grande capilarizado. Mas a PASTUR tem apenas um ano e meio com essa formatação, antes já teve uma caminhada (Moreno, 2016).

Na pesquisa de campo, identificou-se que o site não existe mais e, como já apresentado, o plano não surtiu muito efeito nesse tempo, ou seja, a esperada capilaridade não aconteceu como era esperado. Atualmente, a visão do entrevistado passa pelas relações interpessoais e pela hospitalidade que gera encontro e acolhida: “E fundamentalmente é o contato pessoal; geralmente a PASTUR nasce a partir de um contato, de um incentivo, de uma conversa. Ela também nasce muito e morre muito, também tem isso” (E1).

Por fim, o depoente completa a resposta com uma avaliação do motivo de a PASTUR não se desenvolver muito, o que tem sua raiz nas relações de governança interna da Igreja e falta de conhecimento sobre a pastoral: “às vezes é sempre um dilema na Igreja, às vezes a autoridade quer e não encontra quem, às vezes o povo quer e não encontra respaldo da autoridade, é também dilema pastoral em geral (E1).

As duas perguntas seguintes têm a ver com as categorias de governança analisadas e com o referencial teórico que apontou a necessidade de uma interação e participação por meio das redes que fazem a governança acontecer. A Igreja falha na governança ao não conseguir

dialogar, o que também nos remete às categorias de hospitalidade. Vejamos: “como está o diálogo com o Ministério do Turismo?”:

[...] Está parado, pois o problema são as trocas constantes de ministro. Mas estamos conversando com algumas confederações e secretarias de turismo. Onde tem turismo, estamos dialogando. Se, por exemplo, temos que trabalhar com sindicatos de profissionais, mas falta perna, falta dinheiro. Nós estamos no empenho de regulação estatutária, e só com estatuto poderemos requerer projetos, mas agora é apenas oração (Moreno, 2016).

Como visto na pesquisa, só em 2024 o estatuto foi concluído, mas sem personalidade jurídica, como era o desejo num primeiro momento. Outra constatação é a falta de agentes da pastoral para desempenhar atividades no setor do turismo, pois todo o trabalho é voluntário. Na resposta mais recente, o panorama não mudou muito, e inclusive há o reconhecimento de que tem uma falha na atuação da PASTUR na governança do turismo, enquanto relação com o Ministério do Turismo. “Na verdade, existe uma falha, eu acho, ainda nas nossas ações de governança” (E1).

Em outras esferas de governança, como estadual e municipal, é possível ter uma participação. “Quando é uma realidade mais de interior, tem um diálogo bom com a Secretaria Municipal; quando é nas capitais, tem um diálogo bom com a Secretaria da Capital, mas também com a Secretaria estadual do turismo” (E1). Tal iniciativa, como analisado, tem dado à PASTUR acento em organismos de governança como o COMTUR, o que não acontece em âmbito nacional por falta de incidência, como percebido pelo entrevistado.

O apontamento de E1 coaduna com Santo Junior (2023) e com Sartori (2022), que fizeram essa mesma constatação em suas pesquisas que margeiam sobre a PASTUR. Ao mesmo tempo, pode mostrar uma falta de protagonismo, afinal, como apontado por Coutinho e Nóbrega (2019), para o desenvolvimento da governança turística nos diversos destinos são necessárias participação e articulação com todos os atores da governança.

Conforme o *corpus* da pesquisa, a governança deve ser feita com diversos atores, e a seguinte pergunta foi sobre as instituições privadas: “A parceria com tais instituições pode ser uma forma de atuação da PASTUR?”. Na primeira resposta foi dado destaque para parcerias com o SENAC em Salvador. E desejavam “garantir uma cadeira para a PASTUR no Conselho Nacional de Turismo” (Moreno, 2016). Essa representatividade ainda não ocorreu e em parte deve ser por falta de diálogo com o Ministério do Turismo, como apontado. O entrevistado ainda constatou que a PASTUR precisava estabelecer sua identidade e ter um autoconhecimento.

É possível perceber, com o passar dos anos, uma evolução na compreensão do entrevistado e uma efetiva parceria com empresas privadas, com destaque para todas do Sistema S, que são empresas privadas que prestam serviços de interesse público. Chama a atenção que essa parceria tem características de hospitalidade apontadas na pesquisa, como frisado pelo entrevistado: “Parcerias com instituições públicas e privadas que possam, de fato, ajudar na dignidade humana” (E1).

Contribuiu para a pesquisa a percepção de que as parcerias devem estar além do turismo religioso, “nos espaços de turismo não religioso, praias, campos, cidades históricas. Turismo no âmbito do turismo cultural, do turismo sol e mar, do turismo de campo nessas áreas aí. A gente precisa estabelecer mais e mais parcerias” (E1).

Outra temática abordada que incide na governança diz respeito às relações comerciais e à atuação no mercado. Segundo Moreno (2016), isso gerava uma ambiguidade, sendo a PASTUR uma instituição de cunho religioso e sem fins comerciais. Mas o entrevistado parece mostrar o contrário e, nas respostas, em anos diferentes nota-se essa consolidação do pensamento quanto à relação com o turismo enquanto atividade comercial. Na entrevista, a pergunta repetida em 2024 foi: “A PASTUR está sempre tentando se afastar de atividades comerciais e essa lógica mercadológica. O senhor vê uma ambiguidade nessa atuação?” (Moreno, 2016).

Eu acho que o que teve até hoje não deixou a identidade da PASTUR se consolidar. Nós herdamos muitos agentes que viviam naquela lógica de empreender, mas pouco a pouco iremos nos afastar disso. Mas não diria que isso seja ambiguidade, pois os profissionais fazem parte de nosso horizonte de evangelização, mas não para vender em nosso nome (Moreno, 2016).

Essa percepção se deve à mudança de coordenação que era ainda recente naquela ocasião e começava a ver a PASTUR sob um novo olhar de governança e hospitalidade, como fica evidente na resposta para a mesma pergunta em 2024. Ou seja, é possível perceber a evolução e consolidação da pastoral em uma linha de atuação.

Segundo o entrevistado, a PASTUR assumiu nesse tempo um protagonismo, criando seu próprio *stakeholder* em torno de seus interesses no turismo: “A gente pode dizer que a PASTUR é o dono da casa que convida para um banquete. A PASTUR **convida para um sentar-se à mesa**, o mercado, o trade, as universidades, a gente tem visto isso avançar” (E1, (grifo nosso). Pode-se supor que essa iniciativa incentiva a participação plural e a colaboração que são princípios de governança, como analisado.

Percebe-se, com o passar do tempo, que criaram objetivos quanto à atuação, o que não apareceu na primeira resposta. Agora sabem também quem são os atores da governança com os quais devem interagir e negociar ações.

As instituições públicas, as autarquias, outras instâncias de poder público, como segurança pública, como geração de emprego e renda, enfim, é uma mesa imensa e a partir daqui é desenvolvida para, a partir da lógica da fé, da doutrina social da igreja, trabalhar o turismo como o vetor de desenvolvimento integral e sustentável (E1).

A afirmação corrobora com o *corpus* da pesquisa, que vê no aspecto social a contribuição que a PASTUR pode oferecer ao turismo e, por isso, a última pergunta analisou esse desenvolvimento no meio das pastorais sociais da CNBB. O assunto também foi abordado por Moreno (2016), mas, como percebido na resposta, a própria coordenação ainda estava tomando conhecimento do seu espaço. Foi pedido que o entrevistado comentasse a relação da PASTUR com as demais pastorais sociais.

Na primeira resposta, o entrevistado notou desconfiança das demais pastorais e justifica que o motivo é de herança: “as pastorais sociais ainda tinham receio pela herança mercadológica que tínhamos” (Moreno, 2016). Nota-se que a PASTUR, ao longo dos anos, muda sua concepção de atuação no turismo, deixando de lado o aspecto comercial e colocando seu foco de ação com os menos favorecidos no mercado. “Nesse mundo do turismo são os pequenos artesãos, moradores de pequenas comunidades, geração de emprego e renda” (Moreno, 2016).

Na resposta recente, não se percebe questionamento, mas clareza do que é estar no conjunto das pastorais sociais, como apontado em outros momentos das entrevistas e na pesquisa. Saber de onde se fala, e com quem se fala, é importante para exercer a governança inclusive dentro da Igreja, como frisou E1: “A PASTUR, ousaria dizer, tem um papel de liderança importante, não apenas foi bem acolhida, como desenvolveu um papel de liderança importante, e o grande avanço alcançado é a compreensão das outras pastorais da missão e identidade da PASTUR” (E1).

Adotou-se a mesma metodologia de resgatar perguntas e respostas de outra entrevista com o E2, que já não era o mesmo de 2016, contudo, as respostas ficaram mais no campo espiritual e eclesial, que não é o objetivo dessa pesquisa.

É evidente que governança e hospitalidade, estão no objetivo da atuação da Igreja no turismo. As entrevistas nos possibilitam pensar além do turismo religioso. Nota-se nas entrevistas que o turismo religioso não é o foco para a PASTUR, mas as pessoas que fazem

acontecer o turismo: seja o anfitrião ou o hóspede, a pastoral nos parece que está preocupada em seguir a lei da hospitalidade e ser expressão de dádiva hospitaleira no turismo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema que norteou a pesquisa, “Governança turística e hospitalidade: percepções sobre a Pastoral do Turismo no Brasil”, possibilitou uma imersão nesse organismo chamado PASTUR que foi o objeto da pesquisa. Notou-se que a escolha de distanciar a pesquisa do segmento do turismo religioso foi providente para ampliar a reflexão e notar outros elementos que não são muito percebidos em pesquisas que envolvem turismo e religiões.

A pergunta que guiou foi se seria possível entrelaçar os instrumentos de governança com a hospitalidade na atividade turística? A PASTUR é um organismo capaz de realizar tal premissa?

No tocante a governança, percebe-se que a coordenação, mesmo sem ter conhecimento prévio das dimensões de governança sugeridas na pesquisa, acolheu as mesmas e perceberam sua importância para uma melhor atuação no setor do turismo. Também se verificou que a instituição que estabelece o organismo em questão, apesar da estrutura monárquica, incentiva e preza pela democracia na governança, afastando qualquer possibilidade de não permitir a governança em rede.

A perspectiva humanística do turismo ficou evidente nos valores e princípios que a PASTUR busca desenvolver no turismo por meio da participação na governança e incentivando práticas de hospitalidade com motivação religiosa. É uma expressão clara de hospitalidade altruísta com inspiração religiosa em Jesus Cristo, um mestre de altruísmo e incondicionalidade, como fica patenteado nos textos sagrados que narram sua trajetória. Essa perspectiva também fica evidenciada no papel que os gestores da PASTUR desempenham no turismo.

Portanto, a PASTUR assume na governança a postura de atuação que intermedia com as instituições religiosas a presença e participação na governança de turismo de destinos religiosos, como observamos na pesquisa de campo. Foi importante situar dentro da esfera de instituições participantes do processo que a Igreja por meio da PASTUR insere-se no terceiro setor, por sua atuação e motivação social perante a sociedade civil.

Nota-se que a pastoral pode, como observado, realizar a tarefa de inserir a hospitalidade, inclusive com a motivação religiosa que lhe é peculiar, por isso a pesquisa ao analisar a hospitalidade, desenvolveu-se pela hospitalidade na Bíblia que possibilitou formular uma matriz analítica de hospitalidade com elementos coletados nas passagens bíblicas da atuação de Jesus na relação com diversas pessoas.

Quanto ao objetivo de compreender os elementos de governança turística e hospitalidade presentes na Pastoral do Turismo, constatou-se que os elementos se desenvolvem principalmente por meio das campanhas empreendidas ao longo da atuação da mesma e na capacidade de dialogar com os diversos atores, além de atuações observadas em locais onde o organismo já desempenha um protagonismo como na cidade de Salvador/BA.

A análise dos elementos de governança turística, na ação desenvolvida pela Igreja Católica no âmbito da PASTUR, foi aferida por meio das entrevistas e pesquisa bibliográfica, o que contribuiu para uma melhor percepção do organismo, como dito acima. Quanto a identificar as práticas de hospitalidade da PASTUR que convergem com a hospitalidade presente na Bíblia, essa foi uma das maiores contribuições, haja vista que a mesma só associava hospitalidade à acolhida.

O objetivo de propor elementos comuns de governança turística e hospitalidade para uma atuação mais acolhedora dentre os atores do turismo serviu para que o organismo tenha uma atuação mais assertiva no turismo. Esses elementos vão favorecer para que se tenha um modo de avaliar e estruturar a atuação.

Verificou-se a necessidade de aprimorar a presença na governança local, principalmente participando do COMTUR e outros organismos que não foram citados, como a Instância Governamental Regional (IGR), que parece ser algo desconhecido, pois em nenhum momento da pesquisa de campo e bibliográfica apareceu essa importante instância para o desenvolvimento da governança do turismo. Outra constatação foi a total falta de contato e articulação com o Ministério do Turismo, afinal, mesmo sendo a PASTUR uma instituição nacional que representa uma parcela significativa do interesse turístico do País, não tem acento no Conselho Nacional de Turismo (CNT), o que diminui o alcance da sua atuação e difusão do seu olhar sobre o turismo.

Como já foi dito no decorrer da pesquisa, o ineditismo está em ser a primeira dissertação sobre a PASTUR em um programa de Turismo, agregando-se a isso a criação de uma matriz analítica para pesquisas futuras em destinos turísticos que pretendem melhorar a governança e hospitalidade. Além disso, pretende também proporcionar um diálogo entre governança e hospitalidade, criando uma interação entre as duas.

Em Estados como o Paraná, que tem uma lei que dispõe sobre a instituição de diretrizes para o Turismo Religioso (Lei nº 17527), essa matriz analítica pode favorecer captar recursos para a implementação de projetos de turismo religioso e afins, conforme artigo 3º da citada lei, onde discorre de mecanismos que devem ser criados para a realização de projetos e

essa matriz pode validar a aprovação de projetos que levam em conta elementos prioritários para o poder público e demais instituições religiosas envolvidas no processo. Por isso apresentamos em seguida essa matriz analítica formada ao final da pesquisa levando em consideração as descobertas bibliográficas e a validação nas entrevistas.

Essa matriz analítica é formada por duas unidades de análise que são a governança e hospitalidade levando em conta a pesquisa realizada, o que nos fez chegar até as categorias específicas para cada unidade, como consta no quadro 8 a seguir:

QUADRO 8 – Matriz analítica de governança e hospitalidade.

Unidade de Análise	Categoria
Governança	Democracia
	Transparência
	Participação Plural
	Colaboração/Cooperação
Hospitalidade	Esperança (Cura)
	Escuta
	Inclusão
	Paz
	Doação

Fonte: O autor (2025).

Dentre as categorias de hospitalidade, vale destacar a esperança que pode ser um grande campo de pesquisa na relação com o turismo, como apresentado no referencial teórico deste trabalho, e no ano de 2024 que para a Igreja Católica que movimenta o turismo nacional e internacional com as comemorações do Jubileu da Esperança, fazendo dessa categoria já consolidada no campo teológico também referência para um turismo humanístico, levando em conta sua íntima relação com a dádiva, como possibilidade de cura e esperança. O turismo cura e a PASTUR pode contribuir nessa prerrogativa apresentada.

Outro destaque merece a categoria “doação”, que surgiu ao longo da pesquisa e se apresenta como uma contribuição deste percurso para a hospitalidade com inspiração na Bíblia. Nota-se que a citada categoria também reflete o modo como a PASTUR se coloca no cenário nacional do turismo.

Como toda pesquisa, essa também teve algumas limitações, como a ausência de bibliografias que tangenciem governança e hospitalidade. Outra limitação foi a quantidade de entrevistas, o que reduziu a percepção de um grupo maior sobre os assuntos em questão e a dificuldade de entendimento dos termos por parte dos entrevistados.

A pesquisa abre espaço para estudos futuros onde a PASTUR pode ser pesquisada inserida no cenário de América Latina, aplicando os mesmos procedimentos desta pesquisa, ou ainda em algum município onde o organismo está constituído.

Trabalhos futuros podem também ser desenvolvidos sobre a hospitalidade em caminhos de peregrinação por meio da rede brasileira de trilhas e outras associações. Outro campo novo de pesquisa, partindo da PASTUR, pode ser sobre o método ver, julgar e agir. Seria ele capaz de ajudar destinos turísticos? Sua aplicação tem embasamento teórico e metodológico? Ou ainda: seria possível uma análise das mensagens publicadas a cada ano por ocasião do dia mundial do turismo, buscando nelas as categorias desenvolvidas nesta pesquisa? Estudos futuros podem ser realizados sobre a relação entre hospitalidade e hostilidade, como fora apontado nesta pesquisa, e que ainda podem ser explorados.

Pensando na interdisciplinaridade, a pesquisa contribui para estudos futuros nas áreas de teologia e ciência da religião, com análise de outros recortes bíblicos ou religiões que atuam no turismo, como é o caso do Islamismo em Foz do Iguaçu na Mesquita Omar Ibn Al-Khattab.

No começo da pesquisa, muitas pessoas me questionaram se meu projeto tinha requisitos para cientificação, se não era uma tentativa de proselitismo ou uma cruzada em prol de causa própria. Ao chegar neste ponto da pesquisa, parece-me claro que não era nenhuma das famigeradas suposições, mas ciência pura. Um novo campo de pesquisa de turismo.

Uma pesquisa inovadora como percebido desde o começo e pertinente diante dos crescentes índices de turismo relacionados a destinos com atrativos ligados à Igreja Católica. Um tema atrativo e que conecta outros temas importantes para o turismo como governança e hospitalidade. Neste sentido, os procedimentos metodológicos garantiram a capacidade de aplicação e de explicação da PASTUR.

Evidencia-se ao longo da pesquisa a possibilidade de captar a realidade em transformação quando revelou-se as cinco etapas da PASTUR e o desejo de formar sujeitos sociais ativos que possam ser revelados ao tomar conhecimento desta pesquisa. Finalizo consciente de que essa pesquisa é cíclica e que pode prosseguir para ajudar o turismo a ser cada vez mais humanístico e promotor de esperança para as futuras gerações.

Por fim, para mim como pesquisador, foi fundamental essa imersão no mundo do turismo, o que me possibilita elementos para continuar pesquisando e falando de turismo. Oxalá essa pesquisa gere sinergia entre o turismo, o homem e Deus em prol da construção da civilização do amor. Destarte, como escreveu o poeta “palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução” (Machado de Assis). E assim se fez esta dissertação.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Autonomia Libertária, Elefante: São Paulo, 2016.
- ANTUNES, A. C. G.; WADA, E. K. Hospitalidad y servicios en el turismo religioso. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 29, n. 3, 2020, p. 667-689.
- ASCANIO, A. El Objeto Del Turismo¿ Una Posible Ciencia Social De Los Viajes? **Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural**, v. 8, n. 4, 2010, 633-641.
- ASSIS, C. F.; MONTEIRO, R. **Revista Jures** - v.16, n.29, p. 1-28, jun. 2023.
- BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral-Paulus: São Paulo, 1990.
- BARBOSA, B., GRECHI, D. C. Experiências de turismo e hospitalidade em comunidades tradicionais: aspectos teóricos e abordagens empíricas. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, volume 21, p. 75-98, 2024.
- BASTOS, Sênia Regina; RAMEH, Ladjane Milfont; BITELLI, Fábio Molinari. O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes. **Anais XIII Seminário ANPTUR**, v. 13, p. 1-13, 2016.
- BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**. Vaticano, 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html). Acesso em: 11 de fev. 2025.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo operacional 5 – Implementação do Plano Estratégico de desenvolvimento do Turismo Regional. Brasília, 2005.
- BRUSADIN, L. B. (2021). ¿El fin de la hospitalidad? Los conceptos sociales fundamentales de la hospitalidad. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 4, n. 7, 107-119. DOI:<https://doi.org/10.26512/patryter.v4i7.29654>.
- BRUSADIN, L. B.; NETTO, A. P. La Dádiva y el Intercambio Simbólico – Supuestos sociológicos y filosóficos para la teoría de la hospitalidad en las sociedades antiguas y modernas. **Estudios y Perspectivas en Turismo**. Volumen 25, 2016, pp. 520-538.
- BRUSADIN, L. B. (Org.). **Hospitalidade e dádiva**: a alma dos lugar e a cultura do acolhimento. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, RJ: Vozes, vol. 1, 2005.
- CATECISMO da Igreja Católica: Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CAMPOS, D. A.; BRUSADIN, L. B.; VALDUGA, V. A hospitalidade na Bíblia e os rituais de comensalidade. **Revista Hospitalidade**. Dossiê: Gastronomias e Comensalidades, 2024, p. 841-861.

CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 11-28, 2. sem. 2006.

CAMARGO, L. O. L. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 15, n. 2, e-2112, maio/ago. 2021.

CAMARGO, L. O. L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez.2008.

CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 13, n. 3, set/dez. 2019, p. 1-15.

CAMARGO, R. S. S.; BUENO, M. S. Dádiva e hospitalidade na Bíblia. **Revista Hospitalidade**, 2011, p. 52-70.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Apostolicam Actuositatem-sobre o apostolado dos leigos. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html) . Acesso em: 20 nov. 2024.

CORREIA, J. A. S. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**: uma leitura de Lc 24, 13-35, em chave narrativa. Universidade católica editora, 2014.

COUTINHO, A. C. A.; NÓBREGA, W. R. M. Governança em destinos turísticos: desafios na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 13, n. 3, set./dez. 2019, p. 55-70.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO – CELAM. **La coordinación de la pastoral del turismo a nivel continental**. 2012. Disponível em: [https://www.celam.org/Images/img\\_noticias/docu4fbceb89cf9d9\\_23052012\\_852am.pdf](https://www.celam.org/Images/img_noticias/docu4fbceb89cf9d9_23052012_852am.pdf) . Acesso em: 12 nov. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Cartilha de Pastoral Social Nº 1 da CNBB**. Brasília, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Pastoral do Turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Igreja no Brasil presente nas Olimpíadas**, 2016. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/igreja-no-brasil-presente-nas-olimpiadas-2016/>. Acesso em: 15 dez 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. CNBB divulga folder com orientações sobre a Copa do Mundo, 2014. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/ha-37-dias-da-copa-cnbb-divulga-folder-sobre-dignidade-e-paz/> . Acesso em: 10 dez. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Pastoral do Turismo realiza 8º Encontro Nacional e lança campanha de valorização do trabalhador do turismo, 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/pastoral-do-turismo-realiza-8o-encontro-nacional-e-lanca-campanha-de-valorizacao-do-trabalhador-do-turismo/> . Acesso em: 12 dez. 2024.

DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO. Mensagem para o 44ª dia mundial do turismo. Vaticano, 2023. Disponível em: <http://www.evangelizatio.va/content/dam/pcpne/pdf/PastoraledelTurismo/44Messaggio/Messaggio%20GMT%202023%20-%20Portoghese.pdf> . Acesso em: 28 maio 2024.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em Turismo**: planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 1998.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. Sage, 2011.

DIAS, R.; DA SILVEIRA, E. J. S. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Alínea Editora, 2003.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 15ª edição. Paulus, São Paulo, 2008.

FRANCISCO. Papa. ***Motu Proprio rescriptum ex audientia ss.mi Sobre a passagem de competência da pastoral do turismo***. Vaticano, 2022. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/20220930-rescriptum-pastoraleturismo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/20220930-rescriptum-pastoraleturismo.html) . Acesso em: 18 dez 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos dirigentes e sócios do centro turístico juvenil**. Vaticano, 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco\\_20190322\\_centro-turistico-giovanile.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190322_centro-turistico-giovanile.html). Acesso em: 13 out 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Vaticano, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 11 dez. 2024.

FEGER, J. E. *et al.* A participação plural no contexto da governança do turismo de Curitiba/PR. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 18, E-2892, 2024. [HTTPS://DOI.ORG/10.7784/RBTUR.V18.2892](https://doi.org/10.7784/RBTUR.V18.2892).

FILHO, M.; CAMPOS, D. A. (Coord.). **Marco histórico e pastoral da pastoral do turismo**. Brasília, DF, CNBB, 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes; tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2013.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

GIMENES-MINASSE, M. H. S. G. O fenômeno da comensalidade e suas funções sociais: uma discussão preliminar. **Revista Mangút**: Conexões Gastronômicas. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, p. 162-175, jun. 2023.

GRINOVER, L. **A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

GOTMAN, Anne. O Comércio da Hospitalidade é Possível? - Tradução Luiz Octávio de Lima Camargo. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VI, n. 2, p. 3-27, jun.- dez. 2009.

GONZÁLEZ, M. V. *et al.* **Gestión pública del turismo**. La gobernanza. 2013.

HOSPITALIDADE. *In*: BORN, V. D. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 00.

HOSPITALIDADE. *In*: **Dicionário de Temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 679.

DE JESUS, E. T. (2019). **O turismo e a busca de sentido: a hospitalidade nos bastidores das peregrinações católicas**. Doutorado em Turismo e Hospitalidade Instituição de Ensino: Universidade de Caxias do Sul, 2019.

KALAOUM, Fausi.; TRIGO, Luiz G. G. Reflexões teóricas sobre governança pública e governança turística. **Rosa dos Ventos** - Universidade de Caxias do Sul, vol. 13, núm. 1, pp. 71-89, 2021.

KALAOUM, Fausi. **Que verde é esse?** Uma investigação da instância de governança da região da turística baixada verde – RJ. 2023. 288p. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2023.

KAIZER, E. F. **A Participação plural no desenvolvimento do turismo de Curitiba/PR**. 2022. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, mai. 2015, p. 70-92.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LOHMANN, G; NETTO, A. P. **Teoria do turismo**: conceitos, modelos e sistemas. Aleph, 2012.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARCELINO, Grace Kelly; BASTOS, Sênia Regina. Relações de Hospitalidade na Bíblia. **Cadernos CERU**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 1, p. 130–149, 2022.

MEDEIROS, R.V. B. S. **Península de todos os santos**: Diretrizes para um plano de turismo religioso na Cidade Baixa. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 407 p.

MINAYO, M.C.S. ANÁLISE QUALITATIVA: TEORIA, PASSOS E FIDEDIGNIDADE. *Cien Saude Colet* [periódico na internet] (2011/set).

MORENO, J. E. C. Gobernanza, turismo y sistemas de bienestar social, recreación y cultura. *In: Turismo y Gobernanza ¿en dónde estamos? Aproximaciones teóricas y empíricas. El caso de los hoteles ISSEMYM*. p. 51-63. México, 2017.

MORENO P. A. C. Turismo Religioso Católico no Brasil: perspectivas e desafios de um crescente setor econômico. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR** - Juiz de Fora, MG, 15 a 17 de abril de 2015.

MORENO, P. A. C. **A pastoral do turismo e sua ambiguidade estrutural**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016, 172 p.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/brasil-destino-certo-para-qualquer-tipo-de-turismo> . Acesso em: 23 jun. 2023.

NETTO, A. P.; NECHAR M. C. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, V. 8, Ed. 1, 2014, p. 120-144.

NOGUERO, F T.; NETTO, A. P. **A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

PARANÁ. Lei Nº 17527 DE 26/03/2013. Dispõe sobre a instituição de diretrizes para o Turismo Religioso no Estado do Paraná. Publicado no DOE – PR em 26 mar. 2013.

PENNA, R. (Ed.). **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2022.

PERKINS R., KHOO C., ARCODIA C., Stakeholder Contribution To Tourism Collaboration: Exploring Stakeholder Typologies, Networks And Actions In The Cluster Formation Process, *Journal Of Hospitality And Tourism Management*, Volume 52, 2022, P. 304-315, ISSN 1447-6770.

PIMENTEL, T. D.; PIMENTEL, M. P. C. Destino turístico como construção coletiva: os atores envolvidos e sua necessidade de articulação. **Revista Turismo y Desarrollo Local**, v. 8, n. 18, 2015, p. 1-13.

PIMENTEL, A. B.; BARBOSA, R. M., SANSOLO, D. G. de Azevedo; IRVING, M. Dádiva e hospitalidade. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 7, núm. 3, 2008.

PONTIFICIO CONSEJO PARA LA PASTORAL DE LOS EMIGRANTES E ITINERANTES. Orientaciones para la pastoral del turismo. Vaticano, 2001. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/documents/rc\\_pc\\_migrants\\_doc\\_20010711\\_pastorale-turismo\\_sp.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20010711_pastorale-turismo_sp.html). Acesso em: 20 fev. 2023.

QUEIROZ, F.; RASTROLLO-HORRILLO, M.Á. El estado del arte en gobernanza de destinos turísticos. **Tourism & Management Studies**, v. 11, n. 2, p. 47-55, 2015.

REJOWSKI, Mirian. Teorizações do turismo em direção a novas abordagens: uma discussão preliminar. **Anais do 12<sup>a</sup> Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, 2015.

RODRIGUES, J. F. “Alarga o espaço da tua tenda”: uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, 2015.

ROLDÁN, Nadia G.; CORBO, Yanina.; CASTELLUCCI, Daniela. *In: Turismo y Gobernanza ¿en dónde estamos? Aproximaciones teóricas y empíricas. Capítulo 1. Una aproximación al estado del arte en gobernanza y turismo, 2010-2015. México, 2017, p. 17-36.*

SANTOS, H. A. **Turismo Religioso Comunitário na Terra Santa dos Alagados**: Entre a Matriz “Paróquia De Alagados” e os atores sociais a partir de uma pesquisa participante. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SANTOS JUNIOR, J. J. D.; TOMAZZONI, E. L. Turismo religioso e desenvolvimento socioeconômico: análise da governança turística no município de Aparecida (SP). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 23, n. 3, p. 6-24, 2023.

SANTOS JUNIOR, J. J. D. **As relações entre os atores da governança do turismo em Aparecida (SP) e a participação da Igreja nas políticas públicas do destino turístico religioso**. 2023. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

SARTORI, A. **A governança do turismo religioso na pandemia da Covid-19**: o estudo de caso de Nova Trento/SC – Brasil - Revista de Turismo Contemporâneo, Natal, V. 10, N. 1, P. 117-139, JAN./ABR. 2022.

SARTORI, A. **O Sagrado e o profano na constituição do território turístico religioso**: estudo do destino Santuário Santa Paulina (Nova Trento/SC).2020. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú/SC, 2020.

STEIL, C. A. **Peregrinação, romaria e turismo religioso**: Raízes etimológicas e interpretações antropológicas; Turismo religioso: Ensaio antropológico sobre religião e turismo / Edin Sued Abumanssur (org.). – Campinas, SP: Papyrus, 2003. – (Coleção Turismo)

STEIL, C. A. Editorial - Dossiê "Santuários e Turismo Religioso" - Peregrinações: sentidos e práticas. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 49, p. 10-13, 30 abr. 2018.

STEIL, C. A. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 20, out. 2003, p. 249-261.

SUTTON, Robert I.; STAW, Barry. Desenvolvimento de teoria. O que não é teoria. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 3, p. 74-84, 2003.

SCHNEIDER, M. **A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio-Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso**. Universidade de Caxias do Sul, 2013.

TURISMO CULTURAL: ORIENTAÇÕES BÁSICAS. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

TRENTIN, Fábila. Turismo e governança: abordagem teórica. **IX SEMINTUR**, Universidade de Caxias do Sul, 2017.

TOMAZZONI, Edgar Luis *et al.* **Gestão do turismo nas perspectivas da governança, da regionalização e do desenvolvimento**. Vol. 6 (Coleção Desenvolvimento do Turismo). Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2023.

URRY, J.; LARSEN, J. **O olhar do turista 3.0**. Edições SESC-SP, 2021.

VEAL, Anthony J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, v. 29, 2011.

VILAS BOAS, N. F. D. S. **A Pastoral do Turismo: Da peregrinação ao santuário**. Santuário. Braga, Dissertação (Faculdade de Teologia). 2012.

**ANEXO 1 – ESTATUTO DA PASTORAL DO TURISMO DO BRASIL****ESTATUTO DA PASTORAL DO TURISMO DO  
BRASIL****I - NATUREZA, SEDE E FINALIDADES DA PASTORAL DO  
TURISMO**

**Art. 1º - A "PASTORAL DO TURISMO (PASTUR)** é uma organização religiosa, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, com sede e foro no endereço SE/Sul 801, Conjunto B, Brasília, DF – CEP 70200-014, de fins filantrópicos: religiosos e culturais, de assistência e promoção social, sem discriminação de qualquer espécie, que objetiva evangelizar a realidade do turismo, construir laços de fraternidade e solidariedade entre os turistas e as comunidades que os recebem, denunciar tudo o que ofende a dignidade humana e promover os direitos dos trabalhadores do turismo.

**Art. 2º - A PASTUR**, como conjunto de estruturas e atividades destinadas à preservação e promoção dos valores religiosos, culturais e sociais dos turistas, procura desenvolver suas atividades em consonância com o Magistério da Igreja, bem como com as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil(CNBB) e visa a evangelização integral e inculturada, visando promover a dignidade da pessoa, renovar a comunidade e construir uma sociedade solidária.

**Art. 3º - A PASTUR** deverá articular suas ações objetivando atingir quatro áreas, a saber: Turismo Religioso e Cultural, Turismo de Base Comunitária, Cuidado com a dignidade humana no âmbito do Turismo e formação de agentes das equipes da Pastoral.

## II - DA ORGANIZAÇÃO

### ESTRUTURA

**Art. 4º** - Para facilitar a ação, a PASTUR está estruturada como a seguir:

Bispo Referencial nomeado pela CNBB;

Assessor Eclesiástico Nacional indicado pelo Bispo Referencial e convalidado pela coordenação;

Coordenação Nacional formada por um representante eleito ou indicado de cada macro região que agrupam as divisões regionais estabelecidas pela CNBB, a saber:

Norte (Noroeste, Norte 1, Norte 2 e Norte 3)

Nordeste (Nordeste 1, Nordeste 2, Nordeste 3, Nordeste 4 e Nordeste 5)

Sudeste (Sul 1, Leste 1, Leste 2 e Leste 3)

Centro Oeste (Centro Oeste, Oeste 1 e Oeste 2)

Sul (Sul 2, Sul 3, Sul 4);

Coordenações nos Regionais da CNBB

Coordenações Diocesanas

Coordenações locais

## MEMBROS

**Art. 5º** - A PASTUR tem como membros pessoas de todos os setores da realidade do turismo, atuantes em um núcleo.

§ único – O membro da PASTUR deve aceitar os fins, estatuto e organização da mesma.

**Art. 6º** - A natureza filantrópica da PASTUR exige que as atividades dos membros tenham caráter de voluntariado, não se podendo exigir nenhuma retribuição em razão das mesmas, salvo o ressarcimento das despesas ligadas às atividades pastorais.

## III - ENCONTROS NACIONAIS E REGIONAIS

**Art. 7º** - A PASTUR reunir-se-á regularmente em encontros nacionais e regionais a cada dois anos, alternadamente, para estudo, revisão e troca de experiências pastorais. Logo após os encontros, devem-se enviar ao Secretário Nacional os materiais utilizados, como: mídias, atas, relatórios e registros fotográficos.

**Art. 8º** - Além dos membros, com direito e dever de serem convidados e de participarem do Encontro Nacional, no modo definido pelo estatuto, outros poderão participar, com voz e sem voto, na qualidade de assessores, peritos ou convidados, por decisão da Coordenação.

**Art. 9º** - Participa do Encontro Nacional, com voz e voto, o Bispo indicado pela CNBB para representá-la junto à PASTUR, bem como o Assistente Eclesiástico.

**Art. 10º** - Compete aos membros reunidos em Encontro Nacional:

- a) Estudar, revisar, avaliar e planejar a PASTUR e decidir seus objetivos, atividades, organização e métodos, à luz das orientações e diretrizes da Igreja;
- b) consultar sobre o estatuto e outras normas, bem como suas modificações;

- c) tomar as demais decisões necessárias ou úteis para o melhor cumprimento dos objetivos da PASTUR.

**Art. 11º** - A Coordenação da PASTUR articula os encontros nacionais, definindo temas, sede e programação dos mesmos.

#### IV – DA COORDENAÇÃO

**Art. 12º** - A Coordenação é o órgão colegiado, formados pelos cinco coordenadores macro regionais e tem um caráter diretivo e executivo da PASTUR, a qual compete:

- a) Encaminhar as deliberações do Encontro Nacional;
- b) acompanhar e orientar as atividades da PASTUR em nível nacional;
- c) confirmar o Assistente Eclesiástico;

**Art. 13º** - São cargos distribuídos na coordenação: Coordenador, Vice coordenador, Secretário, Vice-Secretário e Tesoureiro. Reunir-se-á, presencial ou virtualmente, com a frequência exigida por suas atribuições, não podendo decidir, sem a presença de, ao menos, três membros.

§ Único: O Bispo Referencial e o Assistente Eclesiástico fazem parte da coordenação.

**Art. 14º** - O Coordenador representa a PASTUR, salvo delegação a outro da equipe de coordenação e acompanha os encontros nacionais e reuniões da coordenação.

**Art. 15º** - O Vice Coordenador substitui o Coordenador em suas ausências e impedimentos. Em caso de vacância do coordenador, sucede-o até o fim do mandato.

**Art. 16º** - O Secretário redige as atas, responde pelas correspondências e a comunicação social da PASTUR, sucede, interina e cumulativamente com sua função, o Vice coordenador, conforme necessidade.

**Art. 17º** - O Vice Secretário substitui o Secretário em sua ausência ou vacância.

**Art. 18º** - O Tesoureiro coordena a captação de recursos para a PASTUR e acompanha os procedimentos financeiros de tudo que diga respeito à pastoral, apresentando relatório anual à coordenação.

**Art. 19º** - Todos os cargos da coordenação na PASTUR são por quatro anos, podendo ser reeleitos por quantos mandatos forem necessários. É vedada toda e qualquer retribuição econômica aos membros da coordenação pelo exercício de suas funções específicas.

**Art. 20º** - Ao Coordenador Macro Regional compete:

Programar e coordenar as reuniões macro regionais;

Incentivar, no seu macro região, a aplicação das decisões tomadas nos encontros nacionais e regionais;

Incentivar e acompanhar a implantação de núcleos na sua área de abrangência.

**§ Único** – Os Regionais da CNBB devem ter a sua articulação local com um coordenador regional, acompanhado de um Bispo Referencial, que tem as seguintes atribuições:

Programar e coordenar as reuniões regionais;

Incentivar, no seu regional, a aplicação das decisões tomadas em nível nacional.

## V - OUTRAS DISPOSIÇÕES

### **Art. 21º** - Sobre parceiros e apoiadores financeiros

Caberá aos apoiadores e patrocinadores financeiros de ações e projetos realizados pela PASTUR a assinatura do termo de parceria ou colaboração financeira nos projetos desenvolvidos pela PASTUR, não cabendo ao parceiro a participação de encontros ou decisão da coordenação.

O parceiro ou apoiador poderá vincular sua logomarca junto aos eventos promovidos pela PASTUR.

### **Art. 22º** - Sobre o uso da Logomarca

A logomarca da PASTUR só pode ser utilizada pelos núcleos da mesma e nunca como chancela de atividades com caráter financeiro.

### **Art. 23º** - Sobre viagens: promoção e chancela

A PASTUR não promove ou chancelar ações que cabem ao mercado do turismo, como viagens, hospedagem ou transporte de turistas.

### **Art. 24** - Sobre Equipes de Apoio

A Coordenação Nacional tem autonomia para criar equipes e comissões de apoio para subsidiar a sua ação evangelizadora.

**Art. 25º** - O presente estatuto e suas possíveis modificações serão apresentados à CNBB.

**Art. 26º** - Os casos omissos neste estatuto serão resolvidos pela coordenação “Ad Referendu”.

Bispo Referencial

Dom. Mário Spaki, Bispo de Paranavaí

Documento assinado digitalmente  
 **MARIO SPAKI**  
Data: 22/01/2025 13:31:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assistente Eclesiástico

Padre Manoel de Oliveira Filho

Documento assinado digitalmente  
 **MANOEL DE OLIVEIRA FILHO**  
Data: 23/01/2025 11:46:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coordenadora: Janes Cléia Jaques Machado

Documento assinado digitalmente  
 **JANES CLEIA JAQUES MACHADO**  
Data: 24/11/2024 22:09:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Secretária: Danielle Mattos Rodrigues de Souza

Documento assinado digitalmente  
 **DANIELLE MATTOS RODRIGUES DE SOUZA**  
Data: 23/11/2024 11:07:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vice-Secretária: Maria José Carvalho

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA JOSE DA SILVA CARVALHO**  
Data: 23/01/2025 11:14:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Tesoureira: Elizete Beságio Calegari

Documento assinado digitalmente  
 **ELIZETE BESAGIO CALEGARI**  
Data: 13/12/2024 11:40:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Niterói, 09 de Novembro de 2024.

ANEXO 2 – FOLDER CAMPANHA COPA DO MUNDO 2014

**Copa do Mundo, jogando pela Vida.**

Direito humano de especial valor, o esporte é necessário a uma vida saudável e não deve ser negligenciado por nenhum povo. De todos os esportes, o brasileiro nutre reconhecida paixão pelo futebol. Explicam-se, assim, a expectativa e a alegria com que a maioria dos brasileiros aguarda a Copa do Mundo que será realizada em nosso país, pela segunda vez.

Fiel à sua missão evangelizadora, a Igreja no Brasil acompanha, com presença amorosa, matema e solidária, esse grande evento que reunirá vários países e protagonizará a oportunidade de um conagraamento universal, "na alegria que o esporte pode trazer ao espírito humano, bem como os valores mais profundos que é capaz de nutrir", como nos lembra o Papa Francisco.

O sucesso da Copa do Mundo não se medirá pelos valores que injetar na economia local ou pelos lucros que proporcionará aos seus patrocinadores. Seu êxito estará na garantia de segurança para todos sem o uso da violência, no respeito ao direito às pacíficas manifestações de rua, na criação de mecanismos que impeçam o trabalho escravo, o tráfico humano e a exploração sexual, sobretudo, de pessoas socialmente vulneráveis e combatam eficazmente o racismo e a violência. (cf. Mensagem da CNBB sobre a Copa do Mundo)

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O SERVIÇO DA CARIDADE, DA JUSTIÇA E DA PAZ

Pastoral do Turismo

**Cartão Vermelho**

Neste momento de realização da Copa, as Igrejas querem contribuir com o debate público e expressam sua preocupação com:

1. a exclusão de milhões de cidadãos ao direito à informação e à participação nos processos decisórios sobre as obras que foram realizadas para a Copa.
2. a remoção de famílias e comunidades para a construção de obras dos estádios ou de mobilidade, com a violação ao direito à moradia em comunidades e bairros populares.
3. o aprofundamento das desigualdades urbanas e a degradação ambiental.
4. a apropriação do esporte por entidades privadas e grandes corporações, a quem os governos vêm delegando responsabilidades públicas.
5. o desrespeito sistemático à legislação e ao direito ambiental, trabalhista e do consumidor.
6. a inversão de prioridades para com o dinheiro público que deveria servir, prioritariamente, para a saúde, educação, saneamento básico, transporte e segurança.
7. a instauração progressiva de uma institucionalidade de exceção, mediante decretos, medidas provisórias e infinitas portarias e resoluções.
8. a remoção de espaços sagrados das religiões católica, de matrizes africanas e outras.

**O Gol da Vitória**

O jogo vai começar e o Brasil se torna um imenso campo de futebol sem arquibancadas ou camarotes. Somos convocados a formar um único time, no qual todos somos titulares do jogo da vida que não admite espectadores. Uma vitória de todos só acontecerá se algumas exigências fundamentais forem cumpridas:

1. Que as populações dos bairros populares e pessoas em situação de rua tenham garantida a permanência em suas localidades e a segurança para a sua vida, bem como de todos os brasileiros e turistas.
2. Que a legislação trabalhista e a proteção aos trabalhadores sejam integralmente respeitadas.
3. Que ninguém seja perseguido por trabalhar no espaço público.
4. Que aconteçam ações eficazes para evitar o trabalho escravo, o tráfico humano e a exploração sexual, especialmente, de crianças e adolescentes, com punição exemplar e ágil para com os infratores.
5. Que os Movimentos Sociais não sejam criminalizados e seja respeitado o direito às manifestações de rua.
6. Que torcedores e consumidores tenham seus direitos respeitados.

**Como Igreja, nos comprometemos:**

1. Acompanhar torcedores e jogadores nas suas demandas por momentos de espiritualidade e encontro com Deus, bem como ser presença orante durante toda a Copa.
2. Acompanhar as populações vulneráveis, especialmente aquelas em situação de rua, para que não sejam retiradas dos logradouros públicos durante a copa e depois devolvidas às ruas, como objetos que atrapalham, a realização do evento.
3. Participar dos esforços por conscientização dos que nos visitam, para que não pratiquem o turismo sexual mas sejam presença que valorize a dignidade humana e a confraternização universal.

Disque:

100 - Violações aos Direitos Humanos

180 - Central de Atendimento à Mulher

180 - Emergência Policial

## APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS DA PESQUISA

### INSTRUMENTO DE PESQUISA

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

##### Entrevistado 1 – E1

**DATA DA ENTREVISTA:** 07 de novembro de 2024

**LOCAL:** Santuário Nossa Senhora da Salette – Rua Catumbi, 78, Rio de Janeiro/RJ

(transcrição)

(gravação autorizada)

#### I BLOCO – INTRODUÇÃO - PASTUR

1 - O que é turismo para você?

Eu sempre uso para definir turismo de uma forma a partir do olhar da fé, que é pressuposto meu, e do olhar da igreja, que também é pressuposto. Turismo é uma das expressões mais bem-acabadas do que o Papa Francisco vem chamando de cultura do encontro. Porque justamente é uma oportunidade privilegiada de trocas, de vivências, de saberes. Porque o turista recebe, mas o turista traz, recebe informações, recebe sensibilidades, emoções, mas traz também algo de si. Traz algo é óbvio, em si, traz algo de si. E, essa troca, esse encontro que caracteriza o turismo da forma mais humanística possível, que a gente pode fazer uma abordagem economicista, a gente pode fazer uma abordagem no campo, das trocas de valores, de Riqueza, tudo bem de desenvolvimento, sem nenhum demérito, mas numa perspectiva humanista, que é a perspectiva da fé. O turismo é um grande possibilitado da realização, da cultura do encontro.

2 - O que é PASTUR?

É uma presença de Igreja. É uma presença de Igreja, de Jesus, o bom pastor, por isso é pastoral junto às realidades de turismo, as pessoas envolvidas com o turismo. Não é novidade especialmente para quem está estudando, especialmente para vocês. Que são mais de 30 ou 40 áreas que o turismo envolve, áreas da economia. E nessas áreas da economia estão pessoas, então a PASTUR tem privilegiadamente o olhar voltado para as pessoas. Os empresários, as comunidades acolhedoras, os empreendedores populares, os agentes de turismo, os guias, o turista, os profissionais de turismo, as pessoas envolvidas nas atividades turísticas, é uma ação de presença junto a essas pessoas, junto a essas realidades. Essa presença tem obviamente um método, tem uma motivação, que é a motivação, quando a gente fala evangelizar, logo vem muito a cabeça a perspectiva proselitista, mas aqui é o evangelizar pela presença, o evangelizar pela proximidade. Fundamentalmente isso.

3 - Qual a contribuição da PASTUR para o turismo?

Eu acho que a gente pode dar uma grande contribuição na perspectiva de humanização. Humanização do turismo, é estranho falar isso, porque o turismo é uma atividade tão humana que não precisaria de ninguém para humanizar, de nenhuma ação para humanizá-la. Mas justamente quando uma atividade entra de forma, assim, dada, quando se entrega a lógica do mercado, quando se entrega de forma crítica à lógica do mercado, ela que existe, sendo uma atividade profundamente humana, pode correr o risco de acabar perdendo essa característica. Então trabalhadores são tratados de forma inumana, comunidades, por exemplo, quando se fala de turismo predatório, não é? É profundamente inumano, quando se fala de grandes empreendimentos turísticos que caem como botas gigantes, botas colonialistas gigantes, em cima de comunidades tradicionais, quando o turismo ou a atividade turística dissemina, por exemplo, a destruição do meio ambiente ou compromete a preservação do meio ambiente, quando dentro da atividade turística acontece o turismo sexual, tudo que diz respeito a essa degradação humana, quando não são atendidos, escutados, vistos, enxergados [aqueles que compõem] as esferas mais populares do mundo do turismo, os trabalhadores mais simples, as comunidades mais simples, então, até quando o turismo é visto de forma acrítica, como a salvação, como a panacéia para as comunidades é uma forma de desumanização. Então o papel da Pastoral do Turismo, seria muito de humanizar. Humanizar a atividade turística, colocando no centro dela a pessoa que finalmente é começo, meio e fim, meta e caminho de toda atividade humana. E o turismo é sobremaneira atividade humana.

4 - O que você acha que a PASTUR pode fazer pelo turismo?

(a pergunta não foi feita por já ter sido respondida acima)

5 - A nova organização da PASTUR dentro do organograma da Igreja universal, no dicastério para a evangelização, representa o que para o senhor?

É uma pergunta a ser pensada, né? Mas me parece que o que acontece é o seguinte, embora exista muito mais articulação de Pastoral do Turismo na América Latina do que na Europa as Vozes da América Latina não são escutadas. E ali na Europa, onde está o Vaticano o turismo é visto numa perspectiva exclusiva de turismo religioso. Então, quando a gente pensa turismo religioso, a gente pensa santuários, por exemplo, a gente pensa visitaçõ, aí é evangelização *Stricto sensu*, então cabe. Se eu vejo a Pastoral do Turismo só como pastoral do turismo religioso, a perspectiva da evangelização, *Stricto sensu*, cabe muito bem, está muito direitinho. Mas se eu vejo a Pastoral do Turismo ampliada, como uma tenda alargada incluindo todo o turismo e enxergando todas as possibilidades, então, quando essa perspectiva é alargada, a gente vê que o lugar tem. Agora, a gente também pode alargar a perspectiva do que seja evangelização porque, no fundo, toda a ação da Igreja é evangelização, então a questão é, como vai ser aplicada essa presença? Ela tanto pode ser aplicada como uma restrição, como a diminuição da ação da PASTUR, como ela pode ser aplicada como uma ampliação do conceito de evangelização. Se for pensado como presença, como tudo isso ela vai alcançar isso aí. Eu acho que não tem tanta contradição, sabe? Se a gente pensa só numa, será que eles estão pensando turismo é, será que primeiro eles pensam pastoral ou pensa numa perspectiva de turismo religioso, *Opera Romana*, agência de turismo e tal para visitar lugares sagrados. Será que é isso? É possível que não, porque

quando a gente chega no verão, nas igrejas da Europa, notadamente na Itália, tem muitas mensagens sobre férias dos bispos, né? Pode ser que não, agora se restringe ao conceito de *Stricto sensu* de evangelização é uma diminuição do alcance.

5.1 - Então o senhor concorda que a percepção de o que é pastoral da América Latina é diferente do que é pastoral na Europa?

Sim. É consenso, não é? Não é nenhum aspecto meu, mas é um consenso. É totalmente assim o que a América Latina fez com o Concílio Vaticano II é 30 vezes mais do que a Europa fez com Concílio Vaticano II, a aplicação. E aí nesse sentido, a prática pastoral na América Latina é totalmente diferente. Enfim, sabe-se que na Europa não tem pastoral especialística, né? Não tem, não tem muito menos, né, porque aqui a ideia de pastoral é, de fato, bem diferente.

6 - Qual a necessidade e significado do estatuto da Pastoral do Turismo que vocês criaram esse ano?

É justamente dentro do tema do seu trabalho. É uma esfera da governança, né? Quer dizer, ter. Essa tem sido uma busca. A gente está celebrando dez anos, né?, de reimplantação da Pastoral do Turismo no Brasil a partir de uma visão mais ampliada. E justamente tem sido sempre uma luta de empenho nosso sistematizar as nossas ações. As ações são feitas, mas sem sistematização. Eu salientaria dois aspectos que caminharam que foram muito importantes: um, a publicação do livro da pastoral pelas edições CNBB, e segundo, os trabalhos de pós-graduação que estão sendo feitos, né? Eu acho que a gente pode avançar muito com isso, não é? O de Adriana, agora o seu, quer dizer, gente pensando a partir da academia, a ação da pastoral a essas duas ações que já estão ocorrendo, que a gente tem que aproveitar muito bem ainda. Há o regimento, o estatuto não é, porque isso vai sistematizando a nossa ação. E aí você pode chegar num lugar e alguém perguntar “o que é a PASTUR que está aqui?”, “o que é a PASTUR?”, apresenta o livro. “Como age a PASTUR?”, apresenta o regimento, “o que se pensa sobre a PASTUR?”, apresenta os trabalhos monográficos, os trabalhos científicos, a gente vai criando um arcabouço teórico prático, que, aliás, tá lá no título do livro um arcabouço teórico prático sobre a PASTUR.

## II BLOCO – AMBIENTAÇÃO DOS TEMAS

5 - O que é governança para você?

É interessante, não é? É ação de governar, mas parece que a forma – a meu ver, viu?, é uma visão pessoal, mas sem nenhum conteúdo de estudo, nunca – mas o nome me sugere gestão participativa. Não é um governo autocrático. Não é uma gestão autocrática. Não é uma gestão centrada no líder, mas é uma gestão de múltiplas participações.

6 - Qual a governança exercida pela PASTUR?

É muito parecida com o jeito de governar da Igreja, né? É interessante. A Igreja é uma instituição. Digamos assim, com um olhar quase que contraditório, né? Porque a mesma forma que ela é monárquica, ela é profundamente participativa, né? Então, quando você vê, especialmente a partir do Vaticano II, já antes mesmo, né? Quando você vê os variados

concílios, desde o Vaticano, os variados grupos de consultoria, de reflexão? Então existe praticamente um jeito de ser na Igreja, um jeito de agir da Igreja. Que é muito participativo, é muito construtivo e que hoje está usando muita a expressão sinodal, que é o jeito sinodal de ser e, finalmente, o jeito que Jesus escolheu. Então a PASTUR age assim também, em alguns momentos mais, outros menos, porque aí é o processo. Mas, por exemplo, o novo regimento é profundamente participativo nesse novo estatuto, né? Profundamente com representatividade das regiões, com essa questão das escolhas e tudo isto. Portanto, eu acho que a gente está fazendo o caminho para ter uma gestão cada vez mais com um modelo de governança que tenha muito claro o ser e o agir. E aí está no estatuto, está no livro, está nas coisas sobre o que a gente vai construindo. E essa clareza, no ser e agir, se revela nas práticas. Coordenações, coordenações locais, coordenações diocesanas, coordenações e aí a gente vai ampliando até chegar às coordenações nacionais.

7 - O que é hospitalidade para você? (essa pergunta foi feita depois das relacionadas à governança)

É assim que é para mim mesmo, não é? Não tem um conteúdo técnico, teórico e tal, acadêmico, mas a hospitalidade tem a ver com acolher. Digamos assim, a hospitalidade é a técnica do bem acolher. Na minha visão, quer dizer: para bem acolher o que é que você precisa? Os elementos da hospitalidade, né? Então é, digamos, é a forma técnica de bem acolher e a tecnologia do acolhimento.

8 - Onde você vê hospitalidade na PASTUR?

Ah, nas comunidades, né? Na forma como as comunidades se preparam. A gente tem falado muito, né?, daquela ideia de acolher o diferente, de estar preparado para esse diferente. Então, quando a gente cada vez mais vai nas comunidades, nos espaços de acolhida, não é? E tem ali acessibilidade, tem ali um jeito. Um jeito, uma forma, isso é muito forte. Não é, então, a ação? A ação da PASTUR, embora seja uma ação articuladora de vários atores, no mundo do turismo ela tem a sua centralidade, digamos assim, o seu QG é na comunidade eclesial, então a comunidade eclesial que bem se prepara para acolher. Ela é uma comunidade hospitaleira, não é? Aí usa as técnicas, sinalização, comunicação. Quer dizer, quem chega não fica perdido. Do mesmo jeito que quem chega no hotel bom, não fica perdido. Quem chega numa Igreja boa não fica perdida, não fica perdido, não é?, numa Igreja acolhedora, numa comunidade acolhedora, tem um hotel, tem uma boa cama. A Igreja tem um bom banco, as placas, a sinalização, a acessibilidade, a toailete, né? E pessoas sorrindo, né? Pessoas sorrindo.

### **III BLOCO – REFAZENDO PERGUNTAS**

9 - Se nós formos fazer um balanço das dioceses que tem sido visitadas, quantas dioceses que a PASTUR já está implementada?

É, no horizonte da igreja no Brasil, são poucas, muito poucas. Nós temos hoje cerca de 13 núcleos de PASTUR e a gente pode dizer de 13 dioceses. Se a gente pensa no horizonte da Igreja do Brasil é muito pouco são, mais de 300 (dioceses). Mas é um caminho. Não é uma pastoral de fácil assimilação. É um caminho lento... que a gente vai fazendo, mas são 13.

10 - Vocês têm feito algum plano de divulgação para outras dioceses?

Planos temos, né? E fundamentalmente é o contato pessoal... geralmente a PASTUR nasce a partir de um contato, de um incentivo, de uma conversa. Ela também nasce muito e morre muito também tem isso. Vocês gostam nascer e não vai avante. A gente também está, se a gente pensar que a gente, por exemplo, já teve muito a tentar de seguir em lugares como Manaus, Belo Horizonte, Vitória. Manaus e Vitória a gente teve seminário diocesano para a implantação da PASTUR. É então, às vezes é sempre um dilema na Igreja, às vezes a autoridade quer e não encontra quem. Às vezes o povo quer e não encontra respaldo da autoridade, é também dilema pastoral em geral.

11 - Como está o diálogo com o Ministério do Turismo?

Zero. No início do atual mandato, a gente teve alguma esperança.

P: O mandato de presidente?

Até com a Embratur, na verdade, existe uma falha, eu acho, ainda nas nossas ações de governança. Que está exatamente nesse campo em alguns lugares, quando é uma realidade, mais de interior tem um diálogo bom com a Secretaria municipal e tal e tal. Quando é nas capitais, tem um diálogo bom com a Secretaria da capital, mas também com a Secretaria Estadual do Turismo. Mas nacionalmente, a gente ainda precisa de mais incidência.

12 - O senhor acha que parcerias com instituições privadas serão um caminho?

Sim, já são, né? A gente tem, não não é bem privado, é autarquia, né? Mas com todo o sistema S, né? O sistema S é um grande parceiro da PASTUR pelo Brasil, a gente tem o SENAC, o SEBRAE. O SESC não é? A gente tem participações boas em Goiânia, em Salvador, em Belém, né? Na região de Aparecida, eles estão sempre por ali, estão sempre nos buscando e quando nós buscamos, eles fazem. Eles acolhem com muito gosto, muita eficácia. Então, isso já existe. E toda forma de parceria é lógico, né?, parcerias com instituições pública e privadas. Que possam, de fato, ajudar na dignidade humana. Mas de toda a forma de parceria, eu acho muito importante. A PASTUR é pastoral de Fronteira, né? Então a gente está um pezinho na Igreja, um pezinho na sociedade muito fortemente. Porque o turismo é um tema muito candente numa realidade social do Brasil. Nós estamos naquela etapa de compreensão do turismo com o vetor de transformação. Então o Brasil depende demanda, mas também na realidade, como o Brasil a PASTUR precisa ser. E aí eu vejo uma necessidade de avanço, especialmente fora do turismo religioso, nos espaços de turismo não religioso, praias, campos, né? Cidades históricas. Turismo no âmbito do turismo cultural, do turismo sol e mar, do turismo de campo nessas áreas aí. A gente precisa estabelecer mais e mais parcerias.

13 - A PASTUR está sempre tentando se afastar de atividades comerciais e essa lógica mercadológica. O senhor vê uma ambiguidade nessa atuação?

Não, eu acho que é exatamente é como dizia antes, aquela delimitação de identidade e missões, né? A gente pode dizer que a PASTUR é o dono da casa que convida para um banquete. A PASTUR convida para um sentar-se à mesa, o mercado, o trade, as

universidades, a gente tem visto isso avançar. Houve uma experiência muito forte com a Universidade Federal da Bahia, no mestrado oferecido. As universidades, os centros de ensino. A gente está vendo também os nossos pesquisadores avançando, e aí já tem pelo menos cinco, além do senhor e Adriana, a gente tem também a Hilda, a gente tem também a Rosa e a gente têm também a Andréia, de Salvador, que estão nesse tempo, não é? de um certo caminho de reflexão. Então, as universidades, o mercado, o trade turístico, né? O trade turístico é mais do que o mercado, mas o mercado turístico. As instituições públicas, as autarquias, outras instâncias de poder público, como segurança pública, como geração de emprego e renda, enfim, é uma mesa imensa e a partir daqui é desenvolvida para, a partir da lógica da fé, da doutrina social da Igreja, trabalhar o turismo como o vetor de desenvolvimento integral e sustentável.

14 - Gostaria que o senhor falasse da reação de demais pastorais sociais nos encontros em que participa. Como é o recebimento da PASTUR?

É na estrutura da CNBB, nós estamos ali no setor da mobilidade humana, na comissão episcopal pastoral para a promoção humana integral. É o sociotransformador, né? E Na comissão sociotransformadora estão assim todas as pastorais sociais, todas, né? A maior comissão da CNBB. É um espaço muito amplo. A gente participa da assembleia, da semana social brasileira, a gente participa de uma comissão muito grande. Foi. Acolhido agora dentro do setor da mobilidade humana com as outras pastorais da mobilidade. A PASTUR, ousaria dizer, tem um papel de liderança importante. É importante, não apenas é bem que foi bem acolhida, como desenvolver um papel de liderança importante, e o grande avanço alcançado é a compreensão das outras pastorais da missão e identidade da PASTUR.

#### **IV BLOCO – CATEGORIAS DE GOVERNANÇA**

15 - Segundo estudos, existem quatro principais dimensões para a governança de turismo. Como o senhor vê a PASTUR em cada uma dessas, ou não?

**DEMOCRACIA:**

Sim, Existe. Não existe a democracia direta. Mas eu acho que a democracia é diretíssima no sentido de que vamos sentar à mesa e vamos escolher prioridades e vamos estabelecer critérios para a nossa ação, né? Qual será o tema? Qual será o roteiro? Quais serão as atividades? Qual será a programação? Como é que vai fazer? E eu acho que isso existe em todas as esferas. É tem uma expressão que eu uso muito no grupo, isso é pastoral.

**TRANSPARÊNCIA:**

A gente precisa avançar um pouquinho mais, não é, mas existe bastante. Mas eu estava pensando aqui: a gente, quando eu falo, a gente precisa avançar um pouquinho mais é na questão financeira. Mas a gente não avança porque não tem finanças, não é? Então, falta da finança para dar transparência de fato; agora, nas ações, nas práticas, sim.

**PARTICIPAÇÃO PLURAL:**

Participação plural? Sim, existe, existe, sim. Pluralidade de culturas dentro do contexto brasileiro, pluralidade de gênero. Aliás, agora está assumindo uma coordenadora. É

pluralidade. É muito. A gente fala, como eu te falei no início, né? A perspectiva, olhar é sempre de Igreja. E aquela frase de Santo Agostinho define o bem, né? No essencial, radicalidade, no relativo, a liberdade e no tudo, a Caridade. Então, óbvio, a pluralidade não existe no campo da doutrina, porque a gente tem uma única fé, somos uma única Igreja, uma única fé, um só batismo e tal e tal e tal. Mas na prática, nas lógicas, nas elaborações de programas de projeto, eu vejo o próprio livro que a gente escreveu, né? É um livro. Na verdade, a gente não escreveu o próprio livro que a gente lançou, né? É um livro, é uma organização, é a minha participação, e do senhor, foi uma organização. Lógico, tem textos nossos e tal, mas dentro de uma grande mesa é uma grande mesa, né? O nosso livro, então acho que tem, sim, essa pluralidade.

#### COLABORAÇÃO/COOPERAÇÃO:

Se não fosse isso, se não existisse, nem PASTUR existiria. É um grande mutirão, é uma grande ciranda. Que a gente vai ampliando, apoiando, ampliando. E no início, quando a gente assumiu, existia um certo preconceito com o mundo empresarial, né? E nesse período a gente fez também. Acho que é uma das marcas. Eu acho que a gente conseguiu, não afastar a lógica empresarial, mas delimitar o espaço próprio da lógica empresarial dentro da PASTUR, deixando muito claro quem são, quem é quem no tabuleiro, quais são as peças do tabuleiro. Então o agente, o empresário, a comunidade, a hierarquia e, assim, todo o mundo sentado junto, mas existe muita participação.

#### QUE OUTRAS CARACTERÍSTICAS DE GOVERNANÇA PODEMOS APONTAR NA PASTUR?

Nossa, nem sei se existem outras além dessas quatro que são tantas possibilidades, né? E aí, tem tanta coisa nessas 4, né? Ela é uma palavra, mas na verdade é um conceito com muitas nuances, né? Então eu diria que é satisfatório.

#### V BLOCO – CATEGORIAS DE HOSPITALIDADE

16 - Na Bíblia conseguimos abstrair algumas categorias de análise que permeiam as relações de hospitalidade, como elas podem ser observadas na PASTUR?

#### CURA:

Olha que bonito. Eu sou muito empírico assim, né? Sou. E eu vejo muito a partir dos casos, né? E uma realidade que a gente tem, por exemplo, Salvador, que é a realidade. Alagados, né? O desenvolvimento da lógica, da hospitalidade naquela realidade, ela é. Vetor de cura para a comunidade e para quem chega. Né cura? Cura, cura humana mesmo, né? E pra comunidade também. Autoestima, é, por exemplo, a autoestima quando a gente fala de turismo de base comunitária e eu tô lembrando ali da experiência, do acampamento ali do MST em ponta da Serra, no interior da Bahia. Aquele caso de Patrícia. Quer dizer, a experiência do TBC, do turismo de base comunitária é profundamente terapêutica, terapêutica para a comunidade. Uma autoestima com geração de renda, né, com qualificação das pessoas, mas também é terapêutico para quem chega. Não é porque veio experimentar viver momentos com aquela comunidade curada. Elemento de cura também.

#### ESCUITA:

A gente podia pensar que tem o dito e o não dito. A escuta do dito, e do não dito, não é? Então não é exatamente eu penso que não é exatamente claro. Tem a escuta objetiva, né? Da pessoa que traz uma questão, traz uma pergunta, deseja informação? Enfim. Mas, sobretudo, essa escuta do não dito não é, quer dizer. O jeito de a pessoa chegar, da pessoa ser acolhida, o jeito de acolher, né? O jeito de presumir, de se adiantar. As demandas que as pessoas vão trazer, não é? Então pensar na pessoa. Escutar a pessoa por antecipação, talvez seja uma. Estou gerando isso aqui agora, né? Não estou, não trago nada, mas, por exemplo, você imaginar não é aqui nessa entrada, quando a pessoa chega aqui, ela vai chegar com sede. Eu vou botar aqui um lugar para ela beber água. Quando ela chegar aqui, ela vai chegar cansada. Então vou botar um lugar para ela sentar. E ela que eu falo é o turista, mas também é o Guia, é o motorista de ônibus, ele vai chegar precisando de um lugar de descanso. Então eu vou por aqui uma mesa, uma cadeira, um ar-condicionado, a água. Então escutar nesse sentido também, sabe escutar o não dito, presumir. Se adiantar se antecipar uma escuta antecipada às demandas.

CONVERSÃO: (Inclusão)

Ah, totalmente. Não, isso aí é fácil, né? Então, hoje é uma demanda da sociedade, né? E a gente também tem que é, eu acho importante. Sabe quando o acolhimento e quando a hospitalidade, ela vai além da lei? Não é ela justamente dentro daquela perspectiva que eu falava antes, na perspectiva da personalização, né? Da individuação, de enxergar a pessoa então e além da lei, depois pensar, então, não é apenas a lei, exige que tenha rampa para além da rampa. O que é que eu posso fazer? Não é para além e se falando de inclusão, é motora, enfim. Mas também a inclusão das diferenças. A inclusão, eu acho que a gente pode avançar, sabe? Para pensar nisso, não é? A gente pode avançar. A gente já vê lugares, digamos, da sociedade civil avançando. Não é para que o transgênero possa se sentir acolhido, para que não haja. Esses dias eu visitei, um espaço cultural de Salvador que é a casa do Carnaval e a casa das memórias. Mas me parece que os espaços culturais da prefeitura, todos são assim. E em cada andar está ali uma placa dizendo nesse lugar não se admite discriminação de gênero, de raça, de classe social bem pago, ingresso de 20 reais já está ali exclusão de Classe social já está um pouquinho mais. É pensar no sentido muito amplo. Inclusive preparando as pessoas para esse encontro com diferentes. Não é pra esse encontro com quem precisa ser incluído no sentido muito amplo, muito amplo é, eu vejo. Tem situações na questão da acessibilidade, que a gente pensa rampa para entrar na igreja, mas depois que entra na igreja, qual a largura da porta do banheiro? Enfim. São tantas questões, né?

DIÁLOGO: (Paz)

É a primeira. Se a gente não é como igreja, justamente o vetor da paz naquela comunidade, naquele ambiente da construção, de todos os irmãos, né? Do Frateli Tutti do Papa Francisco, né? Do diálogo, entre as diferenças entre os atores. Tem uma situação muito bonita. Desculpa, eu fico fazendo, trazendo exemplo de Salvador, por quê? Eu tô lá. Mas na basílica do Bonfim existia uma crise, uma crítica, e uma crise muito grande com os vendedores de fitinhas, que ficavam ali no largo. E existe diante dessas situações, sempre, sempre existe uma solução mais fácil e que todo mundo logo apoia, vamos chamar a Secretaria de serviço

público, dizer esse povo todo saia daqui e vai encontrar e dê um jeito na sua vida. O que foi que o santuário fez ao invés de rechazar, de construir pontes, ao contrário, venham, vocês fazem parte da gente. E criou o projeto do bom samaritano. Que é um projeto comum. Então o santuário se tornou a instância aglutinadora e articuladora e o ponto de encontro das demandas divergentes que podiam ser instâncias de crise social, né? Prefeitura, vendedores informais de fitinhas e tal, venham para cá. Eu vou dar uma formação, vamos dar cesta básica, vamos oferecer alternativas, vamos colocar vocês todos fardadinhos, vamos educar, formação do sentido de abordagem e tal, e tal e tal. Quer dizer, diminuir a quer dizer, acabou a crise não porque tem gente lá, mas diminuiu significativamente. Então, paz, não é apenas, assim, uma coisa idílica, mas é também essa gestão de conflitos. Eu acho que aí é preciso entender a ação da PASTUR na construção da paz. Como essa gestão de conflitos para que ela a sociedade não exploda, né? Não imploda. Diante dos conflitos inerentes ao meio.

#### QUE OUTRAS CARACTERÍSTICAS DE HOSPITALIDADE PODEMOS APONTAR NA PASTUR ?

De certa forma, essas 4 dimensões, elas estão muito de acordo com aquela linha que a gente sempre vem desenvolvendo já há algum tempo para as nossas ações, é acolhimento, é respeito, preparação. Por exemplo, respeito que está na linha da inclusão, eu acho, né, o respeito as diferenças. É como eu digo, cada palavra dessas é a mesma coisa da outra. Cada palavra dessa carrega o mundo de possibilidades, né? De avançar, mas elas 4 estão muito na linha do que a parte do preconiza.

#### VI BLOCO – ENCERRAMENTO

17 - Seria possível com instrumentos de governança de cunho humanístico inserir a hospitalidade na atividade turística? E a PASTUR é capaz de realizar tal premissa?

Acho que a gente pode chegar lá não sei se hoje a gente é capaz, mas de fato, eu penso assim, se pensando em perspectiva que a gente tem no horizonte algumas possibilidades de ação muito interessantes, sabe? Se a gente conseguisse formar de fato, um grupo de reflexão, se a gente conseguisse formar uma personalidade jurídica geradora de reflexão e de conhecimento, até vinculada a alguma universidade católica, que a gente fosse uma instância de autorreflexão e de formação para hospitalidade no mundo do turismo, Eu acho que a gente podia, se a gente colocasse isso aí no Horizonte, não ia ser problema não, estaria muito dentro do nosso escopo.

Alguma informação ou experiência que gostaria de acrescentar?

Não. Eu acho que foi superbem, agradeço muito.

### INSTRUMENTO DE PESQUISA

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

##### Entrevistado 2 – E2

**DATA DA ENTREVISTA:** 10 de novembro de 2024

**LOCAL:** Centro Cultural São Judas Tadeu – Icaraí – Niterói/RJ

(transcrição)

(gravação autorizada)

## **I BLOCO – INTRODUÇÃO - PASTUR**

1 - O que é turismo para você?

Turismo em geral é uma atividade do ser humano que visa a descontração, lazer, conhecimento, passeio, partilha, troca de experiências e entretenimento. Em síntese, é aquilo que não faz parte do essencial do ser humano, mas que completa, que agrega, trazendo a ele uma qualidade de vida, uma realidade de alegria, de expressão de si e também de criatividade e espontaneidade. Eu sempre penso, me vem muito, a gente pensa no turismo, a questão do vinho, o vinho não faz parte estritamente como alimento do ser humano, mas o vinho traz alegria para o coração do homem não é. E o necessário é o pão, mas ninguém vive só de pão. O ser humano precisa ter esse aspecto lúdico que se agrega ao seu existir.

2 - O que é PASTUR?

PASTUR é uma pastoral. É um serviço de Igreja, é extensão dos braços do bom pastor, toda pastoral na Igreja, é uma extensão dos braços do bom pastor. Quando a gente observa concretamente a PASTUR é o específico da atuação do bom pastor naquele determinado ramo, atividade, categoria de pessoas. E a PASTUR é então a extensão do braço do bom pastor no universo do turismo. Que envolve sobretudo pessoas, agências, é o todo trade de turismo, envolve também realidade diretamente ligadas e indiretamente ligadas, como diretamente ligada àquelas que estão mobilizadas em primeira linha na PASTUR, mas indiretamente, porque vai acionando, parcerias, criando contatos e a partir disso também atinge pessoas, então é a evangelização no universo do turismo.

3 - Qual a contribuição da PASTUR para o turismo?

PASTUR, nesse caso ela ajuda, ela contribui quando no receptivo a PASTUR ajuda a Igreja a preparar ambientes, ter o cuidado que os nossos ambientes estejam dentro daquilo que hoje a sociedade atual pede. Todo o universo da acessibilidade é propícia as pessoas, no caso, virem serem bem recebidas. Integradas num ambiente nosso e dessa forma a PASTUR, ela prepara no receptivo, ambientes e pessoas para interagirem com o turismo. Esse é o primeiro aspecto que acredito que enquanto nós, como PASTUR, crescermos, porque ainda somos muito pequenos. Então é isso, ainda não dá pra perceber em grande escala, mas eu imagino num futuro, quando nós organizarmos, né, houver uma PASTUR efetiva em muitas regiões do Brasil e nos sobretudo, nos principais atrativos, não é de pessoas. Nós poderemos ver essa realidade como uma contribuição para todo o turismo. Depois a PASTUR também ela ajudará todo o turismo preparando pessoas, guias turísticos, imbuindo essas pessoas de valores que possam contribuir para que haja um turismo menos ofensivo a natureza, um turismo que também ele se encaixa bem dentro daquilo que inclusive a sociedade atual hoje pede, que haja um turismo que não seja agressivo na natureza, que não seja um turismo

nocivo às pessoas. Acredito que é isso a contribuição da PASTUR com o turismo. Quem sabe até academicamente poderá ajudar, como é o caso esse trabalho que está sendo desenvolvido. Quando novos estudos forem feitos sobre a PASTUR, ela poderá contribuir.

4 - O que você acha que a PASTUR pode fazer pelo turismo? NÃO FOI FEITA

5 - A nova organização da PASTUR dentro do organograma da Igreja universal, no Dicastério para a evangelização, representa o que para o senhor?

Isso então em âmbito de Vaticano ela está no de Dicastério da evangelização, aqui no Brasil na comissão sócio transformadora, eu sempre penso que a evangelização ela comporta duas realidades que precisam estar conexas, primeiro, o anúncio do evangelho à espiritualidade, os valores cristãos que compõem um primeiro momento, e a incidência e a prática social que isso aqui comporta. Então, evangelizar é quando ocorrem essas duas dimensões, não uma só, uma ou outra. Isso ocorreu, né? Às vezes de no mesmo Brasil nosso, né? Tivemos casos de uma vivência social, sem o apoio da espiritualidade, nós. Então nós caímos numa filantropia, numa ONG. Cito um exemplo, aqui não vou dizer o nome, mas um bispo. Ele se auto elogiava, por assim dizer, se gabava que ele passou por 30 anos no meio dos indígenas, nunca batizou um indígena. Com isso, ele dizia, eu vivi no meio dos indígenas, me fiz um indígena, tá? Beleza é um aspecto, porque Ele fez muito bem enculturação suponho que fez, mas talvez para a evangelização, faltou. Porque ele virou um operador de governo, uma ONG. E agora, criticamente, como católico, a gente prepara o terreno para igrejas evangélicas anunciar o evangelho aí. Os indígenas, quando precisam de uma cesta básica vem na Igreja católica, quando querem escutar o evangelho vão nos evangélicos, ou então outro oposto, de setores da Igreja que cuida tanto, né? Do aspecto da espiritualidade. E deixam de lado, descuidam desse cuidado para com o próximo, São, é. Poderia ser visto como opostas, mas na verdade é conjunção desses dois universos é que torna plena evangelização, uma evangelização que seja integral no ser humano, que ela contempla todo o ser humano. A pastoral por que que a gente sempre pensa assim. Quê que é a espiritualidade do catequista, a espiritualidade do agente da PASCUM? Porque a pastoral ela não dá espiritualidade, ela dá serviço. Então, a espiritualidade ela precisa cuidar melhor a pastoral, cuidar para que haja espiritualidade. Já o movimento a gente nunca se pergunta, mas qual é a espiritualidade de quem participa da RCC? É óbvio que eu tenho exatamente a espiritualidade, mas corre o perigo do movimento aí não ter o serviço, a parte social, engajamento prático, então essas duas realidades, elas precisam estar sempre conexas. E quando a gente vê no Vaticano ligado ao aspecto da evangelização e aqui para nós é dentro da ação sócio transformadora, para mim isso está de bom tamanho. Porque representa que nós lá em cima, a gente está engatado na evangelização para a gente não perder esse ponto de vista e a gente não se desequilibrar para nenhum dos lados, e aqui a gente está com o pé no chão da realidade para que a gente também não vá para outro lado.

6 - Qual a necessidade e significado do estatuto da Pastoral do Turismo que vocês criaram esse ano?

O estatuto serve para normatizar a atividade, a pastoral e normatizado naquilo que é o mínimo, as orientações de governo, de membros, de direções que a pastoral precisa ter o

estatuto sempre é algo muito objetivo, muito conciso que delinea os objetivos com clareza, objetivos elaborados, pensados para que os membros que fazem parte dessa pastoral tenham em vista aonde se quer chegar e quais caminhos deve percorrer. Também os estatutos servem de orientação para que a pastoral realize as assembleias, as eleições nos seus devidos momentos. Não sei se há uma necessidade de estatuto, a CNBB parece que não exige o estatuto. Mas ele é uma necessidade própria nossa para estabelecer clareza na caminhada, quando não se tem estatuto, não se delinea com clareza os objetivos.

## **II BLOCO – AMBIENTAÇÃO DOS TEMAS**

5 - O que é governança para você?

Governança é organização. Organização é estabelecer princípios, é roteiros, objetivos, as metas. É um organograma da pastoral. É um organograma que se manifesta como um itinerário a ser percorrido.

6 - Qual a governança exercida pela PASTUR?

A PASTUR é uma pastoral, então a governança, ela acontece a partir do ponto de vista de uma pastoral, de um caminho, de Igreja que vai se construindo com vista a evangelização é cujo objetivo, é claro, é esse é a evangelização, atuar com todos os atores implicados no universo do turismo. Qual mesmo a pergunta pode repetir? (...) Ela está dentro de uma conferência nacional dos bispos do Brasil, encaixada numa comissão de cunho social a qual nós prestamos conta do nosso trabalho. A organização que ocorre na PASTUR é a partir deste ponto de vista dos objetivos que é preciso alcançar, que são aqueles já ampliados anteriormente, o envolvimento de atores, de ambientes da Igreja, trazer para dentro da Igreja a conscientização da importância desse universo da evangelização a 360°. Acredito que é isso a governança.

7 - O que é hospitalidade para você?

Hospitalidade é acolher bem, é trazer para dentro da casa, entre aspas, o outro, é propiciar que ele se sinta em casa, que ele se sinta acolhido fornecendo a ele aquilo que ele precisa de necessidades básicas, cuidando do ser humano que está próximo de nós, que pede acolhida. A hospitalidade é acolher, basicamente.

8 - Onde você vê hospitalidade na PASTUR?

Sim, essa acolhida qualificada que é a hospitalidade, penso logo nos ambientes de Igreja, nos nossos locais, nos atrativos. Toda a Igreja, todo templo, toda a comunidade ela já tem em si o desejo de acolher e quer acolher bem mas, às vezes só o desejo não é suficiente, porque as vezes chega em uma Igreja, o som é ruim, os bancos são incômodos, a luminosidade não ajuda, os cânticos não corroboram para uma celebração adequada, e assim por diante, uma série de coisas que pode atrapalhar essa acolhida indireta. A acolhida direta é esse espaço, a Igreja ser a casa, o local onde a pessoa se sente em casa, primeira coisa, acho que isso aqui é essencial, a Igreja é esse espaço onde a pessoa chega e se sente família, encontra uma família, encontra irmãos, encontra um espaço onde às vezes constitui até um oásis, num monte de situações que vive, ela vem para um ambiente de Igreja ali tem o momento em

que ela respira, por assim dizer, ela encontra aquele espaço de tranquilidade, de serenidade, se sente em casa. Esse é o primeiro ponto. Concretamente a PASTUR pode exercer a acolhida preparando, aí vem o segundo ponto, além da Igreja ser essa casa que acolhe, ela pode preparar efetivamente os nossos locais, os nossos atrativos, para que exerça uma acolhida segundo aquilo que estabelece as regras hoje do turismo ter banheiros suficiente.

(O senhor já vê? Essa hospitalidade em algum lugar específico assim?)

Eu vejo, nós melhoramos muito nesse aspecto. Eu não queria até citar Aparecida, porque Aparecida é um caso que salta aos olhos, verdadeiramente eles construíram, conseguiram construir primeiro um santuário muito acolhedor dentro de um ambiente de nossa senhora, que puxa para os valores da maternidade e conseguiram fazer com que aquele espaço de fato tão grande acaba se tornando pequeno, porque as pessoas vêm e cada vez estão aumentando o fluxo de turistas, se sentem acolhidos, tem um local pra estacionar, tem um local pra dormir, tem um local onde a pessoa sentar, descansar, passear, conhecer, ter outros atrativos que envolve o peregrino. Então tudo isso é acolher é propiciar elementos para que o peregrino seja entretido ao longo de várias horas em Aparecida. Eu vejo também, conheço alguns santuários no Paraná que estão cuidando disso, são banheiros bem cuidado, está limpo, você percebe que as coisas estão em ordem, que as torneiras funcionam, que o vaso está funcionando que tem papel para enxugar as mãos, tem sabão. Isso tudo propicia já um espaço de acolhida, que tem uma recepção na Igreja quando alguém chega. É perguntar, tem alguém aqui de longe, que vem de uma outra cidade? Eu vejo isso já em vários locais nossos. Então, a PASTUR, ela tem essa missão de ajudar aqui também o nosso espaço, que tenham a acessibilidade. Que a gente possa é trabalhar a inclusão, já vi em várias igrejas, não vi ainda em santuários propriamente, mas eu vi no meio de comunicação, a acessibilidade para o surdo, para aquele que é cadeirante. Essa é a missão da PASTUR, ajudar aqui na Igreja que cuidemos mais desse aspecto.

### **III BLOCO – REFAZENDO PERGUNTAS**

9 - Gostaria de começar falando sobre o atual momento que vive a Pastoral do Turismo. O senhor assumiu a pastoral que vinha sendo coordenada por dom Irineu e qual a atual conjuntura e como se deu essa transição?

A pastoral está completando 10 anos de efetiva prática, mas ela afunda raízes um tanto antes e eu vejo que mesmo, aquilo que nós vemos hoje dos grupos, das equipes de pastoral que ainda estão em tão poucos lugares, mas eu vejo mais longe. Acredito que nós já temos bastante de pastoral sendo vivido, mesmo se não há uma equipe, não pessoas, agentes no local, mas que acompanharam alguma palestra, acompanharam algumas indicações que apareceram pelos meios de comunicação e já começam a colocar em prática. Nós temos aí no Brasil também um grupo de reitores de santuários, um grupo consistente, que vem se reunindo há bastante tempo. O que eles estão realizando ali? Diretamente não é PASTUR, mas indiretamente é PASTUR. Eu fui indicado na reunião do conselho permanente do mês de junho do ano passado e logo em seguida recebi um telefonema do frei Dolto, informando que os bispos haviam indicado meu nome, eu estava ausente na reunião e se eu aceitaria essa missão? Inclusive indicando para se eu desejasse conversar com o padre Manoel para

me orientar o trabalho a ser feito. Foi o que eu fiz. Eu entrei em contacto com o padre Manuel, me inteirei da caminhada da PASTUR, depois disso, eu consultei os bispos do Paraná, porque eu já tenho outras funções de responsabilidade na CNBB, perguntando se seria oportuno, viável, se verdadeiramente os bispos viam também como oportuno e a resposta foi sim, positiva. Portanto, depois disso, eu sou secretário dos bispos do Paraná, entendendo que nós estamos numa caminhada juntos, esse objetivo, inclusive, bem pé no chão. Esse caminhar junto, deixando-se orientar, deixando-se ajudar pelos outros. Eu entendi que podia assumir também, porque na conversa com o padre Manoel, ele me deixou claro que o trabalho é pouco, se fosse um trabalho mais volumoso, eu não teria condição. Mas por ser um trabalho ainda pequeno, então foi possível organizar. Hoje nós temos uma coordenação nacional da PASTUR, com a assessor eclesial, com o coordenador, vice, secretário, tesoureiro, depois temos também um representante por grande região do Brasil, que são como pontos de referência para essas regiões para implantação da PASTUR. E agora falando enquanto bispo referencial, eu faço parte da comissão dos bispos que acompanham as pastorais da comissão sociotransformadora, então também participei das últimas reuniões, uma delas foi durante a assembleia dos bispos em Aparecida. Éramos quase 50 bispos, porque representando todas as pastorais. Então, uma organização, uma conjuntura, está aí. É verdade que hoje nós vivemos no Brasil, nós vivemos uma onda de pastoral, de espiritualidade, de interpretação das coisas num viés, entre aspas, político de direita. Isso a gente vê bastante, nós estamos cada vez mais observando nos seminários na liturgia, nas pastorais a dificuldade de alavancar as pastorais de cunho social, observamos os meios de comunicação, observamos que pende sempre mais um pensamento que se distancia de um pensamento da vida de comunidade, do chão, das comunidades, do cuidado com o pobre que a Igreja do Brasil teve nas últimas décadas. Então com análise de conjuntura eu vejo isso, então não é tão propício para uma pastoral social conforme nós queremos. Nós sabemos disso. Mas é verdade também que na própria PASTUR, nós temos um outro elemento que está em alta e são a questão dos santuários, são dos atrativos, que hoje as pessoas querem, nem todos saem. Viajar fora. Uma peregrinação posterior. Muitos querem um ambiente ali perto de casa, que é pegar com a família, visitar o santuário, passar um dia depois, percorrer um roteiro rural gastronômico, que é histórico, cultural, como aquilo que se organiza, esse roteiro, então a gente vê, nós estamos com um momento de muito crescimento nos santuários, inclusive foi feita uma pesquisa recentemente dos Reitores de Santuários que estão mostrando isso, que anualmente os santuários estão em crescimento. Em amplo crescimento. Eu ouvi daquele grupo lá nos santuários, (...) certo é a pesquisa interna. Pode ser que tenha mais elementos lá. Podia até perguntar, para o reitor de Aparecida, mas eu vi que é. Todos os santuários estão em crescimento.

10 - Quais são os maiores desafios para consolidação dessa pastoral no Brasil?

Veja que o Brasil é muito grande e nós não estamos como agentes de Igreja, que eu digo agora trazer para a hierarquia. Porque é a maioria das coisas passa pela hierarquia da Igreja. Nós não estamos dando conta de levantar a cabeça para ver ações missionárias, linhas de ação missionária. Nós estamos muito num batidão da pastoral do dia a dia e aí que eu vejo a maior dificuldade, porque a PASTUR ela é uma pastoral missionária, muitos daqueles que procuram nossos atrativos, que sabem. Vão raramente à Igreja, talvez nem vão à Igreja, nem por um ou outro aspecto e ali, se nós organizarmos essa rede que o Brasil poderia se

conceber como uma rede, uma rede de atrativos, de lugares, de eventos, de locais, seja datas dos vários âmbitos de festas. Esse é um primeiro desafio, como organizar tudo isso depois, o outro lado é a base ali da comunidade. Como envolver a comunidade, como favorecer que se crie roteiros que nesses roteiros sejam incluídas realidade de pessoas que colocam a serviço aquilo que produzem, do universo do artesanato, da culinária, da hospedagem, tudo isso trazer para uma organização é algo bastante complexo. Mas eu vejo se verdadeiramente houver desejo de se construir é possível e nós teremos um ganho muito grande, porque nós teremos uma pastoral missionária que traz a pastoral, porque ela vai bem além das pessoas que participam, é semanalmente de nossas comunidades, ela atinge muito mais pessoas.

11 - Além da própria atividade turística, a pastoral vai se preocupar com alguma outra atividade? No sentido da consolidação desse mercado, através de políticas públicas e da ocupação do espaço?

Eu escutei de alguns padres que já estão aprofundando mais o assunto que em âmbito de políticas públicas, existe muitos recursos, inclusive existe até pesquisa agora falando do Paraná. Existe até pesquisa mostrando que o segmento do turismo religioso é muito rentável. E como o governo está investindo em turismo em geral e inclusive tem interesses de fomentar o turismo religioso. Então as vezes nós não conhecemos as políticas públicas. Talvez a PASTUR vai ter que criar pessoas qualificadas, que possam interagir com os órgãos de governo para poder detectar onde estão as possibilidades que às vezes nós estamos procurando e não sabemos que existe.

12 - Já existiu ou existe a possibilidade de parcerias diretamente da Pastoral do Turismo com agências e operadoras de turismo? Já foi cogitada essa possibilidade?

Que eu saiba não, porque também não é esse o objetivo da PASTUR ela não se volta para o mercado, o comércio, não venda. É pastoral agora, evidente que indiretamente ela vai ajudar. Se nós preparamos um santuário, se a gente cuida que esse santuário vá cada vez mais trazendo pessoas, ele vai ajudar a fomentar ao seu redor o comércio. Eu não vejo isso negativo é muito pelo contrário, se nós não tivermos as agências, não tivermos muitas pessoas envolvidas, nós não vamos conseguir também alavancar o aspeto evangelizador.

#### **IV BLOCO – CATEGORIAS DE GOVERNANÇA**

13 - Segundo estudos existem quatro principais dimensões para a governança de turismo, como o senhor ver a PASTUR em cada uma dessas, ou não.

DEMOCRACIA:

O Brasil é um país democrático. A Igreja tem liberdade de culto, de expressão, é nesse sentido que vejo a democracia.

TRANSPARÊNCIA:

A transparência, ela é necessária em todos os segmentos da vida humana e o Brasil, ele vem passando por uma grande transformação ao longo, sobretudo as últimas duas, três, décadas no âmbito da transparência. Hoje, nós temos até uma transparência disponível acesso ao

público de órgãos de governo. E isso exige muito, se até o governo está agindo com transparência, parte do mesmo jeito, continua muitos aspectos complexos, mas a Igreja ela precisa de muita transparência. Nós vimos aí ações voltadas nessa direção, o Papa Francisco, por exemplo, todo o universo da pedofilia, que ao longo de anos ficou debaixo do tapete, ficou ocultada de pessoas que deviam ter tomado decisões e foram protelando, acobertando. E agora? Não. Agora é tolerância zero, porque é uma transparência. Nós precisamos agir com transparência. Não é tanto prestar contas, mas é ser mais efetivo no cuidado, nos processos de nucleação de problemas e de solução nesses problemas.

#### **PARTICIPAÇÃO PLURAL:**

A Igreja toda é feita de participação e pastoral mais ainda porque a pastoral ela age com pessoas voluntárias. Então é a participação. Sem o envolvimento das pessoas, sem que cada um tenha um seu específico a desenvolver a gente não consegue avançar. As pessoas querem fazer parte, querem ser protagonistas, colaboradores, protagonistas, juntos e não somente vagões arrastados, então a participação é essencial na PASTUR.

#### **COLABORAÇÃO/COOPERAÇÃO:**

Até mesmo um encontro como esse que nós tivemos, ele se torna um espaço de colaboração, de troca, de experiências. Naquilo que a gente ouve, os temas abordados, que traz uma iluminação para o próprio local. Cada um está ali participando, e está iluminando o seu local com aquilo que houve, mas também os momentos informais em que se troca experiências, se ouve, como está sendo feito num outro local. Como resolver uma situação em outro ambiente, isso tudo é um ambiente de colaboração. Eu vejo até mais longe, não é enquanto nós formos, cada vez mais robustos como pastoral nós poderemos é interagir mais, poderemos é nos ajudar mais e isso tudo se torna um aprendizado dentro da própria pastoral e, de novo, é uma colaboração recíproca.

Que outras características de governança podemos apontar na PASTUR ?

Acho que é isso mesmo, assim dizendo do envolvimento, mas isso também é participação não é.

### **V BLOCO – CATEGORIAS DE HOSPITALIDADE**

14 - Na Bíblia conseguimos abstrair algumas categorias de análise que permeiam as relações de hospitalidade, como elas podem ser observadas na PASTUR?

#### **CURA:**

Cura no sentido de cuidado, não? (...) é porque o cuidado é um aspecto também, que é no Brasil, ele é bastante emergente, não se prestava atenção a esse aspecto. Apesar disso, digo em âmbito de instituições, porque o cuidado familiar quem sabe não se desenvolveu muito mais do que hoje. Mas as instituições a própria Igreja ela está atenta e isso a Igreja não o faz somente para aqueles que vêm até ela, mas ela se relaciona com o mundo, trazendo esse aspecto do cuidado. Depois a cura, eu veria também no aspecto espiritual, psicológico. Nós sabemos a grande importância que há para as pessoas o estar bem. E o ser humano ele é corpo, psíquico e espírito, essa dimensão espiritual, num país de ansiedade extrema, de

depressão, de sentido para a vida, a PASTUR vai colaborar muito, porque os nossos atrativos, eles fornecem esse espaço de bem-estar, de, de oração, de silêncio, de reflexão, de cura interior.

ESCUA:

É muito específico quando a gente trazendo agora para o âmbito do santuário, uma das primeiras características do santuário é ver as confissões. As confissões são essenciais, é um sacramento essencial que não pode faltar num santuário. Mas certamente nós não temos ainda uma Pastoral desenvolvida em toda a Igreja que dê destaque para a escuta, uma escuta qualificada, quem sabe uma escuta que possa distinguir elementos de psicologia de espiritualidade. Vemos muitas vezes em ambiente de Igreja exageros porque não se distinguem isso de misturas de problemas psicológicos e líder espiritual, então esse é um aspecto muito ausente. Ainda pode ter espaço para crescer e melhorar.

CONVERSÃO: (INCLUSÃO)

Também não existe. Eu não vi nenhum local ainda de Igreja, elementos de avaliação. A gente compra uma passagem de avião é bem provável que no final dos serviços prestados você receba um e-mail, um formulário de avaliação. Nós não temos isso na Igreja. Ninguém sabe se estamos indo bem, não fazemos pesquisa nenhuma. Parece que verdadeiramente, não, não escutam mesmo o povo e no caso aí da PASTUR também, aqueles que interagem conosco. Qual que é a terceira? (...) É esse daí, é um aspecto que também é algo novo no Brasil hoje e está estourando, usando a expressão aqui? Um pouco complexa, porque nós estamos tendo muitos casos de transtornos, temos aí o espectro autista, talvez como nunca antes. Há quem diga que agora se faz diagnóstico antes não se fazia, mas parece que verdadeiramente o índice aumentou. É, são muitos os autistas, nós não estamos preparados nem para receber na catequese nem nas celebrações e diria, nossos ambientes de receptivos. Né, de entre aspas, peregrinos também não conheço suficiente para dizer que já haja uma efetiva inclusão. Também é quando se trata de prédios históricos a questão do cadeirante, a dificuldade de adaptar arquitetura, os prédios, o formato de construção. É um desafio.

DIÁLOGO: (PAZ)

Paz, ausência de conflito, mais que isso (...) E também o turismo de base comunitária poderá se desenvolvendo ajudar porque ele traz para dentro de realidades de comunidades pobres, de pessoas com poucos recursos, que em geral, isso tudo coincide, quase sempre coincide com territórios de conflito, de violência. Então, poderá ser um elemento agregador, que vai na direção da construção da paz. Quando as pessoas têm aquilo que precisam, porque em geral se diz que a violência é decorrente da fome, é decorrente da pobreza, então quando a gente vai incluindo pessoas, vai tornando essas pessoas protagonistas, participantes também de benefício, de recursos, isso tudo favorece a paz.

Que outras características de hospitalidade podemos apontar na PASTUR?

Penso que a Igreja em geral, mas dentro da Igreja em geral, a PASTUR, ela pode ajudar a criar espaços em que as pessoas experimentam a vida de família de relacionamentos

simples, sinceros, relacionamentos autênticos, inclusive isso o documento do sínodo aponta para a Igreja, nós temos o grande desafio de tornar os nossos ambientes de boa convivência e que os relacionamentos eles sejam de tal forma vividos, que neles se manifestem a vivência do amor que Jesus pediu para os seus. Talvez esse é um aspecto da hospitalidade que a pessoa não vem procurar só aquilo que ela precisa de imediato. Mas ela vem para preencher esse sentido para a vida. Ela vem para buscar sentido para a vida. Ela vem para dar um brilho mais naquilo que está fazendo e isso se dá por relacionamentos verdadeiros, bonitos, divinos com simplicidade.

## **VI BLOCO – ENCERRAMENTO**

15 - Seria possível com instrumentos de governança de cunho humanístico inserir a hospitalidade na atividade turística? E a PASTUR é capaz de realizar tal premissa?

Sim, a hospitalidade, ela é um conceito humano, mas é um conceito mais do que humano, é um conceito de pastoral, é um conceito religioso de espiritualidade. Não é só possível, mas é necessário, é necessário espiritualidade (...) é capaz hoje, tudo tem que ser visto dentro do proporcional onde estamos presentes, ali ela realiza isso onde a PASTUR está presente ela cuida dessa hospitalidade. Ela está atenta a essa hospitalidade porque é um grande valor para PASTUR. Agora, é na medida em que a PASTUR vai se expandindo, ela vai levando por onde se expande esse valor. Então, proporcionalmente ao tamanho dela, ela já está fazendo. Agora, visivelmente, ainda não se pode. Vê, né. Mas já está acontecendo.

16 - Alguma informação ou experiência que gostaria de acrescentar?

Eu quero dizer o seguinte, que a pastoral da Igreja, ela procura formas alternativas. Hoje, tudo está centralizado na paróquia, depois ali por volta do Vaticano II, foram surgindo alguns movimentos gerando grande conflito dentro da Igreja, porque eram realidades ultra paroquiais, ultra diocesanas, algumas vezes até ultras nacionais. E isso não se conseguiu articular de uma forma harmônica o relacionamento entre essas duas realidades, mas prevalece toda a centralidade da pastoral na paróquia, mas a Igreja procura alternativas para sair desse eixo paróquia, porque, sobretudo nos grandes centros urbanos, com o avanço da internet, nós não temos mais uma territorialidade. Não é só a paróquia aonde a pessoa participa que a paróquia até a paróquia afetiva. Onde eu gosto mais, eu me sinto melhor e eu vou no outro território que não é o meu. Mas não só isso é a fé, ela também está sendo vivida hoje fora do ambiente paroquial. Nós estamos encontrando formas de vivência, de fé de pessoas que acorda de madrugada, uma outra que trabalha turnos de empresas que não conseguem encontrar os horários para participar de uma comunidade. Ela participa de uma nova comunidade ela participa de um movimento. Eu penso que a PASTUR, ela tem elementos que ela vai ajudar essa nossa paróquia, que continua elemento essencial na pastoral, ela abrir para o mundo. Ela é uma conexão com o mundo, a PASTUR, porque ela conecta com o turista e o turismo está em alta, estando em alta é uma chegada de pessoas, é uma porta de acesso. Por exemplo os pais que vêm procurar o sacramento para os filhos eles têm uma porta de acesso para a Igreja, a Igreja nunca pode fechar essa porta de acesso, tem que conversar com esses pais. Mas aqueles que veem pela porta do turismo. Se nós não estivermos preparados como Igreja a gente está fechando a porta ou não estamos propiciando aquilo que é o potencial ou devemos ser, os valores. Então é nesse sentido, é uma alternativa até de pastoral ou abre a nossa pastoral para elementos novos que está se

procurando na Igreja formas novas e alternativas novas de ver a pastoral de sempre paroquial. Não sei se ficou claro o que eu queria dizer, porque é complexo de explicitar, mas eu vejo. É aquilo que Aparecida dizia que toda a nossa pastoral precisa ser de cunho programática, é a missionariedade de vida, mas paradigmática é quando toda a luz da missionariedade precisa perpassar toda a nossa ação pastoral. Então aqui está uma luz, uma ação, uma atividade missionária, um corpo missionário ao nosso alcance e a PASTUR propicia isso. Por isso a necessidade da PASTUR.

## **INSTRUMENTO DE PESQUISA**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### **Entrevistado 3 – E3**

**DATA DA ENTREVISTA: 23/01/2025**

**LOCAL: Google Meet**

(transcrição)

(gravação autorizada)

#### **I BLOCO – INTRODUÇÃO - PASTUR**

1 - O que é turismo para você?

O turismo é o que a gente aprende lá na teoria, né? Pernoitou uma noite fora do seu local de residência é turismo. O que a gente aprende lá e acaba embutindo isso na gente então turismo é isso, pernoitou uma noite é turismo, fora do seu local de moradia.

2 - O que é PASTUR?

Pra falar a verdade? Estou aprendendo ainda o que é PASTUR tá, porque por mais que a gente esteja envolvida assim, é pastoral. É PASTUR pastoral. O próprio nome fala turismo, então, assim, ainda na Igreja eu acho que os padres pelo menos muitos padres da cidade de [...] que não entendem o que é PASTUR, acham que Pastoral do Turismo não precisa existir. Então eu tenho essa barreira muito grande aqui com o nosso clero, mas Pastoral do Turismo para mim é você fazer um pouquinho do que a Janes faz, ela se entrega realmente para pastoral. Então, às vezes eu me culpo ou pesa para mim, eu não ter esse tempo para a pastoral, porque a gente precisa de mais braços. Só que quando a gente busca a gente, quando as pessoas veem que a coisa é sem remuneração, vamos falar assim, porque a pastoral é uma entrega tá. É você está se dedicando ali, então, infelizmente as pessoas acabam saindo.

3 - Qual a contribuição da PASTUR para o turismo?

A contribuição, eu acho assim, mostrar que o turismo não é só você, por exemplo, é você ter que ter aquele acolhimento para com o cliente, que as pessoas só veem a pessoa como cliente, como financeiro. Eu acho que assim a pastoral ela vem mostrar que você tem que

ter um alvo não só na religiosidade, mas como uma espiritualidade, independente da religião, tá? se você é evangélico se você é budista, independente de religião, vamos falar realmente assim, de fé, de acreditar. Então eu acho que você tem que estar, seria isso, a pastoral ela vem mostrar esse lado do turismo.

4 - A nova organização da PASTUR dentro do organograma da Igreja universal, no dicastério para a evangelização, representa o que para o senhor?

Então, o conhecimento eu vi, mas é bem leigo nessa parte, tá? Então pra mim assim, a legal, tá se dizer, a PASTUR vai se tornar um pouco mais conhecida talvez. Então essa é nossa esperança, não é, que é Pastoral do Turismo, ela seja assim, vista com melhores olhos, com melhor olhar, com um olhar assim, não só de desconfiança, né? Então eu acho que nós estamos caminhando ainda para esse processo.

5 - Qual a necessidade e significado do estatuto da Pastoral do Turismo que vocês criaram esse ano?

É lógico, assim, tudo que é uma burocracia. Para mim é uma burocracia, mas ela é necessária é algo que se você pensar como assim pastoral? A partir do momento que você tem um estatuto, você tem ali uma regulamentação, se esta pelo menos seguindo ali uma coordenada, né? Porque quando você cresce, você precisa de ter uma organização, então acho que o estatuto vem favorecer nesse sentido, né? Vai nos ajudar nesse sentido.

## **II BLOCO – AMBIENTAÇÃO DOS TEMAS**

6 - O que é governança para você?

Eu acho que a governança na Pastoral do Turismo, ela ainda está um pouquinho fraca, nós temos aí alguns gatos pingados que tem essa postura de liderança. Não sei se a gente pode falar governança com liderança, mas de certa forma, eu acho que é um casamento ali que andam de mãos dadas, a governança com a liderança e temos poucos. E aí sobrecarrega e acaba ficando, de certa forma, um pouco desanimada assim em algumas situações.

7 - Qual a governança exercida pela PASTUR?

No geral né a gente sempre via a nossa muleta maior a padre Manoel, tá? então que exerce uma liderança junto com a governança. Agora, a Janes ela está surpreendendo até. À princípio, assim, a gente ficava um pouco o pé atrás, mas ela eu acho que ela está se saindo bem, está realmente vestindo a camisa ali. Estamos com umas boas, expectativas aí.

8 - O que é hospitalidade para você?

Hospitalidade, ele tá junto com a acolhida, é aquela coisa, você tem que ter a hospitalidade se a gente vai buscar hospitalidade na Bíblia, é assim, fazer o seu melhor, não importa a quem. E hoje isso parece que as pessoas têm medo um pouquinho dessa hospitalidade, eu sempre fui muito aberta para hospitalidade, já N situações aí que às vezes a minha família puxa minha orelha, mas você está sendo muito aberta. Mas eu acho que é assim, é isso que Jesus era assim com aquele coração aberto, né? É só a gente ver, por exemplo, os doze que ele escolheu. Perfis totalmente diferentes um do outro e ele teve aquela hospitalidade de

acolher, eu acho que hospitalidade é acolhimento de coração, sabe. Já chegou, eu acabo me estendendo. Mas a hospitalidade é o acolhimento de coração aberto, tá.

9 - Onde você vê hospitalidade na PASTUR?

Então estou tentando pensar aqui onde eu vejo a hospitalidade. Quando nós temos os encontros nacionais que têm as pessoas, famílias, por exemplo, as hospedeiras então, e assim eu de certa forma, eu vejo a hospitalidade nesse momento, né? As famílias que acolhem nos encontros nacionais, por exemplo. Eu acho que ali é uma hospitalidade.

### **III BLOCO – CATEGORIAS DE GOVERNANÇA**

10 - Segundo estudos existem quatro principais dimensões para a governança de turismo, como o senhor ver a PASTUR em cada uma dessas, ou não.

DEMOCRACIA:

Olha, eu acho que nós somos bem democráticos, ninguém impõem, de vez em quando democraticamente, é imposto algumas situações, tá, mas assim eu acho que nós respeitamos, sim, eu acho que temos democracias.

TRANSPARENCIA:

Olha, Eu Acredito também. Nós temos transparência sim, as vezes sou um pouquinho assim, ingênua em algumas situações, né? Não sei se por ser leiga, falta de conhecimento, mas isso também não é burrice, né? Mas faz parte de cada um. Mas nós temos transparências assim dentro.

PARTICIPAÇÃO PLURAL:

Participação plural. Acho que aí está melhorando, está melhorando.

COLABORAÇÃO/COOPERAÇÃO:

Então eu acho que ela tá meio junto com a pergunta anterior é um processo que eu acho que está crescendo. Cada encontro que nós temos estamos ampliando, isso vai aumentando a partir do momento que vai se conhecendo, como é que é? O que é pastoral? Eu acho que vai ampliando.

Que outras características de governança podemos apontar na PASTUR ?

Agora não me vem em mente, não.

### **IV BLOCO – CATEGORIAS DE HOSPITALIDADE**

11 - Na Bíblia conseguimos abstrair algumas categorias de análise que permeiam as relações de hospitalidade, como elas podem ser observadas na PASTUR?

CURA:

Cura! Sinceramente cura eu nunca tinha pensado, tá? Mas se a gente vai de repente você instigo aí é acredito assim é as vezes. Temos um caso aqui em Maringá a pessoa entrou na pastoral e ela comentou isso quando ela ficou melhor só da nossa reunião mensal assim pra

Ela, aquilo lá trouxe mais vitalidade pra ela. Ela é guia de turismo e na medida do possível, assim ela participa. É uma pessoa mais acanhada, mas ela falou sobre isso. Acho que é interessante você falar, eu nunca tinha pensado.

ESCUITA:

Escuta. Então é uma pastoral nova na Igreja inclusive, pastoral da escuta. A Vilma, inclusive ela tá fazendo curso. Então eu nunca relatei também a Pastoral do Turismo com a pastoral da escuta, mas é de se pensar, cura, escuta, para mim é novo.

CONVERSÃO: (Inclusão)

Eu acho que aí tem tudo a ver com a pastoral, a pastoral em si, né? Ela tem que ter essa inclusão, essa disposição a se doar um pouco para o outro.

DIÁLOGO: (Paz)

Abrange, né? Turismo, principalmente quando você pensa turismo então assim, você tem que ter paz de espírito, e a tua paz pode estar ok, mas como está lá fora, né?

Que outras características de hospitalidade podemos apontar na PASTUR?

Doação eu acho que você não usou a palavra. Quando a pessoa se propunha, a hospitalidade é uma forma de doação para o outro. Eu acho que você não colocou nenhuma vez essa palavra doação, sabe? Se doar a doação, não no sentido de a eu vou doar uma roupa minha que tá sobrando aqui no meu armário, não. É doar o amor, doar o seu tempo.

## **V BLOCO – ENCERRAMENTO**

12 - Seria possível com instrumentos de governança de cunho humanístico inserir a hospitalidade na atividade turística? E a PASTUR é capaz de realizar tal premissa?

Claro. Eu, pra mim acredito que sim, totalmente. Porque a pastoral é hospitalidade do turismo, então eu acredito que sim, essa é nossa missão inclusive. Não sei, não lembro nossa missão lá que está escrito no nosso estatuto. Tá, mas eu como pessoa, acho que sim.

13 - Alguma informação ou experiência que gostaria de acrescentar?

Não, vai ficar tranquilo.